

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAQUEL GOMES CHAVES

A REDUÇÃO DE PROPAROXÍTONOS NA FALA DO SUL DO BRASIL

Porto Alegre

2011

RAQUEL GOMES CHAVES

A REDUÇÃO DE PROPAROXÍTONOS NA FALA DO SUL DO BRASIL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Cláudia Regina Brescancini

Orientadora

Porto Alegre

Março de 2011

RAQUEL GOMES CHAVES

A REDUÇÃO DE PROPAROXÍTONOS NA FALA DO SUL DO BRASIL

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 14 de março de 2011

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños - PUCRS



Profa. Dr. Laura Rosane Quednau - UFRGS



Profa. Dr. Leda Bisol - PUCRS

O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
(Guimarães Rosa)

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Brescancini, pela dedicada orientação, pelos preciosos ensinamentos e pela onipresença mesmo estando longe.

À professora Leda Bisol, pelo exemplo profissional, pelas valiosas lições e pela paixão com a qual ensina fonologia.

À professora Miriam Lemle (UFRJ), pelas dúvidas sanadas.

À doutoranda Cíntia Gonçalves, pela receptividade e pela atenção.

Aos colegas dos Grupos de estudo de Análise Quantitativa e de Processamento de Áudio e Fonética Acústica (GEPFA), pelas estimadas discussões.

Às colegas que ao longo deste percurso tornaram-se grandes amigas.

Ao banco VARSUL, pelas entrevistas concedidas.

Às amigas Iliana Mussoi e Paula Vieira, pela participação na etapa de conclusão deste trabalho e pela amizade.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa integral.

A minha querida avó Maria Ferreira Gomes (in memoriam), por ter despertado em mim o interesse pela linguagem.

Ao meu avô Hélio Gomes, pelo incentivo absoluto.

Aos meus pais Rosane e Cláudio, pelo apoio incondicional, pela compreensão nos momentos difíceis e pelo carinho.

As minhas queridas irmãs, Júlia e Paula, pelo apoio, pelo amor e pela paciência.

A todos aqueles que contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo assume como propósito a descrição e análise da incidência dos processos de síncope (*ó.cu.los* – *ó.clus*; *árvore* – *árve*, *sábado* – *sádo*) e apócope (*véspera* – *véssper*; *mínimo* – *míni*) em vocábulos proparoxítonos. Os fenômenos de supressão abordados são mencionados como processos conservadores, visto que se manifestam desde o latim e encontram-se presentes no português até a atualidade. A maioria das pesquisas centrada na análise de palavras acentuadas na antepenúltima sílaba no português brasileiro (CAIXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) dedicou-se essencialmente ao estudo da ação do fenômeno de síncope, visto que a incidência do processo na classe acentual referida tem sido relatada desde o latim clássico. No entanto, a manifestação de apócope em proparoxítonos tem sido mencionada em uma série de estudos (CAIXETA, 1989; FERNANDES, 2007; ARAÚJO et al., 2008). Esta pesquisa, fundamentada no modelo teórico-metodológico laboviano da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), compromete-se com uma análise de cunho perceptual dos fenômenos de apagamento, com base na investigação de 102 entrevistas concedidas pelo banco de dados VARSUL. Os informantes que constituem a amostra apresentam baixo grau de escolaridade e são habitantes da Região Sul do Brasil – Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Conforme os resultados sugerem, a manifestação dos processos em vocábulos proparoxítonos é regulada essencialmente por condicionares de ordem linguística. Os fatores de natureza social, delimitados como possíveis influenciadores dos processos, não foram apontados como relevantes à aplicação dos fenômenos de supressão. Além disso, a incidência dos dois processos obedeceu aos princípios universais e condições específicas da língua portuguesa: a síncope foi observada somente quando o processo de ressilabificação, incitado pelo apagamento, respeitou ao sistema fonológico da língua (*ó.cu.los* – *ó.clus*) e a apócope silábica (*árvore* – *árvo*), registrada em maior número do que a apócope vocálica (*número* – *númer*), indicou que, com a elisão da sílaba, o sistema fonológico é preservado, já que o apagamento não incita um processo de ressilabificação.

Palavras-chave: Variação Fonológica; Síncope; Apócope.

ABSTRACT

The current study takes as its purpose the description and analysis of the incidence of syncope (*ó.cu.los* – *ó.clus*; *árvore* - *árve*, *sábado* – *sádo*) and apocope (*véspera* –*vésper*; *mínimo* – *míni*) processes in proparoxytone vocables. The approached suppression phenomena are mentioned as conservative processes, inasmuch as they manifest themselves since the Latin language and they are present in Portuguese until nowadays. Most research focused on the analysis of the words stressed on the antepenultimate syllable in Brazilian Portuguese (CAIXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) devoted mainly to the study of the action of syncope phenomenon, insofar as the incidence of the process on the referred accentual class has been reported since the Classical Latin. However, the manifestation of apocope in proparoxytone has been mentioned in a series of studies (CAIXETA, 1989; FERNANDES, 2007; ARAÚJO et al., 2008). This research, reasoned on the Labovian theoretical-methodological model of Variation Theory (LABOV, 1972, 1994), commits to a perceptual analysis of deletion phenomena, based on the investigation of 102 interviews granted by VARSUL database. The informants that constitute the sample present low education level and are from the Southern Region of Brazil – Paraná, Rio Grande do Sul and Santa Catarina. As the results suggest, the manifestation of the processes in proparoxytone vocables is essentially regulated by linguistic conditioners. Social factors, delimited as possible influencers of the processes, were not pointed as relevant to the suppression phenomena application. Furthermore, the incidence of the two processes obeyed the universal principles and the specific conditions of the Portuguese language: the syncope was only observed when the resyllabification process, incited by deletion, respected the phonological system of language (*ó.cu.los* – *ó.clus*) and the syllabic apocope, registered in greater numbers than the vocalic apocope, denoted that the phonological system was preserved even with the syllable elision, whereas the deletion does not incite a resyllabification process.

Keywords: Phonological Variation; Syncope; Apocope.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índice percentual de informantes com relação à aplicação dos processos de síncope.....	92
Gráfico 2 – Amostra inicial e amostra final por número de informantes - síncope	92
Gráfico 3 – Índice percentual de aplicação dos processos de síncope	95
Gráfico 4 – Índice percentual de aplicação <i>versus</i> de não- aplicação de síncope	97
Gráfico 5 – Cruzamento entre <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i> e <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal</i> – síncope	104
Gráfico 6 – Cruzamento entre <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal</i> e <i>Traço de Articulação da Vogal</i> – síncope	109
Gráfico 7 – Cruzamento entre <i>Traço de Articulação da Vogal</i> e <i>Classe Gramatical</i> – síncope.....	112
Gráfico 8 – Cruzamento entre <i>Faixa Etária</i> e <i>Sexo</i> - síncope.....	114
Gráfico 9 – Taxa de aplicação de síncope por indivíduo	116
Gráfico 10 – Índice percentual de informantes com relação à aplicação dos processos de apócope.....	118
Gráfico 11 – Amostra inicial e amostra final por número de informantes - apócope	119
Gráfico 12 – Índice percentual de aplicação dos processos de apócope	122
Gráfico 13 – Índice percentual de aplicação <i>versus</i> de não-aplicação - apócope.....	126
Gráfico 14 – Taxa de aplicação de apócope por indivíduo.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Padrões silábicos do português.....	40
Quadro 2 – Variáveis Linguísticas propostas e selecionas nos trabalhos variacionistas sobre o PB.....	68
Quadro 3 – Variáveis Extralinguísticas propostas e selecionas nos trabalhos variacionistas sobre o PB.....	69
Quadro 4 – Distribuição dos informantes do RS por célula.....	74
Quadro 5 – Distribuição dos informantes de SC por célula.....	75
Quadro 6 – Distribuição dos informantes do PR por célula.....	75
Quadro 7 – A codificação da Variável Dependente.....	78
Quadro 8 – Distribuição dos informantes do RS por célula - síncope.....	93
Quadro 9 – Distribuição dos informantes de SC por célula - síncope.....	93
Quadro 10 – Distribuição dos informantes de SC por célula - síncope.....	94
Quadro 11 – Síncope consonantal em proparoxítonos: ocorrências excluídas.....	96
Quadro 12 – Proparoxítonos sincopados – consoante velar e líquida vibrante consoante labial e líquida lateral.....	105
Quadro 13 – Cruzamento entre <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal e Traço de Articulação da Vogal</i> – síncope.....	111
Quadro 14 – Cruzamento entre <i>Classe Gramatical e Traço de Articulação da Vogal</i> – síncope.....	113
Quadro 15 – Taxa de aplicação de síncope por indivíduo.....	115
Quadro 16 – Distribuição dos informantes do RS por célula - apócope.....	120
Quadro 17 – Distribuição dos informantes de SC por célula - apócope.....	120
Quadro 18 – Distribuição dos informantes de SC por célula - apócope.....	121

Quadro 19 – Ocorrências de haplologia em proparoxítonos	125
Quadro 20 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente alveolar à vogal pós-tônica final	131
Quadro 21 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente velar à vogal pós-tônica final	132
Quadro 22 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente labial à vogal pós-tônica final	133
Quadro 23 – Taxa de aplicação de apócope por indivíduo.....	139

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal</i> e síncope em proparoxítonos	98
Tabela 2 – <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i> e síncope em proparoxítonos.....	103
Tabela 3 – <i>Extensão da Palavra</i> e síncope em proparoxítonos.....	106
Tabela 4 – <i>Classe Gramatical</i> e síncope em proparoxítonos	107
Tabela 5 – <i>Traço de Articulação da Vogal</i> e síncope em proparoxítonos	108
Tabela 6 – <i>Traço de Articulação da Vogal</i> e apócope em proparoxítonos	127
Tabela 7 – <i>Traço de Articulação da Vogal</i> e apócope em proparoxítonos	128
Tabela 8 – <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i> e apócope em proparoxítonos	129
Tabela 9 – <i>Tipo de Acento</i> e apócope em proparoxítonos	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- As vogais em pauta tônica	8
Figura 2- As vogais em pauta pré-tônica.....	8
Figura 3- As vogais em pauta pós-tônica não-final.....	9
Figura 4- As vogais em pauta pós-tônica final.....	10
Figura 5- Representação da sílaba proposta por Selkirk (1982, p. 331).....	30
Figura 6- Representação das relações entre constituintes (SELKIRK, 1982, p. 343).....	31
Figura 7- O molde silábico do inglês (SELKIRK, 1982, p. 344).....	32
Figura 8- A representação da sílaba do PB (BISOL, 1999, p. 703)	33
Figura 9- Escala de Sôancia (CLEMENTS, 1990, p. 284).....	37
Figura 10-A Condição Positiva do Ataque Complexo (BISOL, 1999, p. 718).....	39
Figura 11-Condição Negativa de Coda (BISOL, 1999, p. 720)	39
Figura 12- Representação da Regra de Adjunção de /S/	40
Figura 13-Regra única de descrição da queda da vogal pós-tônica não-final (CAIXETA, 1989)53	
Figura 14- Inspeção acústica da produção da palavra <i>apêndice</i>	123
Figura 15- Inspeção acústica da produção da sequência <i>chácara de</i>	124
Figura 16- Inspeção acústica da produção da sequência <i>político essas coisas</i>	134
Figura 17- Inspeção acústica da produção da sequência <i>Santo Ângelo Sanra Ro[sa]</i>	134
Figura 18- Inspeção acústica da produção da sequência <i>ai oito quilômetros pra vi[m]</i>	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 SÍNCOPE E APÓCOPE - UM PANORAMA HISTÓRICO	4
1.1 O SISTEMA VOCÁLICO: DO LATIM AO PORTUGUÊS.....	4
1.2 A SÍNCOPE.....	10
1.3 A APÓCOPE	15
1.4 CONCLUSÃO.....	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	20
2.1.1 Dos históricos-comparativos aos neogramáticos	20
2.1.2 A Sociolinguística Variacionista.....	23
2.2 TEORIAS FONOLÓGICAS	29
2.2.1 A sílaba	29
2.2.1.1 <i>A proposta de Selkirk (1982)</i>	29
2.2.1.2 <i>A sílaba no português brasileiro (BISOL, 1999)</i>	33
2.2.2 O acento	41
2.2.2.1 <i>A proposta de Hayes (1995)</i>	42
2.2.2.2 <i>O acento proparoxítono do latim ao português arcaico (Quednau, 2000)</i>	44
2.2.2.3 <i>O acento proparoxítono em nomes e adjetivos no português moderno (BISOL, 1994)</i>	48
2.3 CONCLUSÃO.....	50
3 PROPAROXÍTONOS NO PORTUGUÊS - ESTUDOS SINCRÔNICOS.....	51
3.1 ESTUDOS SINCRÔNICOS..	51
3.2 CONCLUSÃO.....	69
4 METODOLOGIA	71
4.1 O BANCO VARSUL	71
4.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA.....	73
4.3 DELIMITAÇÃO DOS DADOS.....	75

4.4 LEVANTAMENTO DOS DADOS	76
4.5 VARIÁVEIS OPERACIONAIS	77
4.5.1 Variável dependente	77
4.5.2 Variáveis independentes	78
4.5.2.1 <i>Variáveis linguísticas</i>	78
4.5.2.1.1 <i>Processo de Apagamento</i>	79
4.5.2.1.2 <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i>	80
4.5.2.1.3 <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal</i>	81
4.5.2.1.4 <i>Traço de Articulação da Vogal</i>	83
4.5.2.1.5 <i>Estrutura da Sílabas Anterior</i>	83
4.5.2.1.6 <i>Extensão da Palavra</i>	84
4.5.2.1.7 <i>Tipo de Acento</i>	85
4.5.2.1.8 <i>Classe Gramatical</i>	85
4.5.2.2 <i>Variáveis extralinguísticas</i>	86
4.5.2.2.1 <i>Faixa Etária</i>	86
4.5.2.2.2 <i>Sexo</i>	87
4.5.2.2.3 <i>Região</i>	87
4.6 INSTRUMENTO ESTATÍSTICO	88
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	91
5.1 A SÍNCOPE.....	91
5.1.1 Reorganização da amostra.....	91
5.1.2 Seleção das variáveis	94
5.1.2.1 <i>Frequência global</i>	95
5.1.2 .2 <i>Variáveis linguísticas</i>	97
5.1.2 .2.1 <i>Contexto Fonológico Seguinte à Vogal</i>	98
5.1.2.2.2 <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i>	103
5.1.2.2.3 <i>Extensão da Palavra</i>	106
5.1.2.2.4 <i>Classe Gramatical</i>	107
5.1.2 2.5 <i>Traço de Articulação da Vogal</i>	108
5.1.2.3 <i>Variáveis extralinguísticas</i>	113
5.2 A APÓCOPE	118
5.2.1 Reorganização da amostra.....	118
5.2.2 Seleção das variáveis	121

5.2.2.1 <i>Frequência global</i>	122
5.2.2 .2 <i>Variáveis linguísticas</i>	126
5.2.2 .2.1 <i>Traço de Articulação da Vogal</i>	127
5.2.2.2.2 <i>Contexto Fonológico Precedente à Vogal</i>	128
5.2.2.2.3 <i>Tipo de Acento</i>	136
5.2.2.3 <i>Variáveis extralinguísticas</i>	137
5.3 SÍNCOPE E APÓCOPE EM PROPAROXÍTONOS	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	147
ANEXOS	154
ANEXO A - Proparoxítonos que sofreram síncope e apócope	154
ANEXO B - Adjetivos esdrúxulos com vogal coronal /i/ em posição pós-tônica medial.....	158

INTRODUÇÃO

As línguas do mundo, em geral, apresentam variações em todos os campos: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático (FARACO, 2007, p. 35). No âmbito fonético, os metaplasmos, mudanças que consistem na alteração de um vocábulo pelo acréscimo, supressão, troca ou transposição de fonemas, foram responsáveis por muitas modificações que, ao longo dos anos, geraram diferenças significativas entre as línguas.

O presente trabalho deter-se-á exclusivamente no estudo do comportamento dos fenômenos de *síncope* e *apócope*, diacronicamente designados como metaplasmos de supressão. Os fenômenos em exame atuam nas sílabas átonas seguintes à tônica, transformando as palavras acentuadas na antepenúltima sílaba em paroxítonas. De forma mais específica, a *síncope* consiste na supressão de segmentos interiores à palavra (*xícara – xícra; árvore – árve; sábado - sádo*) e a *apócope*, conforme indica a literatura recente, consiste no apagamento dos segmentos finais dos vocábulos proparoxítonos (*apêndice – apêndis, elétrico- elétri*).

A maioria dos estudos relativos ao português brasileiro (CAIXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) centrados na análise de itens lexicais esdrúxulos versa sobre a incidência do processo de síncope que atua reduzindo proparoxítonos em paroxítonos. No entanto, a *apócope* sobre palavras acentuadas na penúltima sílaba foi indicada nos estudos de Caixeta (1989), Araújo et al. (2008) e Ramos (2009) como processo que, possivelmente, assim como a síncope, também age na redução de palavras esdrúxulas.

A presente pesquisa, com base nas informações fornecidas pelos estudos precursores referidos, diferencia-se dos demais trabalhos realizados sobre redução de proparoxítonos no português brasileiro por buscar a sistematização tanto da síncope quanto da *apócope*. Dessa forma, como objetivo primordial, este trabalho pretende descrever e analisar tais processos de supressão vocálica, apontados pela literatura como responsáveis pela redução de

proparoxítonos em paroxítonos, à luz da Sociolinguística Variacionista. (LABOV, 1972, 1994). São investigadas 102 entrevistas de fala de natureza espontânea, concedidas pelo projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL). Os informantes que compõem a amostra em exame apresentam baixo grau de escolaridade (nível primário) e são habitantes dos três Estados da Região Sul do País - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: identificação da natureza dos processos de apagamento, isto é, se ambos podem ser caracterizados como fenômenos variáveis, e, caso haja a comprovação, indicação do estágio em que os processos encontram-se (variação estável ou mudança em andamento) e, por fim, delimitação dos fatores linguísticos e sociais que atuam como favorecedores à manifestação dos processos de supressão segmental em posição pós-tônica.

A partir dos objetivos elencados e com base nos resultados apontados por trabalhos precursores (CAIXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008), pressupõem-se que os dois processos em análise – síncope e apócope – tratem-se de fenômenos, primordialmente, regulados pelos princípios silábicos da língua portuguesa, influenciados, portanto, tanto por fatores linguísticos quanto por fatores de ordem social. Além disso, presume-se que ambos os fenômenos tratem-se de processos em variação estável nas amostras consideradas.

Apresentados os objetivos deste estudo, faz-se necessário expor como a dissertação encontra-se organizada.

No primeiro capítulo, um percurso histórico referente aos processos de apagamento centrais a este estudo será traçado. Primeiramente, o sistema vocálico desde o latim até o português moderno será exposto. Logo em seguida, os fenômenos de supressão vocálica, síncope e apócope, serão abordados individualmente. A ênfase estará voltada à manifestação dos processos no latim em comparação à atuação no português moderno.

Os pressupostos teórico-metodológicos, basilares a esta pesquisa, serão apresentados no segundo capítulo. O estudo da mudança linguística introduz a seção, seguido pela exposição do surgimento da Sociolinguística Variacionista, modelo teórico que governa este trabalho. Os modelos fonológicos norteadores da presente investigação serão introduzidos também neste capítulo. Serão expostas a Teoria da Síllaba, na proposta por Selkirk (1982) e a Teoria Métrica, na perspectiva de Hayes (1995). Aplicações desses modelos à constituição silábica do português e acentual do latim e do português serão revisadas à luz de Bisol (1999) e Quednau (2000).

No terceiro capítulo, os estudos que versam sobre a análise de proparoxítonos no português serão exibidos. Em acréscimo, os resultados alcançados pelos trabalhos serão comparados e discutidos.

A metodologia empregada para a realização desta pesquisa será descrita no quarto capítulo. A amostra considerada, o processo de delimitação e levantamento de dados, as variáveis estipuladas como possíveis condicionadoras dos fenômenos de síncope e apócope, assim como o instrumento estatístico utilizado para a realização da análise quantitativa serão detalhadamente explicitados.

No quinto capítulo, os resultados gerados pela análise de cunho estatístico referente à atuação dos fenômenos de síncope e apócope, na amostra considerada, serão divulgados e discutidos. Em seguida, uma análise por indivíduos será feita com a finalidade de observar como a variação individual pode estar interferindo nos resultados apresentados pelo grupo em exame. Por fim, as semelhanças e diferenças entre os dois processos serão relatadas.

Na última seção, serão expostas as considerações finais a respeito dos resultados atingidos por este estudo.

1 SÍNCOPE E APÓCOPE: UM PANORAMA HISTÓRICO

Neste primeiro capítulo, os processos de supressão vocálica – síncope e apócope – que fazem parte do escopo da presente pesquisa serão introduzidos. Na seção 1.1, será traçado um percurso histórico referente às vogais, desde o latim até o português moderno. Nas seções 1.2 e 1.3, a manifestação dos fenômenos de apagamento vocálico referidos será discutida. Por fim, os aspectos mais relevantes à condução desta pesquisa, apresentados no corrente capítulo, serão abordados na seção 1.4.

1.1 O SISTEMA VOCÁLICO: DO LATIM AO PORTUGUÊS

No latim clássico¹, segundo Ilari (2002, p. 72), o sistema vocálico era constituído por cinco vogais – *a*, *e*, *i*, *o* e *u*. Cada segmento vocálico poderia apresentar o traço de duração longo – *ā*, *ē*, *ī*, *ō* e *ū* –, ou breve – *ă*, *ĕ*, *ĭ*, *ŏ* e *ŭ*. Em outros termos, a qualidade vocálica – longa ou breve² – exercia função distintiva. A vogal *o* da palavra *os*, por exemplo, ao ser expressa com duração breve (*ŏs*) significava *osso*, enquanto que, ao ser registrada com duração longa (*ōs*), significava *rosto* (ILARI, 2002, p. 72).

O traço de duração das vogais latinas, além disso, exercia papel no processo de acentuação. No latim clássico, os monossílabos eram os únicos oxítonos (VASCONCELOS, 1946, p. 255). As palavras dissílabas, por sua vez, eram sempre acentuadas na penúltima sílaba, e os trissílabos eram paroxítonos ou proparoxítonos de acordo com o peso da penúltima sílaba: caso a sílaba fosse leve – com vogal breve, sem nenhuma consoante na posição silábica terminal ou sem ditongo –, o acento recairia sobre a antepenúltima sílaba;

¹ Definido por Coutinho (1970, p.29) como língua escrita, relacionada às obras dos escritores latinos, e caracterizada pelo vocabulário apurado, elegância e correção gramatical.

² Coutinho (1970, p. 101) destaca que os romanos utilizavam o tempo equivalente ao de duas vogais breves na emissão de uma vogal longa.

caso fosse pesada – com vogal longa, consoante na posição silábica terminal ou ditongo –, a penúltima sílaba seria, então, acentuada (WILLIAMS, 1973, p. 15-16).

Conforme Quednau (2004, p. 124), são exemplos dos tipos acentuais mencionados:

- Palavras com três sílabas ou mais:
 - a) com a penúltima sílaba longa: *fidélis, fortitúdo, religiósus, magístra, turbulénta*;
 - b) com a penúltima sílaba breve: *fácilis, fémina, amicítia, víola, impérium*;
- Palavras com duas sílabas: *silva, úmbra, rósa, hómo, líber*;
- Palavras monossílabas: *spé, sús, sól, vír, cór*.

No latim vulgar, entretanto, as diferenças de duração vocálica foram gradualmente suplementadas por diferenças de abertura. Conforme Williams (1973, p. 17), as vogais, que no latim clássico eram classificadas em termos qualitativos como breves ou longas, passaram a ser, no latim vulgar, designadas por meio de parâmetros quantitativos em vogais abertas ou fechadas – as vogais longas tornaram-se mais fechadas e as vogais breves mais abertas. Em virtude disso, as vogais breves e longas perderam o caráter distintivo.

Com base nas informações apresentadas por Coutinho (1970, p. 102), as mudanças sofridas pelo sistema vocálico latino encontram-se ilustradas a seguir:

Latim Clássico	Latim Vulgar
ā e ǻ	a
ě	e
ī e ē	e
ī	i
ō	o
ō e ū	o
ū	u

Em detrimento da mudança sofrida pelo sistema vocálico, alterações no sistema acentual latino foram também observadas. Segundo Ilari (2002, p. 74), no latim clássico, o acento de altura³, descrito pelo autor como acento tonal, foi suplementado pelo acento de intensidade⁴. Apesar da queda do acento tonal, a acentuação, no latim vulgar, continuou, de

³ Conforme Coutinho (1970, p. 81-82), os acentos que recaem sobre os vocábulos são essencialmente dois: o de *altura* e o de *intensidade*. De acordo com o autor, as sílabas nas quais o acento de altura recai são produzidas um tom mais alto e aquelas nas quais o acento de intensidade incide são produzidas com maior força e energia.

⁴ Ilari (2002, p. 74) afirma que, no latim vulgar, o acento tonal do latim literário, isto é, o acento de altura, foi suplementado pelo tônico, acento de intensidade característico das línguas românicas.

maneira geral, a obedecer aos mesmos princípios governadores das regras acentuais no latim clássico (ILARI, 2002, p. 74). Segundo Williams (1973, p. 16) e Ilari (2002, p. 74), apenas algumas transformações sofridas pelo sistema merecem ser destacadas, a saber:

- a) Em vocábulos compostos por três ou mais sílabas, houve um deslocamento acentual da antepenúltima sílaba (latim clássico) para a penúltima sílaba (latim vulgar), quando a vogal da penúltima sílaba encontrava-se entre uma oclusiva e uma líquida vibrante (*íntegrum* > *intégrum*; *ténebras* > *tenébras*);
- b) Em alguns casos de recomposição, o acento dos afixos foi deslocado para o radical (*cúm + tínet* > *conténet*; *ré + vóco* > *revóco*). No latim clássico, em contraposição, os compostos eram regidos pelos mesmos preceitos das demais palavras, ou seja, de acordo com o peso silábico e número de sílabas;
- c) Quando as vogais *i* ou *e* formavam hiato com a vogal breve seguinte, o acento proparoxítono passou a paroxítono (*mu.lí.e.re* > *mu.li.é.re*).

Massini – Cagliari (1995, p. 111) enfatiza que, mesmo com a introdução do acento de intensidade, as regras acentuais permaneceram reguladas pelo peso silábico. Em outras palavras, as sílabas pesadas, assim classificadas quando apresentavam uma vogal longa, ditongo, ou uma consoante em posição terminal no latim clássico continuaram a ser consideradas pesadas exclusivamente quando apresentavam ditongo ou uma consoante em travamento silábico no latim vulgar.

A perda do caráter distintivo entre vogais breves e longas, aliada à introdução do acento de intensidade no sistema latino, fez com que, ainda no latim vulgar, as vogais passassem a ser classificadas como *tônicas* ou *átonas*. Na posição tônica, as cinco vogais (*a*, *e*, *i*, *o* e *u*) foram mantidas. Já na posição átona, o sistema vocálico latino foi reduzido (ILARI, 2002, p. 75). As vogais átonas, independentes do posicionamento em relação à sílaba que carregava o acento de intensidade – pré-tônico ou pós-tônico –, tornaram-se, portanto, simplificadas.

Sobre as vogais latinas, Nunes (1969) destaca que:

Em consequência de sobre elas incidir o acento predominante ou tónico, as vogais que por este facto tem tal nome conservam-se invariavelmente, como vimos, enquanto as restantes da palavra estão sujeitas a vários acidentes que vão desde o seu enfraquecimento até a sua elisão [...] As vogais átonas partilham da sorte das sílabas com o mesmo nome; como estas, alteram-se por vezes até desaparecerem, mas, quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir (NUNES, 1969, p.55).

No mesmo sentido, Ilari (2002, p. 75), ao comparar as vogais tónicas às átonas do latim vulgar, ressaltou que as últimas apresentam tendência generalizada à queda. Dentre os elementos vocálicos átonos, Coutinho (1970, p. 106) apontou as vogais situadas em posição anterior à tónica como mais resistentes ao apagamento do que aquelas localizadas em ambientes pós-tónicos.

No português arcaico, as sete vogais /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/, que compunham o sistema vocálico do latim vulgar, foram mantidas. Segundo Coutinho (1970, p. 103), as vogais tónicas passaram, do latim ao português, inalteradas em virtude de o acento tê-las tornado mais resistentes do que as vogais situadas em posições em que o acento de intensidade não incidia.

Em relação às vogais átonas, Coutinho (1970, p. 106 - 108) indica que durante o período de formação da língua portuguesa muitos processos de apagamento vocálico foram observados, tanto nos elementos pré-tónicos (*epigru* > *prego*, *episcopu* > *bispo*) como nos segmentos pós-tónicos (*bene* > *bem*, *sine* > *sem*). Dessa forma, assim como no latim vulgar, as vogais não acentuadas eram mais frágeis do que as tónicas e, portanto, suscetíveis à queda.

O sistema vocálico do português moderno, por sua vez, conforme afirma Câmara Jr. (1977, p. 30 - 31), manteve as sete vogais existentes no português arcaico, a saber: /a/, /ɛ/, /e/, /ɔ/, /o/, /i/ e /u/. Segundo a perspectiva estruturalista de análise, isso significa que quando o acento de intensidade recai sobre o elemento vocálico, as sete vogais listadas apresentam carácter distintivo⁵. Em concordância com Coutinho (1970, p. 103), Callou & Leite (2005, p. 79) afirmam que a distinção entre as vogais acentuadas ocorre em virtude de a sílaba tónica ser o “contexto em que há maior estabilidade articulatória”.

Câmara Jr. (1977, p. 31) utilizou o sistema triangular vocálico, proposto por Trubetzkoy (1929), para representar as vogais portuguesas em posição tónica. A classificação expressa na Figura 1 ilustra os movimentos articulatórios da língua – vertical e horizontal – realizados na produção das vogais.

⁵ A distinção entre as vogais tónicas do português podem ser observadas em *s[a]co*, *s[e]co*, *s[ɛ]co*, *s[o]co*, *s[ɔ]co*, *s[u]co* e *s[i]lo* (BATTISTI e VIEIRA, 2005, p. 172).

altas	/u/			/i/	
médias		/ɔ/		/e/	(2º grau)
médias		/o/		/e/	(1º grau)
baixas			/a/		
	posteriores		central		anteriores

(CÂMARA JR., 1977, p. 31)

Figura 1 – As vogais em pauta tônica

Na posição átona, entretanto, as vogais médias e altas ficam sujeitas ao processo de neutralização. Em outros termos, as vogais que outrora apresentavam distinção na pauta tônica, perdem a função fonológica em pauta átona. Nesse sentido, Câmara Jr. (1977, p. 33) destaca: “o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas”. Ao fazer referência ao comportamento das vogais átonas portuguesas, o autor faz alusão tanto aos segmentos vocálicos que ocupam a posição pré-tônica como aos que se situam em posição pós-tônica.

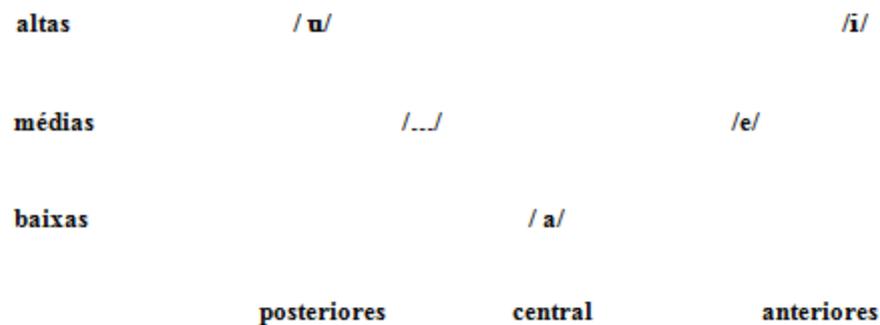
Em pauta pré-tônica, a distinção entre as vogais /ɛ/ e /e/ (*b[ɛ]lo*, *b[e]za*), e entre as vogais /ɔ/ e /o/ (*f[ɔ]rma*, *f[o]rmoso*) é anulada. Dessa forma, as vogais médias de 1º e 2º graus, localizadas antes da tônica, sofrem o processo de neutralização. A Figura 2 ilustra a configuração das vogais em pauta pré-tônica.

altas	/u/			/i/
médias		/o/		/e/
baixas			/a/	
	posteriores		central	anteriores

(CÂMARA JR., 1977, p. 34)

Figura 2 – As vogais em pauta pré-tônica

As vogais, no que diz respeito à pauta pós-tônica, são classificadas em pós-tônicas não-finais (*época*, *abóbora*) e pós-tônicas finais (*número*, *índice*). Em relação às vogais pós-tônicas não-finais, a neutralização entre /o/ e /u/ é verificada (*ép[o]ca* – *ép[u]ca*; *abób[o]ra* – *abób[u]ra*). Entretanto, a neutralização não se manifesta entre as vogais /e/ e /i/. Segundo Câmara Jr. (1977, p. 34), a distinção entre as duas vogais é mantida, apesar de o autor identificar dificuldade em encontrar pares mínimos que a confirmem. O triângulo vocálico representativo das vogais pós-tônicas não-finais, apresentado pelo autor, encontra-se a seguir, na Figura 3.

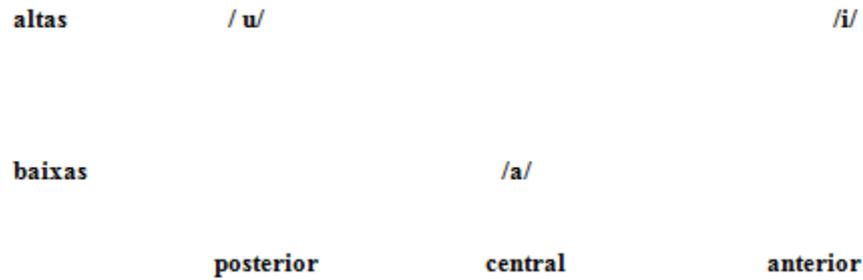


(CÂMARA JR., 1977, p. 34)

Figura 3 – As vogais em pauta pós-tônica não-final

Em relação às vogais átonas finais, Câmara Jr. (1977, p. 34) denuncia que a neutralização ocorre tanto entre /o/ e /u/ quanto entre /e/ e /i/, independente de as vogais serem seguidas ou não por /s/. Desse modo, não se observa distinção de significado, por exemplo, entre *métod[o]* e *métod[u]* e entre *árvor[e]* e *árvor[i]*.

O esquema triangular representativo das vogais em posição pós-tônica final encontra-se expresso a seguir:



(CÂMARA JR., 1976, p. 34)

Figura 4 – As vogais em pauta pós-tônica final

Percebe-se, a partir da perspectiva de análise exposta, que as vogais portuguesas seguintes à tônica são apontadas como mais fracas do que as vogais acentuadas e, portanto, referidas como suscetíveis à incidência de diversos fenômenos. Além da elevação das vogais pós-tônicas não-finais (*época* – *épuca*) e finais (*árvore* – *arvori*), a queda da vogal pós-tônica não-final (*abób[ora]* – *abóbra*) e a queda da vogal pós-tônica final (*númer[or]* – *númer*) também representam alguns desses processos.

Na sequência deste capítulo, os processos referentes aos fenômenos de queda da vogal pós-tônica não-final (síncope) e queda da vogal pós-tônica final (apócope), mencionados no parágrafo precursor, serão apresentados.

1.2 A SÍNCOPE

A *síncope* é descrita como a supressão de um fonema interno à palavra (FARIA, 1955, p. 162), observado em diversas línguas do mundo. Tal processo incide, geralmente, sobre os segmentos átonos dos vocábulos. Dubois (1978), em relação a esse processo de apagamento, assevera que:

Na evolução das línguas, a síncope é um fenômeno muito freqüente de desaparecimento de um ou mais fonemas no interior de uma palavra. As vogais e sílabas átonas estão particularmente sujeitas a isso. Por exemplo: a passagem do latim *calidus*, *verecundiam*, respectivamente ao port. *caldo* e *vergonha* deve-se a um fenômeno de síncope (DUBOIS, 1978, p. 551- 552).

Conforme Faria (1955, p. 167), o processo de síncope já se manifestava no latim proto-histórico⁶ (*opificina* > *officina*; *columen* > *culmen*), atuando essencialmente sobre palavras “de quatro ou mais sílabas, cuja segunda sílaba fosse aberta e contivesse uma vogal breve”.

No latim vulgar, como relatam os estudos diacrônicos de Williams (1973, p. 18), Nunes (1969, p. 68) e Coutinho (1970, p. 106), a síncope passou a atuar de maneira mais significativa em virtude do enfraquecimento das vogais situadas nas sílabas átonas (cf. seção 1.1). No período, a síncope mais significativa incidiu sobre segmentos vocálicos que ocupavam posição nuclear da penúltima sílaba de vocábulos proparoxítonos, transformando-os em paroxítonos. De acordo com Coutinho (1970, p. 107), a queda da vogal pós-tônica não-final era observada, de forma mais expressiva, quando a vogal fosse:

- a) precedida por uma consoante qualquer e seguida por uma consoante lateral ou vibrante (*másculus* > *másclus*; *áltera* > *áltra*; *sácerus*, *sócrus*);
- b) precedida por uma consoante labial e seguida por uma consoante de outra espécie (*dóminos* > *dómnus*; *lámína* > *lámna*);
- c) precedida por uma consoante líquida vibrante ou lateral e seguida por outra consoante qualquer (*áridus* > *árdus*; *víridis* > *viridis*; *cálidus* > *cáldus*; *sólidus* > *sóldus*);
- d) precedida por /s/ e seguida por outra consoante (*pósitus* > *póstus*).

Diversos estudos de natureza diacrônica (NUNES, 1969; COUTINHO, 1970; WILLIAMS, 1973) afirmam que, em detrimento da alta incidência do processo de síncope, o grupo de proparoxítonos tornou-se reduzido na passagem do latim vulgar ao português. O fenômeno, ao elidir a vogal pós-tônica não-final dos esdrúxulos, transformou a maioria dos vocábulos latinos em paroxítonos. Os casos que ilustram a aplicação do processo de apagamento vocálico medial, expressos a seguir, foram citados por Coutinho (1970, p. 106 - 107).

⁶ Segundo Vasconcelos (1946, p. 25), o latim proto-histórico, chamado também de latim bárbaro, corresponde ao período que compreende entre os séculos IX e XII.

LATIM	PORTUGUÊS
vir(i)de	verde
man(i)ca	manga
dom(i)nu	dono
com(i)te	conde
litt(e)ra	letra
gen(e)ru	genro
lep(o)re	lebre

Segundo os estudos históricos aludidos, no português arcaico, poucos foram os vocábulos proparoxítonos que sobreviveram à atuação do processo de síncope. De acordo com Castro (2008), a maioria dos itens esdrúxulos que vieram a compor o léxico no período não apresentava raiz latina. Nesse sentido, o autor (2008, p. 20) alega que a maioria dos proparoxítonos existentes na época era de origem grega e, mesmo assim, transformavam-se em paroxítonos no emprego oral.

Nunes (1969) também destaca o fato de que o uso dos proparoxítonos tornou-se incomum no período de formação do português. Nas palavras do autor:

Não obstante a antipatia da língua pelos proparoxítonos, ainda ela conserva grande número deles, se não de proveniência, pelo menos de transmissão popular, tais são, por exemplo, estes: *érvodo, víbora, lídimio, dízima, dívida, hóspede, pêssego, lágrima, côvado (pop. côvedo), Évora, etc., de arbütu-, vipěra-, legitĩmu- decĩma-, debita-, hospĩte-, persicu-, lacřĩma-, cúbito-, Eborá, etc.*; creio, porém, que muitos devem a sua conservação a emprego restrito ou influência literária, pois os mais usados de proparoxítonos que eram tornaram-se paroxítonos [...] Levado por essa antipatia, o povo, sempre que o vocábulo o permite, passa-o de proparoxítono a paroxítono (NUNES, 1969, p. 69).

No período Renascentista, como se refere Amaral (1999), baseada em Nunes (1969), os vocábulos esdrúxulos passaram a ser considerados ferramenta de um vocabulário refinado e poético. Além disso, segundo a autora, o caráter erudito dos proparoxítonos foi fortalecido ainda mais com a tentativa de recuperação da cultura clássica e dos valores cultivados na Antiguidade: diversos termos e expressões foram retomados de períodos pretéritos da língua, permitindo, assim, a reincorporação de alguns proparoxítonos ao léxico do português.

Tal posicionamento é questionado por Araújo et al. (2008), cujo trabalho fornece indícios de que os proparoxítonos não foram acrescentados à língua portuguesa apenas no século XVI. Os autores, com base na investigação de documentos históricos, realizaram o levantamento de datas referentes à entrada dos itens lexicais no português, a fim de localizar temporalmente o reaparecimento de palavras do grupo acentual. De forma mais específica, os pesquisadores buscaram o ano em que os vocábulos proparoxítonos passaram a recompor o

vocabulário português.

Segundo os pesquisadores, caso os esdrúxulos tivessem sido realmente reincorporados ao léxico da língua portuguesa apenas no período Renascentista, os primeiros documentos a apresentarem proparoxítonos datariam do século XVI e a distribuição dos vocábulos referidos deveria atingir o ápice no mesmo século. Porém, os autores observaram que tanto os proparoxítonos quanto os vocábulos de outras classes acentuais, oxítonos e paroxítonos, foram introduzidas ao léxico português durante os séculos XII, XVI e XIX. Conforme os autores:

A data média da primeira documentação na língua das palavras proparoxítonas no DH⁷ é o ano de 1843, com uma dispersão (desvio-padrão) de 147 anos, enquanto as não proparoxítonas têm como data média o ano de 1737 com uma dispersão de 218 anos. Assim, embora a primeira previsão seja numericamente correta [...] tanto as proparoxítonas como as não-proparoxítonas entram na língua de forma regular em todos os séculos. Pode-se, inclusive, afirmar que há uma tendência para picos nos séculos XIII, XVI e XIX, tanto para as proparoxítonas quanto para as não proparoxítonas. O primeiro pico está associado ao próprio surgimento do português como língua independente. O último pode estar ligado, entre outras coisas, às revoluções técnico-científicas, à explosão demográfica na Europa e na América e à consolidação da escolarização universal que promoveu um letramento em massa, resultando em um número maior de obras literárias e não-literárias impressas. A correlação entre Renascença e proparoxítonas não é estatisticamente evidente. (ARAÚJO et al., 2008, p. 21).

Desse modo, os pesquisadores identificaram, por meio de levantamento quantitativo, que não é possível estabelecer uma correlação exclusiva entre entrada de proparoxítonos na língua portuguesa e o período Renascentista.

Assim sendo, a tese de Araújo et al. (2008) confronta com a de que os vocábulos proparoxítonos, presentes no vocabulário português, sejam eruditos. Isso porque o argumento defendido pelos estudos diacrônicos, que validaria o caráter refinado atribuído ao grupo acentual, baseia-se na informação de que os vocábulos esdrúxulos teriam sido reincorporados ao léxico português apenas no século XVI, por meio de textos literários.

O presente estudo parte do pressuposto de que o processo de síncope, que se manifestou durante o período de formação da língua portuguesa, continua presente até hoje. A atuação do fenômeno tem sido descrita por diversas pesquisas de cunho sincrônico, entre as quais é possível destacar: *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas* (CAIXETA, 1989); *As proparoxítonas: teoria e variação* (AMARAL, 1999); *Estudo linguístico-histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais* (XIMENES, 2005); *Supressão*

⁷ DH – Dicionário Houaiss

da vogal postônica não-Final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense (SILVA, 2006); Apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos: um contributo para a compreensão da supressão vocálica em português europeu (FERNANDES, 2007); Análise do efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano (LIMA, 2008) e Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista (RAMOS, 2009)⁸.

Cada um dos trabalhos citados, dentre seus objetivos particulares, buscou descrever a ocorrência do fenômeno de queda da vogal pós-tônica medial em diferentes dialetos, contribuindo, assim, para a compreensão de como o processo comporta-se no português. Nos estudos mencionados, a síncope em vocábulos esdrúxulos é descrita como a queda da vogal pós-tônica não-final (*chác[a]ra – chácra*). Essa supressão, por vezes, provoca a queda de outros segmentos, resultando na supressão da sílaba pós-tônica medial (*sá[ba]do – sádo*) ou, em alguns casos, no apagamento da vogal pós-tônica medial e consoante em posição de ataque na última sílaba (*estôm[ag]o – estômo*).

Araújo et al. (2008, p. 16), ao considerar as 18.413 palavras esdrúxulas presentes no Dicionário Houaiss, indicam que cerca de 60% dos proparoxítonos não geram encontros consonantais válidos após a incidência de síncope (*rápido –* rápdo*). Conforme os autores, o apagamento da vogal pós-tônica não-final origina sílabas admitidas pelo português em apenas 34,9% dos dados em estudo, isto é, a soma das codas e ataques válidos⁹.

De acordo com os pesquisadores:

Do total de 18.413 palavras com acento antepenúltimo no *corpus*, cerca de dois terços das palavras proparoxítonas não formam *clusters* válidos quando é feito o apagamento mecânico da vogal da sílaba pós-tônica, como em *rápido > *ráp.do*, *calotípico > *calotíp.co*, *haféfobo > *haféf.bo*. O apagamento da vogal da sílaba pós-tônica gera sílabas com codas válidas em 4.287 casos ou 23,2% do total, como em *física > fís.ca*, *anisúrico > anisúr.co*, *gênese > gên.se*. Em 439 casos, ou 2,4% do total, a sílaba pós-tônica não-final é formada somente por uma vogal. Por fim, são geradas palavras cuja sílaba pós-tônica possui um *onset* válido, como em *abóbora > abó.bra*, *próspero > pró.s.pro*, útero > ú.tro em 2.158 (11,7%) dos casos, resultando em sílabas inválidas em 62,7% das palavras (ARAÚJO et al., 2008, p. 16).

O fato, destacado por Araújo et al. (2008), de que a maioria das palavras esdrúxulas com a vogal coronal /i/ em ambiente pós-tônico não-final não permite a constituição de uma

⁸ Os trabalhos listados serão abordados individualmente no Capítulo 3.

⁹ Segundo Araújo et al (2008), as codas válidas totalizam 23,2% do total de proparoxítonos existentes no português, enquanto que os ataques permitidos representam 11,7%. Dessa forma, a soma das porcentagens indica o índice de contextos nos quais a síncope atua sem violar os princípios universais e condições da língua portuguesa.

sílaba bem-formada, após a incidência da síncope da vogal, foi verificado nas pesquisas de Caixeta (1989), Amaral (1999), Lima (2008) e Ramos (2009). Os autores, que analisaram o comportamento da síncope no português brasileiro vernacular, identificaram, na maior parte dos dados submetidos à análise, que o processo manifestou-se poucas vezes em contextos nos quais as restrições fonotáticas da língua não licenciam a atuação do fenômeno. Dessa forma, a manifestação da síncope que, no período de transição do latim vulgar ao português era praticamente categórica em proparoxítonos, na atualidade, como indicam os trabalhos de cunho variacionista citados, manifesta-se em um número restrito de contextos.

Na próxima seção, a apócope, fenômeno de supressão terminal, será abordada.

1.3 A APÓCOPE

Enquanto a síncope é descrita como apagamento segmental no interior da palavra, a apócope é delimitada como uma mudança fonética que consiste na supressão de um ou mais fonemas no final de um vocábulo. Dubois (1978) define apócope como:

[...] uma mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra. Na maioria das vezes a apócope corresponde a um fenômeno de sândhi e provem do hábito de tratar certas palavras da frase como se fizessem parte da palavra que precede ou que segue. Ex: elisões portuguesas dele, deste, daqui, etc. são fenômenos para evitar hiato (DUBOIS, 1978, p. 20).

No período anterior ao latim clássico (latim pré-literário), segundo Faria (1955, p. 170), a apócope da vogal *e* era observada com frequência; entretanto, a manifestação do fenômeno parecia não obedecer a nenhum critério. Nas palavras do autor: “a apócope do *e* apresenta numerosos exemplos impossíveis de enfeixar numa fórmula comum pela variedade que apresenta” (FARIA, 1955, p. 170).

No que diz respeito ao latim vulgar, segundo assevera Coutinho (1970), a apócope mais recorrente foi representada pelo apagamento da vogal *e* antecedida por *r*, *l*, *s*, *z* ou *n*. A queda do *e* pós-tônico final ocorria somente quando “o fonema, que com ele formava a sílaba, pôde formar igualmente sílaba com os fonemas anteriores” (COUTINHO, 1970, p. 106). Os exemplos a seguir, apresentados pelo autor, ilustram a queda da vogal coronal final:

- a) amar(e) > amar
- b) fidel(e) > fiel
- c) mens(e) > mês
- d) cruc(e) > cruz
- e) sin(e) > sem

Em relação ao português moderno, observam-se diferentes manifestações de apócope. A supressão do – r final dos verbos no infinitivo (*fala(r) – falá; dize(r) – dizê*) expressa a ativa manifestação do processo de apagamento no português moderno. Bagno (2007) afirma que:

O apagamento de /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais palavras é freqüente em determinadas variedades regionais (como as nordestinas). Daí a impropriedade de usar grafias como CANTÁ, VENDÊ, SAÍ, como representativas da fala popular, já que elas também caracterizam os falantes urbanos escolarizados (BAGNO, 2007, p.148).

O apagamento do – r, em posição silábica terminal, não é um processo recente no português brasileiro. Oliveira (2001), ao fazer uma revisão cronológica da supressão do segmento, encontrou indícios de que o fenômeno ocorre desde o latim e foi se “expandindo para diferentes classes de palavras e estratos sociais, visto que era inicialmente comum principalmente nos infinitivos” (OLIVEIRA, 2001, p. 05).

Embora o processo de apócope não tenha se manifestado diacronicamente na redução de vocábulos esdrúxulos em paroxítonos, visto que não há registros da atuação do fenômeno de supressão sobre proparoxítonos latinos, alguns trabalhos centrados no comportamento dos esdrúxulos no português moderno fazem menção à apócope, apontando o processo como possível redutor de proparoxítonos. Dentre os trabalhos que se referem à incidência de apócope em proparoxítonos alude-se: *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas* (CAIXETA, 1989), *Apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos: um contributo para a compreensão da supressão vocálica em português europeu* (FERNANDES, 2007), *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português* (ARAÚJO et al., 2008) e *Descrição das vogais postônicas na variedade do noroeste paulista* (RAMOS, 2009)¹⁰.

Caixeta (1989, p. 81), apesar de não ter se detido a um estudo detalhado da incidência do fenômeno de apócope, mencionou ter encontrado, nos dados submetidos à análise, a queda de segmentos finais na palavra *matemáti[ca] – matemáti* e a queda de

¹⁰ Os trabalhos elencados serão discutidos no Capítulo 3.

elementos terminais resultantes de um processo de haplologia¹¹ (*sábado domingo – saba[do]mingo*).

Ramos (2009), da mesma forma, identificou em sua pesquisa uma série de processos diferentes da síncope, que, segundo a autora, também atuavam na redução de vocábulos proparoxítonos. Dentre esses, destacou a queda da sílaba final em palavras como *árvore* – [ˈa.ɾvʊ], *cômoda* – [ˈkõmo], *médico* – [ˈmedʒɪ] e *matemática* – [matˈmatʃɪ], assim como o apagamento da rima da sílaba final da palavra *parênteses* – [paˈrẽntʃɪs].

Araújo et al. (2008, p. 14) também denunciaram a possibilidade da incidência de apócope como redutora de proparoxítonos. Nas palavras dos pesquisadores:

Outro caso a ser considerado ocorre em palavras que possuem [s] ou [z] no *onset* da sílaba final seguidos de [i]. Nesse caso, a vogal final é apagada e a consoante [s] é ressilabificada para a coda da sílaba postônica, gerando uma paroxítona. Portanto, temos aqui um caso distinto dos apresentados [...] a redução em (apólice – apólis, elefantíase – elefantiaz), ocorre devido ao apagamento da vogal da sílaba átona final (apócope). É o que ocorre com 611 palavras do *corpus* (ARAÚJO et al., 2008, p.14).

Com relação ao português europeu, a manifestação da apócope em esdrúxulos foi descrita no estudo desenvolvido por Fernandes (2007) intitulado *Apagamento das vogais átonas em trissílabos proparoxítonos: um contributo para a compreensão silábica do português europeu*. A autora, ao investigar a produção de trissílabos esdrúxulos na fala de três informantes lusitanos, observou a incidência tanto do fenômeno de síncope (*op[er]a – ópra*), como do processo de apócope (*cômod[o] – cômod*) e, muitas vezes, a manifestação simultânea de ambos (*ímp[er]t[o] – ímpt*).

Os dados nos quais a autora observou a queda do segmento vocálico terminal fornecem indícios de que a atuação da apócope em proparoxítonos, no português europeu, viola os princípios e condições reguladores da boa-formação silábica na língua¹². Fernandes (2007) registrou, por exemplo, casos de apagamento da vogal final em palavras como *súbito* [ˈsubit] e *música* [ˈmuzik]. As ilustrações de aplicação do processo de apócope, fornecidas pela autora, não apresentam semelhanças com os exemplos citados pelos trabalhos relativos ao português brasileiro de Caixeta (1989) e Ramos (2009), nos quais somente a queda da sílaba final é observada.

¹¹ Considerando o nível da frase fonológica, a haplologia é interpretada como um processo no qual há queda total de um segmento silábico no encontro de suas sílabas semelhantes átonas situadas na fronteira de palavras. Ex: *faculda(de) de letras* (TENANI, 2002, p. 131).

¹² Os princípios universais e condições particulares da língua portuguesa que garantem a boa-formação da sílaba serão enfocados no Capítulo 2, mais especificamente na seção 2.2.1.3.

Dessa forma, é possível verificar que, apesar de alguns estudos alusivos ao comportamento dos proparoxítonos no português brasileiro referirem o processo de apócope como um dos que podem operar na redução de esdrúxulos, há uma carência de trabalhos destinados a sistematizar o processo.

1.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo inicial, os processos de síncope e apócope, apontados pela literatura como responsáveis pela redução de proparoxítonos no português moderno, foram apresentados. Em um primeiro momento, os sistemas vocálicos latino e português foram expostos, visto que os fenômenos de supressão referidos manifestaram-se de forma mais efetiva no latim vulgar. O apagamento vocálico tornou-se recorrente, pois as vogais passaram a ser classificadas em tônicas ou átonas e, essas últimas, por sua vez, tornaram-se suscetíveis à queda.

O processo de síncope, conforme indicam os estudos diacrônicos de Nunes (1969), Coutinho (1970) e Williams (1973), incidia essencialmente sobre vocábulos esdrúxulos, reduzindo-os em paroxítonos (*littera* > *letra*; *lepore* > *lebre*) no latim vulgar. Apontado pela literatura como um processo conservador, o fenômeno de supressão permanece atuando no português moderno, como revelam os estudos de Caixeta (1989), Amaral (1999), Ximenes (2005), Silva (2006), Fernandes (2007) e Ramos (2009).

No que diz respeito à apócope, não há indícios da atuação do fenômeno sobre vocábulos proparoxítonos latinos. Por outro lado, os trabalhos de Caixeta (1989), Fernandes (2007), Araújo (2008) e Ramos (2009) apontam que, assim como a síncope, o processo também atua na redução de esdrúxulos portugueses. Entretanto, de forma distinta do que se verifica para o processo de síncope, nenhum trabalho sobre o português brasileiro deteve-se em uma investigação sistemática da ação da apócope em esdrúxulos.

Segundo indicam os resultados apresentados pelos trabalhos relativos ao português brasileiro, a síncope e a apócope em proparoxítonos manifestam-se, essencialmente, quando a queda da vogal pós-tônica não-final possibilita a criação de uma sílaba regulada pelos princípios e condições específicas do português. Além disso, com base nos levantamentos feitos, presume-se que ambos os processos atuem na redução de proparoxítonos presentes na língua portuguesa, transformando-as, assim, em paroxítonos. Em virtude disso, os fatores intrínsecos à língua e os fatores de ordem social, possíveis influenciadores dos processos de

apagamento, merecem ser investigados.

Na próxima seção, os pressupostos teóricos e metodológicos que embasam esta pesquisa serão apresentados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, os pressupostos teórico-metodológicos norteadores desta pesquisa serão apresentados. Na seção 2.1, a ênfase estará voltada aos modelos comprometidos com o estudo da mudança linguística. Desse modo, o método histórico comparativo, a escola neogramática e o modelo teórico-metodológico variacionista serão abordados. Na seção 2.2, os modelos fonológicos fundamentais para a compreensão do comportamento dos processos de síncope e apócope serão introduzidos. Na subseção 2.2.1, a Teoria da Sílabas sugerida por Selkirk (1982) será enfocada, assim como a proposta introduzida por Bisol (1999), referente à sílaba do português. Por fim, na subseção 2.2.2, o acento na perspectiva de Hayes (1995), a interpretação de Quednau (2000) para o sistema acentual do latim e do português arcaico e a análise de Bisol (1999) para o acento proparoxítono no português moderno serão expostos.

2.1 O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Segundo Faraco (2007, p. 14), as línguas humanas não constituem sistemas estáticos, visto que sua configuração estrutural sofre alterações contínuas no eixo do tempo. O fato de que as línguas sofrem mutações com o passar dos anos tem sido explorado nos estudos linguísticos. Nas subseções seguintes, os principais modelos centrados na análise dos processos de mudança serão apresentados.

2.1.1 Dos histórico-comparativistas aos neogramáticos

O método histórico comparativo, influenciado pelos preceitos darwinianos precursores da Teoria da Evolução das espécies, foi desenvolvido no século XIX. O modelo foi o primeiro a buscar a sistematização das mudanças observadas nas línguas do mundo.

Os chamados histórico-comparativistas baseavam-se no pressuposto de que as similaridades encontradas nas línguas seriam indícios de que essas apresentavam um ancestral comum. Em virtude da observação de semelhanças entre diversas línguas humanas (correspondências fonológicas e itens lexicais cognatos), os comparativistas inauguraram, então, uma metodologia específica baseada no registro e comparação dessas, a fim de alcançar um estágio primitivo comum a todas. O método exigia a observação de uma quantidade elevada de dados que fornecessem subsídios para o teste exaustivo das regularidades encontradas. Nesse sentido, Tarallo (1986) afirma que:

Ao retornarmos à primeira metade do século XIX, encontramos grupos de historiadores da linguagem engajados em uma grande aventura histórica denominada “A busca da protolíngua”. Protolíngua aparece na literatura como sinônimo de estágio de língua, não necessariamente atestado em textos, que, em verdade, permite resgatar possíveis relações entre grupos de línguas diferenciados. Assim, ao serem comparados os sistemas A, B e C, eles podem revelar, através do elencamento das formas em estudo, um grau de parentesco linguístico, atribuível a uma ascendência do sistema D, por exemplo. O sistema D constituirá, portanto, a protolíngua da qual desencadeiam, historicamente os sistemas A, B e C (TARALLO, 1986, p. 29).

Foi com base no modelo comparativo de análise que as línguas indo-europeias foram mapeadas. De forma mais específica, as línguas que compõem o tronco indo-europeu foram confrontadas e, com base na verificação de características análogas, os estudiosos chegaram à hipótese da língua-mãe.

Conforme Tarallo (1986, p. 29), duas eram as premissas principais que guiavam a busca pela protolíngua. A primeira fundamentava-se na hipótese de que a afinidade entre as línguas seria resultado de um relacionamento histórico anterior. A segunda baseava-se na hipótese de que as mudanças ocorriam de forma regular e uniforme, caso contrário, não seria possível estabelecer correlações sincrônicas entre sistemas linguísticos.

Em oposição aos estudos de natureza comparativa, a proposta neogramática surgiu na metade final do século XIX introduzida por Hermann Osthoff e Karl Brugmann, com a publicação do *Manifesto Neogramático* (1878). A nova proposta questionava os pressupostos basilares do modelo comparativo, lançando novos preceitos teóricos para a análise e interpretação dos processos de mudança linguística.

Os neogramáticos julgavam não ser possível estudar as transformações linguísticas a partir da análise exclusiva dos aspectos físicos da língua, isto é, investigando-a independentemente do indivíduo que a produz, como faziam os comparativistas. De acordo

com os estudiosos, os fatores de ordem psicológica que atuam nos processo de mudança deveriam ser, portanto, considerados.

Além disso, o modelo neogramático era contrário ao objeto de estudo comparativista: a reconstituição da protolíngua. Os pesquisadores alegavam que a tarefa de reconstrução das línguas-mães significava apenas a criação de línguas hipotéticas, que em nada contribuiria para a compreensão da natureza dos processos de mudança. Para eles, as mutações linguísticas só poderiam ser efetivamente entendidas a partir do estudo de línguas vivas.

De modo geral, é possível alegar que a escola neogramática pretendia desvendar os procedimentos reguladores da mudança linguística. Antagônica à vertente comparativista, a proposta procurava encontrar, portanto, as causas e consequências das modificações sofridas pelas línguas. Em virtude disso, os neogramáticos postularam dois princípios fundamentais: o *princípio de regularidade* e o *princípio de analogia*.

O *princípio de regularidade* predizia que os fenômenos que atuam nos processos de mudança linguística seriam de natureza exclusivamente fonológica e, portanto, atuariam independentes da função morfológica, sintática ou semântica assumida pela palavra na qual se manifestavam (TARALLO, 1986, p. 48). Os autores denominaram, então, de *leis fonéticas* as leis que operavam sem exceção, modificando todos os itens lexicais que apresentavam um determinado som em mudança, de forma simultânea. Isso significa que a mudança para os neogramáticos ocorria de maneira mecânica, manifestando-se em todos os itens lexicais que satisfizessem as condições exigidas por uma determinada regra (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2009, p. 52).

Na tentativa de explicar casos em que a mudança sonora não se manifestava, apesar de o contexto ser propício, a corrente neogramática fez alusão ao *princípio de analogia*, o qual coibia a ação dessas mudanças. Segundo Faraco (2007, p. 143-144), o princípio significava para a proposta uma “alteração na forma fonética de certos elementos duma língua por seus paradigmas gramaticais regulares”.

Muitas críticas foram direcionadas ao modelo neogramático. O caráter categórico de aplicação das *leis fonéticas* foi severamente atacado, visto que as mudanças, muitas vezes, não eram observadas em todos os contextos nas quais, segundo a proposta, deveriam ocorrer. Além disso, o *princípio de analogia*, evocado pelos neogramáticos para justificar as mudanças que se manifestavam uniformemente em todos os itens lexicais que apresentassem um determinado som em mutação, também foi criticado. A escola neogramática foi condenada, portanto, ao fazer alusão ao *princípio de analogia* em uma série de casos nos quais o *princípio de regularidade* não foi aplicado. De forma mais clara, a corrente foi

questionada, pois negligenciou as exceções.

Em síntese, o estudo da mudança linguística de acordo com os preceitos neogramáticos, difere-se consideravelmente do estudo desenvolvido pelos histórico-comparativistas. De certa forma, os neogramáticos derrubaram a premissa de que cada palavra teria a sua história, inaugurando uma nova forma de compreender os processos de mudança baseada na proposta de que o *locus* das mutações seria o som e não a palavra.

Vale destacar também que o movimento neogramático lançou os preceitos para o desenvolvimento da Sociolinguística Variacionista – doravante SV. Os pressupostos teórico-metodológicos variacionistas, norteadores deste estudo, serão apresentados na seção seguinte.

2.1.2 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, ciência dedicada ao estudo do uso social da língua (CHAMBERS, 2003, p. 02), emerge como campo de estudo acadêmico em meados da década de 1960. O termo, empregado indiscriminadamente na época, referia-se a duas áreas: a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem. Com o passar dos anos, entretanto, as duas ciências que estudavam as relações entre língua e sociedade se diferenciaram; isso porque a Sociolinguística concentrou-se essencialmente na descrição da língua (SHUY, 2006, p. 02) e, por outro lado, a Sociologia da Linguagem preocupou-se mais com os “fatores sociais e sua interação com a língua e os dialetos” (LABOV, 2008 [1972], p. 215).

Na atualidade há uma série de áreas que atendem ao rótulo Sociolinguística, a saber: Etnografia da Fala, Sociolinguística Interacional, Sociologia da Linguagem, Dialetologia Social e a Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística Variacionista – doravante SV – foi introduzida por William Labov em meados da década de 1960. O modelo teórico-metodológico buscou ressaltar a importância do estudo da fala, negligenciada pelas correntes teóricas estruturalista e gerativa, dando ênfase à análise de situações reais, nas quais era possível observar a estreita relação entre língua e a sociedade.

Nos primórdios da chamada Linguística Moderna, Saussure (1916, p. 72), em *Curso de linguística geral*, ao postular a dicotomia *langue/parole*, opõe os dois conceitos, determinando que o foco dos estudos linguísticos deveria estar voltado à *langue*. De forma mais clara, Saussure (1916) julga que a *langue*, em virtude de ser um sistema compartilhado e homogêneo, seria passível de sistematização. Por outro lado, alega que a *parole*, definida pelo

autor como a manifestação real da língua, deveria ser excluída do escopo da Linguística, pois era desordenada e caótica.

Em meados da década de 1950, no início do Gerativismo, Chomsky, de forma semelhante à Saussure, ao estabelecer a distinção entre *competência* e *desempenho*, negligencia também o estudo da fala. O autor assume a competência como objeto de estudo e rejeita o *desempenho*.

Contrários à noção defendida pelos modelos teóricos referidos, de que a fala representava um sistema desorganizado, Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 87) apresentam uma concepção de língua que desmitifica o fato de que a variação, presente na fala, excluiria a possibilidade de uma sistematização. Nesse sentido, Labov (2008[1972], p. 238) afirma: “tão logo eliminarmos a associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala” (LABOV, 2008[1972], p. 238).

A proposta introduzida por Labov (1972, 1994) concentra-se, essencialmente, no estudo da variação linguística, característica inerente às línguas do mundo. A SV, por meio de técnicas estatísticas, passou a trabalhar com a heterogeneidade linguística e, antagonicamente aos modelos teóricos precursores, evidenciou que a variação nas línguas é ordenada e passível de sistematização. Nas palavras de Tarallo (1986, p. 06), a teoria assume o “caos linguístico como objeto de estudo”.

Labov (1972, 1994), ao considerar a fala, passa a investigá-la no interior dos grupos em que ela se manifesta. Para o autor, a língua é essencialmente social e, portanto, deve ser analisada nos ambientes em que é realmente produzida, ou seja, nas *comunidades de fala*. Labov (2008 [1972]) define *comunidade de fala* da seguinte forma:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes nos níveis particulares de uso (LABOV, 2008[1972], p. 150).

Embora a comunidade de fala seja o alvo dos estudos variacionistas, a relação entre indivíduo e grupo tem sido alvo de discussões na área. Conforme Guy (1980, p. 01), o problema reside no fato de a língua exercer, por um lado, uma função social e, por outro, estar localizada na mente dos indivíduos. De forma mais clara, o autor questiona a validade de um estudo de certas normas compartilhadas por um determinado grupo pautado, exclusivamente,

na fala coletiva, sem atentar para as variações individuais. No mesmo sentido, Romaine (1982, p. 20) afirma que a “variabilidade de idioletos individuais ou a sua falta de isorfismo em relação ao grupo é um problema¹³” (tradução nossa).

Mesmo com as controvérsias, Labov (1972, 1994), ao eleger a comunidade de fala como o contexto-alvo de análise linguística, renuncia de certa forma ao estudo do idioleto, língua própria do indivíduo. As regularidades encontradas nas comunidades de fala passaram, então, a ser descritas a partir da noção de regra variável, conceito-chave para teoria, o qual emerge da observação de que os falantes de uma determinada comunidade utilizam formas alternativas com o mesmo valor de verdade. Cada uma dessas possibilidades é denominada como variante e a produção de uma variante em detrimento da outra, segundo Labov (1963), é condicionada tanto por fatores estruturais (linguísticos) como por fatores sociais (extralinguísticos). Com a apresentação do conceito de regra variável, o autor introduziu, nos estudos linguísticos, a possibilidade de uma investigação inovadora, na qual se pode medir tanto a influência dos fatores de ordem estrutural, intrínsecos à língua, quanto a interferência dos fatores sociais sobre os fenômenos de ordem linguística.

O modelo teórico-metodológico variacionista ofereceu, portanto, novas perspectivas para a investigação dos processos de mudança linguística. A variação passou a ser considerada para a SV como um estágio precursor da mudança. Conforme Tarallo (1986, p. 63), a “variação não implica mudança; mas mudança, sim, implica sempre variação” (TARALLO, 1986, p. 63).

Dessa forma, para a SV a mudança linguística é resultado das relações entre a língua e os fenômenos sociais. Segundo Labov (2008 [1972], p. 21), não é possível compreender o percurso de uma mudança linguística sem levar em consideração a comunidade em que o processo se manifesta, visto que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Diferente da Linguística Histórica, que comparava distintos estágios de língua em um largo espaço temporal, a SV, fundamentada no postulado neogramático de que a língua “viva” deveria ser estudada, lança uma nova possibilidade de análise das transformações linguísticas: a análise em *tempo aparente*.

Conforme Labov (1994, p. 45) um estudo em *tempo aparente* permite que o pesquisador identifique indícios de uma mudança linguística, a partir de uma análise de cunho

¹³“The variability of individual idiolects, or their lack of isomorphism with the group is a problem” (ROMAINE, 1982, p. 20)

sincrônico, pautada na investigação de como diferentes gerações lidam com uma determinada regra variável (TARALLO, 1985, p. 65). Desse modo, segundo Labov (1994, p. 45-46), as indicações de que uma mudança está se manifestando podem ser observadas por meio do exame da distribuição de uma determinada variável em diferentes faixas etárias. Caso seja percebida uma correlação significativa entre tal distribuição e faixa etária, identifica-se a possibilidade de uma mudança em progresso.

A proposta laboviana de estudo das mudanças em tempo aparente revolucionou o estudo da mudança linguística, pois passou a permitir que as alterações sofridas pela língua possam ser observadas sincronicamente. Entretanto, apesar da introdução da nova perspectiva, Labov (1994, p. 63) assume que “a combinação das observações em tempo aparente e em tempo real é o método básico para o estudo de uma mudança em progresso”.

Uma investigação em *tempo real* é caracterizada pela observação de um mesmo processo em dois períodos temporais distintos. Segundo Labov (1994, p. 72 - 73), uma análise dessa natureza pode provir da comparação de um estudo atual com um estudo prévio, realizado na mesma comunidade de fala ou, então, de uma análise na qual o linguista retorne à comunidade de fala anos depois de realizar a primeira coleta e realize novamente a mesma pesquisa.

Em seu trabalho de dissertação de mestrado, intitulado *A motivação social de uma mudança sonora* (1963), a análise em tempo aparente e a análise em tempo real foram associadas, procedimento ideal para a descrição de um processo de mudança.

Nesse estudo, Labov (1963) deteve-se à investigação da comunidade de Martha's Vineyard, uma ilha isolada nos Estados Unidos, situada no Estado de Massachusetts. Labov, interessado nas características únicas da ilha, buscou compreender as razões que levavam os habitantes da região a centralizarem a vogal base dos ditongos [aj] e [aw], pronúncia característica do inglês dos séculos XVII e XVIII. Desse modo, a partir da metodologia variacionista, a centralização foi considerada a variável dependente da pesquisa.

Em um primeiro momento, Labov dedicou-se a um estudo aprofundado da ilha. Em relação à geografia, Martha's Vineyard dividia-se em duas regiões: a *Up-Island* e *Down-Island*. A *Up-Island* era estritamente rural e apresentava traços de conservadorismo. Por outro lado, a *Down-Island* cedia espaço à urbanização. Além disso, o autor destacou que a ilha, pacata durante o inverno, era invadida por turistas no verão, fato que não era apreciado por uma parcela significativa da população local.

Depois de traçar o perfil dos habitantes de Martha's Vineyard e de investigar o modo como esses se relacionavam com a ilha, Labov iniciou o processo de coleta dos dados. Com

base em entrevistas informais com 69 informantes nativos, em produções estimuladas pela aplicação de um questionário e a partir da observação de situações reais de fala, o pesquisador calculou as frequências de aplicação de cada uma das variantes fonéticas, assim como sua distribuição na ilha.

O autor, então, delimitou as possíveis variáveis de ordem linguística e social que poderiam estar exercendo influência sobre a regra variável em exame. As variáveis linguísticas levantadas pelo pesquisador foram *Consoante Precedente*, *Consoante Subsequente*, *Acento*, *Estilo*, enquanto que as variáveis sociais analisadas foram *Região*, *Grupo Étnico*, *Faixa Etária* e *Atividade Profissional* dos informantes.

Após a submissão à análise estatística, Labov observou a influência significativa das variáveis sociais sobre o processo de centralização dos ditongos [aj] e [aw]. Em relação à variável *Região*, o pesquisador constatou uma maior produção nos habitantes da *Up- Island*. No que diz respeito à variável *Grupo Étnico*, a centralização foi realizada com maior frequência pelos descendentes dos colonizadores da região. A *Faixa Etária* que apresentou maior índice de centralização foi a dos informantes com idades entre 31 e 45 anos e, por fim, a variável atividade profissional apontou o grupo dos pescadores como o responsável pela produção mais elevada do processo.

Com base nos resultados, percebeu-se que a centralização estava sendo produzida pelos habitantes que se ressentiam da presença maciça de turistas no verão. Dessa forma, os habitantes, ao centralizarem os ditongos, estavam, na verdade, recuperando um traço conservador da língua, a fim de dar ênfase a sua identidade. Além disso, Labov percebeu um aumento uniforme na aplicação dos processos de centralização nas faixas etárias subsequentes a dos mais jovens, alcançando um ápice na faixa entre 31 e 45 anos, um indicativo de uma *mudança em andamento*.

Referente às variáveis linguísticas, o pesquisador identificou que as obstruintes na posição seguinte ao ditongo foram as consoantes que mais favoreceram o processo em exame. A *Consoante Precedente*, por sua vez, não apresentou efeito tão significativo sobre o fenômeno. Segundo o autor, as consoantes que mais colaboram para a manifestação do fenômeno de centralização foram *lh, l, r, w, m, nl*, como nos exemplos, *right, wife, night, light, nice, life, house, out*. O *Acento* também foi apontado como favorecedor da centralização, pois a tonicidade sobre a palavra que apresenta o ditongo, muitas vezes, o tornou centralizado. Os resultados referentes à variável *Estilo*, entretanto, demonstraram que essa não desenvolveu efeito significativo sobre a regra variável em estudo, isto é, sobre o processo de centralização (LABOV, 2008[1972], p. 37 - 40).

Em suma, com o trabalho realizado na ilha de Martha's Vineyard (1963), Labov apresenta argumentos sólidos de que a variação, inerente ao sistema linguístico, pode e merece ser investigada sistematicamente.

Na próxima seção, o destaque será atribuído às teorias fonológicas que embasam a presente pesquisa.

2.2 TEORIAS FONOLÓGICAS

Na presente seção, os modelos fonológicos norteadores desta pesquisa serão introduzidos. Na seção 2.2.1, apresentar-se-á a proposta de constituição interna da sílaba, introduzida por Selkirk (1982). Em seguida, a proposta de Bisol (1999), destinada à análise da sílaba no português, será explorada. Uma exposição do modelo de análise acentual, desenvolvido por Hayes (1995), será abordada, seguida da interpretação de Quednau (2000) no que diz respeito ao emprego do acento no latim e português arcaico e da interpretação de Bisol (1999) em relação ao comportamento das proparoxítonas no português moderno.

2.2.1 A sílaba

Diversas concepções foram atribuídas à sílaba ao longo dos estudos fonológicos. De forma genérica, a sílaba, no que diz respeito à organização estrutural, tem sido categorizada por duas vertentes teóricas. A primeira vertente interpreta a sílaba a partir de uma perspectiva linear, na qual se configura como uma estrutura plana. A segunda, por sua vez, define a sílaba a partir de uma representação não-linear como uma estrutura hierarquicamente organizada, composta por unidades menores.

A concepção linear de sílaba é defendida por Kahn (1976), Clements & Keyse (1983), Nespor & Vogel (1986) e Itô (1986). A noção de sílaba como uma estrutura que apresenta uma hierarquia de constituintes internos, por outro lado, é assumida por Pike (1977), Kiparsky (1979) e Selkirk (1982). A abordagem de Selkirk (1982), por ser a adotada neste estudo, será descrita com maior detalhamento a seguir.

2.2.1.1 A proposta de Selkirk (1982)

Fundamentada nos preceitos da fonologia métrica e considerando o inglês como língua-base, Selkirk (1982) desenvolveu um trabalho destinado a destacar a importância da sílaba nos estudos linguísticos, assim como o seu papel essencial para a teoria fonológica. Em *The Syllable* (1982), a autora aponta três argumentos que afirmam a relevância do estudo silábico: a questão de a sílaba ser unidade fundamental na descrição das restrições fonotáticas das línguas, o fato de o elemento silábico ser indispensável à caracterização adequada de uma

larga gama de processos fonológicos e, por último, a essencialidade da sílaba para a compreensão de fenômenos suprasegmentais, como *acento* e *tom* (SELKIRK, 1982, p. 328).

A autora, então, propõe uma representação na qual a sílaba configura-se como uma estrutura interna de constituintes, organizados hierarquicamente. Nas palavras da pesquisadora: “A noção de sílaba que surgirá desta análise do inglês é, portanto, a de uma unidade hierárquica, uma árvore estruturada internamente de forma semelhante a uma árvore que representa a estrutura sintática (tradução nossa)” (SELKIRK, 1982, p. 328)¹⁴.

Na proposta apresentada, a sílaba é composta por elementos denominados constituintes silábicos, a saber: *ataque* e *rima*, *núcleo* e *coda*, sendo o núcleo o constituinte principal. Primeiramente, a sílaba divide-se em ataque e rima, e a rima, por sua vez, divide-se em núcleo e coda. A representação silábica de ramificação binária, proposta por Selkirk (1982), encontra-se expressa a seguir.

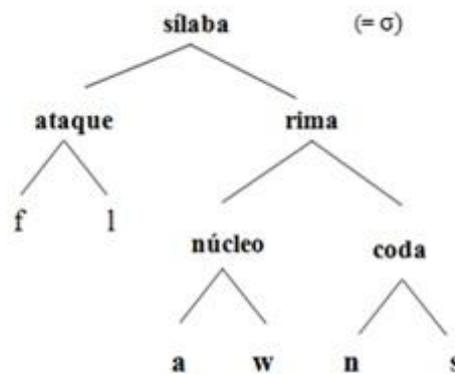


Figura 5 – Representação da sílaba proposta por Selkirk (1982, p. 331)

Selkirk (1982), como mostra a Figura 5, faz uso da palavra monossilábica *flounce* para ilustrar a representação interna da sílaba. O encontro consonantal *fl* situa-se na posição de ataque, enquanto que os demais segmentos estão localizados na posição de rima: o ditongo *aw* ocupa a posição nuclear e o encontro consonantal *ns*, a posição de coda.

Baseada no princípio do *Constituinte Imediato* (IC), proposto por Pike (1967), Selkirk alega que os nós silábicos apresentam relações diferenciadas entre si. Em outros

¹⁴ The notion of the syllable that will emerge from this examination of English is therefore one of a hierarchical unit; an internally structured tree quite analogous to a tree representing syntactic structure (SELKIRK, 1982, p. 328).

termos, os constituintes imediatos, isto é, aqueles que são dominados por um mesmo nó, como no caso o núcleo e a coda, tendem a apresentar uma relação de interdependência. Conforme a autora, a coocorrência de restrições entre esses dois constituintes, portanto, é muito mais provável do que a ocorrência simultânea de restrições entre núcleo e ataque (SELKIRK, 1982, p. 339).

Além disso, a autora indica que os nós imediatos, componentes da estrutura hierárquica da sílaba, apresentam, geralmente, uma relação de dominância na qual um dos elementos é mais fraco do que o outro. Os constituintes fortes são aqueles que apresentam maior grau de sonoridade, enquanto que os fracos são aqueles com menor grau. Com base nas relações forte e fraco¹⁵, a representação expressa pela Figura 6 assume a seguinte configuração:

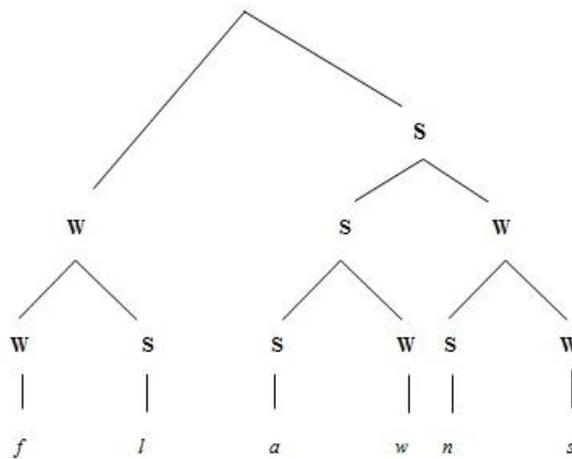


Figura 6 – Representação das relações entre constituintes (SELKIRK, 1982, p. 343)

Conforme mostra a Figura 6, os constituintes com menor sonoridade são subordinados aos segmentos que apresentam maior grau de sonoridade. Dentre os elementos que compõem o ataque silábico, o *f* assume a posição fraca (w), visto que apresenta *grau 0* na escala de soância, enquanto que o *l* assume a posição forte (s), por apresentar *grau 2*. Dentre os componentes do núcleo, o *a* assume a posição forte (w), em virtude de apresentar *grau 4* na escala de soância e o *w* assume a posição fraca (w), com *grau 3* na escala referida. Por fim, dos elementos que formam a coda da sílaba expressa, o *n* assume a posição forte (s), com

¹⁵ Os constituintes fortes são representados, na Figura 6, pela letra *s* (*Strong*) e os constituintes fracos pela letra *w* (*Weak*).

grau 1 na escala de sôancia e o *s* assume a posição fraca (*w*), apresentando *grau 0* na mesma escala.

Apresentada a composição básica da estrutura silábica, torna-se necessário fazer menção à existência de restrições que dizem respeito à posição ocupada pelos segmentos na estrutura silábica. Selkirk (1982, p. 33), ao expor os segmentos aptos a ocuparem as posições de *ataque*, *núcleo* e *coda* no inglês, por extensão, sugere que cada sistema linguístico determina, de acordo com princípios universais e condições específicas de língua, quais elementos podem ou não preencher as posições mencionadas. O molde silábico do inglês encontra-se representado a seguir.

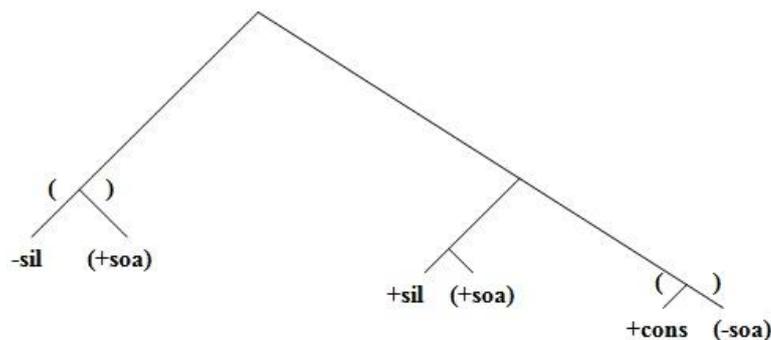


Figura 7 – O molde silábico do inglês (SELKIRK, 1982, p. 344)

Segundo revela a Figura 7, cada uma das posições silábicas (*ataque*, *núcleo* e *coda*) do inglês só pode ser ocupada por elementos específicos. Na língua inglesa, o *ataque* pode ser constituído por dois segmentos: o primeiro é obrigatório e deve apresentar o traço [+silábico]. O segundo, por sua vez, é opcional e deve apresentar o traço [+soante]. O *núcleo* admite, assim como o *ataque*, dois componentes, sendo o primeiro obrigatório e o segundo opcional. O primeiro deve apresentar o traço [+silábico] e o segundo o traço [+soante]. Por fim, a *coda*, composta também por no máximo dois elementos, sendo apenas o primeiro obrigatório, é formada, essencialmente, por um com o traço [+consonantal] e, opcionalmente, por outro com o traço [-soante].

Vale destacar que os constituintes silábicos entre parênteses não são obrigatórios. Dessa forma, o *ataque* e a *coda* não são essenciais à constituição da sílaba no inglês, diferentemente do *núcleo*, constituinte fundamental e obrigatório.

O molde silábico, além de ter a função de delimitar quais elementos podem ocupar as posições silábicas, determina a ordem desses elementos na sílaba, as relações estruturais entre

os constituintes e aponta quais segmentos ou grupos de segmentos são opcionais (SELKIRK, 1982, p. 344 - 345).

A autora, então, ao propor uma nova abordagem para a sílaba, apresenta os princípios gerais que regem o processo de silabificação, a saber: *Princípio de Composição da Sílaba Básica*, *Princípio de Silabação*, *Princípio de Maximização do Ataque*, *Princípio de Preservação de Estrutura*, *Princípio de Sonoridade Sequencial* e *Princípio de Licenciamento Prosódico*. Tais princípios serão enfocados na seção 2.2.1.2, a seguir, junto à exposição da proposta de Bisol (1999) para a sílaba no português.

2.2.1.2 A sílaba no português brasileiro (BISOL, 1999)

Baseada na proposta de Selkirk (1982), Bisol (1999), no texto *A sílaba e seus constituintes*, propõe uma análise da constituição silábica do português.

A autora postula que a estrutura silábica da língua portuguesa é delimitada a partir do *Princípio de Composição da Sílaba Básica (PCSB)*, como ilustra a figura a seguir:

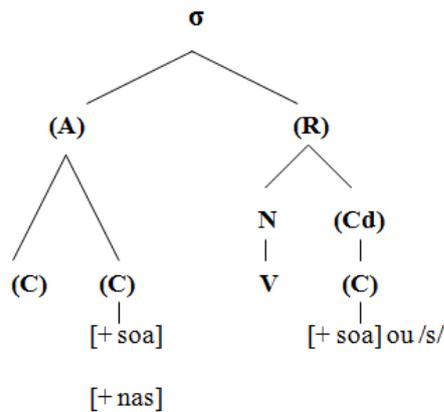


Figura 8 – A representação da sílaba do PB (BISOL, 1999, p. 703)

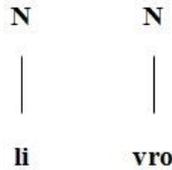
O esquema apresentado na Figura 8 faz referência ao conhecimento da estrutura silábica do português, interiorizado pelos indivíduos. Bisol (1999) afirma ser possível depreender as seguintes informações do esquema expresso:

A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória. A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /s/. O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não-nasal (BISOL, 1999, p. 704).

Segundo a autora, a estrutura silábica e o processo de silabificação são complementares. Apesar da estreita ligação, Bisol (1999) julga ser necessário estabelecer uma distinção entre o *Princípio de Composição da Sílabas Básica* (PCSB), princípio que atua em todo o processo derivacional como condição de boa-formação, e o processo de silabificação, definido como “escansão dos segmentos de uma cadeia de sons de acordo com o padrão canônico” (BISOL, 1999, p. 705).

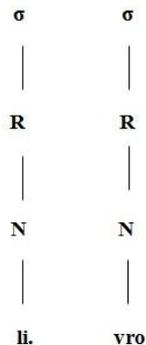
A primeira etapa do processo de silabificação compreende a identificação do núcleo. No português, o núcleo sempre é ocupado por uma vogal, elemento com maior grau de sonoridade, conforme se observa em:

(1)



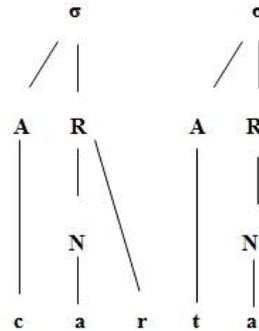
Após a identificação do núcleo, a rima é projetada. Essa, por sua vez, projeta a sílaba:

(2)



A terceira etapa do processo de silabificação consiste na formação do ataque. A sílaba ramifica-se para a esquerda em direção à consoante mais próxima ao núcleo, como

(5)



Conforme Bisol (1999, p. 707), os *Princípios de Composição Básica da Sílabas* (PCBS) não garantem a boa-formação silábica. A autora apresenta, então, os princípios universais e as condições de língua que desempenham papéis importantes no mapeamento das possibilidades de constituição das sílabas do português.

Os princípios universais reguladores do processo de silabificação, já mencionados anteriormente (cf. Seção 2.2.1.1), são: *Princípio de Sonoridade Sequencial* (PSS), *Princípio de Maximização do Ataque* (PMA), *Princípio de Licenciamento Prosódico* (PLP) e *Princípio de Integridade Prosódica* (PIP).

O *Princípio de Sonoridade Sequencial* (PSS), fundamentado na noção de sílaba fonética, na qual os elementos mais sonoros encontram-se na posição silábica central, determina que a curva de sonoridade cresça em direção ao núcleo e decresça em direção à coda. Dessa forma, os elementos que apresentam maior sonoridade ocupam o núcleo silábico, enquanto os elementos que apresentam menor grau situam-se nas posições periféricas da sílaba, como expressam os exemplos a seguir:



A sonoridade dos elementos que compõem a sílaba é medida por meio de uma escala de sonoridade. A escala de soância, proposta por Clements (1990), organiza-se da seguinte forma:

O	>	N	>	L	>	G	>	V	
-		-		-		-		+	silábico
-		-		-		+		+	vocóide
-		-		+		+		+	aproximante
-		+		+		+		+	soante
<hr style="border: 0.5px solid black;"/>									
0		1		2		3		4	grau de soância

Figura 9 – Escala de Soância¹⁶ (CLEMENTS, 1990, p. 284)

Segundo a Escala de Soância (CLEMENTS, 1990), expressa na Figura 9, os elementos são classificados de acordo com o grau de sonoridade. De forma mais clara, os elementos caracterizados pelo traço [+ soante], isto é, as nasais, líquidas, glides e vogais, apresentam sonoridade mais elevada do que as obstruintes. Desse modo, as obstruintes situam-se na extremidade esquerda, pois são os elementos com menor grau sonoridade (grau 0), enquanto que as vogais, elementos mais soantes, encontram-se localizadas no extremo direito (grau 4).

O PSS, ao exigir que a curva de sonoridade silábica seja ascendente em direção ao núcleo e descendente em direção à coda, não admite a ocorrência de *platôs*, isto é, cadeias compostas por dois elementos com graus de sonoridade correspondentes, no interior das sílabas. Segundo Bisol (1999, p. 707), a sonoridade plana só é permitida entre sílabas, como ocorre, por exemplo, na palavra *fes.ta*, em que /s/ e /t/ apresentam ambos grau de soância 0.

O *Princípio de Preservação da Estrutura* (PPE), desenvolvido por Kiparsky (1982), garante a manutenção das condições da estrutura silábica durante os processos cíclicos. Isso significa que o *Princípio de Composição da Sílabas Básica* (PCSB) é preservado. De acordo com Bisol (1999, p. 709 - 710), estruturas silábicas novas só podem ser criadas no pós-léxico, nível no qual o PPE encontra-se desativado.

O *Princípio de Maximização do Ataque* (PMA) postula que a formação dos ataques silábicos é privilegiada em relação à expansão das rimas. Bisol (1999, p. 711) destaca o papel significativo desse princípio na descrição dos processos de silabação das línguas românicas, que desenvolvem primeiramente o ataque e só depois desenvolvem a coda.

¹⁶ Na Escala de Soância apresentada por Clements (1990, p. 284), o **O** representa a classe das obstruintes, o **N** a classe das nasais, o **L** a classe das líquidas, o **G** a classe dos glides e, por fim, o **V** a classe das vogais.

O PMA, conforme mencionado no texto corrente, além de ser governado pelo PSS (*Princípio de Sequenciamento Sequencial*), também é regido pela *Condição de Ataque*, uma das condições particulares da língua portuguesa que será explorada após a exposição dos princípios universais, simultaneamente à *Condição de Coda*.

Por fim, o *Princípio de Licenciamento Prosódico* (PLP), formalizado por Itô (1986), prediz que todo elemento que não for silabado ou, então, licenciado prosodicamente por extraprosodicidade, deve ser apagado no nível lexical, conforme referido por Bisol (1999, p. 713). Isso significa que todos os segmentos que constituem a sílaba devem, portanto, estar associados a um nó silábico. As línguas dispõem de mecanismos que atuam para que o PLP não seja violado, como, por exemplo, a epêntese e o apagamento (COLLISCHONN, 2005, p. 114).

Conforme foi exposto, a boa-formação das sílabas nas línguas do mundo obedece a uma série de *princípios universais*. Esses princípios, todavia, não atuam isoladamente, mas aliados a condições particulares de língua de caráter fonotático (BISOL, 1999, p. 716). Em relação à língua portuguesa tem-se a *Condição de Ataque* e a *Condição de Coda*.

Segundo Bisol (1999, p. 717), o *ataque* no português admite no máximo dois elementos. Esses obedecem a critérios específicos que garantem a boa-formação de ataques complexos. Em outras palavras, a disposição dos segmentos na posição de ataque silábico não ocorre de maneira aleatória, mas guiada por um padrão específico. Dessa forma, os ataques complexos permitidos em português são compostos por obstruintes não-contínuas ou contínuas labiais, associadas a uma líquida – vibrante simples ou lateral – conforme expressa Bisol (1999, p. 717):

pr	prato	pl	plátano	fl	flanco
br	braço	bl	bloco	fr	franco
tr	trato	tl	Atlas	vl ¹⁷	–
dr	drama	dl ⁵	–	vr	livro
kr	cravo	kl	clamor		
gr	grama	gl	glosa		

A representação da condição positiva do Ataque Complexo no português, isto é, o mapeamento dos segmentos aptos a ocupar as duas posições do constituinte silábico,

¹⁷ Segundo Bisol (1999, p. 718), os encontros consonantais **dl** e **vl** só existem em pouquíssimos nomes próprios, como *Adler* e *Vladmir*.

encontra-se expressa a seguir:

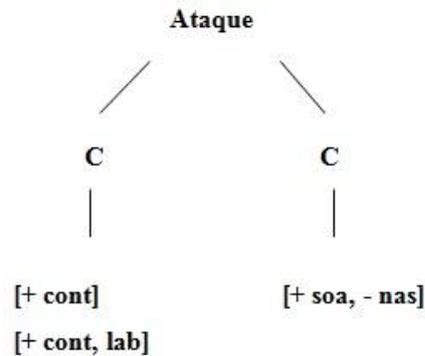


Figura 10 – Condição Positiva do Ataque Complexo (BISOL, 1999, p. 708)

Como mencionado anteriormente, segmentos que apresentam sonoridade idêntica numa mesma sílaba (platô), como por exemplo *a.rle.quim, são rejeitados pelo *Princípio de Sonoridade Sequencial* (PSS), visto que o princípio delimita que a sonoridade silábica deve crescer em direção ao núcleo.

A *coda*, por sua vez, segundo Bisol (1999, p. 719), pode ser ocupada por no máximo dois elementos. A primeira posição de coda pode ser ocupada por qualquer elemento soante. Além desses, o /s/, que apresenta o traço [-soante], também pode preencher posição terminal da sílaba. Isso significa que, além das vogais, as consoantes admitidas em coda são: /r/ (*dor*), /l/ (*mal*), /N/ (*man.so*) e /s/ (*mês*). Com base nas observações feitas, Bisol (1999, p. 720) apresenta a seguinte condição negativa:

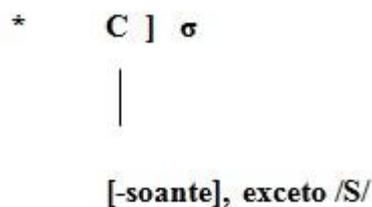


Figura 11 – Condição Negativa de Coda (BISOL, 1999, p. 720)

A segunda posição da coda, por sua vez, só pode ser ocupada pelo /s/. Segundo Bisol (1999, p. 720), o /s/ é incorporado à coda por meio da *Regra de Adjunção de /S/*, como mostra a ilustração da sílaba *pers*, da palavra *perspicaz*, a seguir:

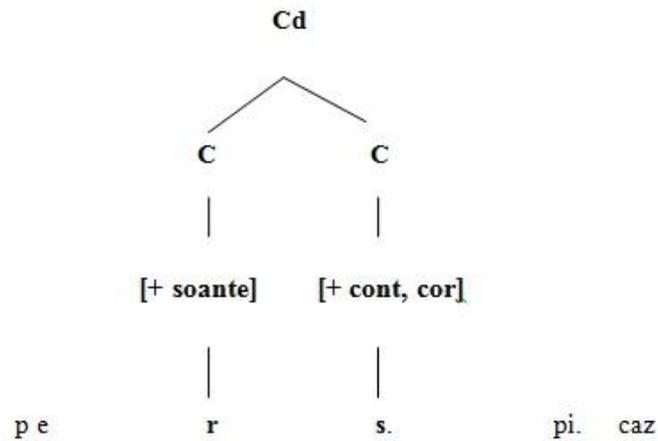


Figura 12 – Representação da Regra de Adjunção de /S/

Apresentados os princípios universais, assim como as condições específicas do português reguladoras do processo de silabação, o molde do português será então mapeado. Segundo Collischonn (2005, p. 117), o molde silábico determina o número máximo e o número mínimo de segmentos que as sílabas de uma determinada língua admitem. Além disso, o molde indica a natureza dos segmentos habilitados a ocupar cada uma das posições silábicas na língua portuguesa.

Dessa forma, é possível concluir que o PB apresenta os seguintes padrões silábicos:

V	a
VV	eu
VC	ar
CV	ba.la
VCC	ins.ti.tu.to,
CVC	car. ta
CCV	cra. vo
CVV	lei.te
CVCC	mons.tro
CCVV	re.crei.o
CCVC	li.vros
CCVCC	trans.por.te
CCVVC	claus.tro.fó.bi.co

Quadro 1 – Padrões silábicos do português

A Fonologia da Sílabla assume fundamental importância neste trabalho, visto que ambos os processos de apagamento em exame (síncope e apócope), ao manifestarem-se, incitam um processo de ressilabificação. Desse modo, é fundamental compreender quais os princípios e condições reguladores da boa-formação silábica, com a finalidade de verificar se, após a atuação dos fenômenos de supressão aludidos, a sílabla, ao ser reconstruída, continua a obedecê-los.

Feitos os levantamentos essenciais referentes à sílabla, a próxima subseção será dedicada à proposta de análise do acento introduzida por Hayes (1995).

2.2.2 O acento

O acento, considerado como propriedade exclusiva das vogais pelas teorias antecedentes ao surgimento da Fonologia Métrica, passa a ser abordado, pela Fonologia Não-Linear, como um elemento diretamente relacionado à sílabla.

Contrapondo-se à visão da teoria gerativa, que tratava o acento como um traço ([+acento], [-acento]), a noção de acentuação é revista pela Fonologia Métrica e passa, então, a ser abordada como resultado de uma cadência rítmica de proeminências fortes e fracas.

Dessa forma, o acento, linearmente descrito pelas teorias precursoras, passa a ser representado de maneira não-linear, decorrendo do modo como as sílablas encontram-se organizadas.

Com a introdução de um modelo destinado à análise do acento no plano autossegmental, os padrões acentuais das línguas do mundo passaram a ser detalhadamente descritos. Muitas propostas surgiram, então, na tentativa de comparar os padrões de acento dessas línguas e estabelecer, assim, um padrão acentual comum a essas. Nesse sentido, além do modelo baseado na grade métrica, proposto por Liberman & Prince (1977), podem ser citados o modelo da grade perfeita, de Prince (1983) e o da grade parentizada, de Halle & Vergnaud (1987). A proposta de Hayes (1995), de importância para o presente estudo, por sua vez, inaugura a noção de pés métricos.

2.2.2.1 A proposta de Hayes (1995)

A partir do pressuposto da Fonologia Métrica de que o acento é uma entidade intrinsecamente ligada à sílaba, Hayes (1995), em sua proposta de análise do acento, postula a existência de constituintes denominados *pés métricos*. Responsáveis por demonstrar a alternância rítmica, os pés indicam a sílaba mais proeminente no nível da palavra, apontando, conseqüentemente, o acento primário.

De acordo com proposta de Hayes (1995), os pés são caracterizados em *troqueu silábico*, *troqueu mórico* e *iambo*. Cada um dos pés, representados por meio de uma grade parentizada, corresponde a um determinado tipo de acento. O *troqueu silábico* caracteriza as línguas que não levam em consideração o peso silábico e apresentam constituintes binários com o cabeça à esquerda. O pé *troqueu mórico* faz referência aos sistemas nos quais os constituintes binários apresentam o cabeça à direita. Por fim, o pé *iambo* representa as línguas que apresentam sensibilidade ao peso, também com constituintes binários, com elemento forte à esquerda.

O pé *troqueu silábico*, como a nomenclatura indica, centra-se nas sílabas, rejeitando sua estrutura interna. Isso significa que para o *troqueu silábico* o peso das sílabas é irrelevante. A estrutura desse pé pode ser definida da seguinte forma: pé composto por duas sílabas com proeminência inicial, como representado a seguir:

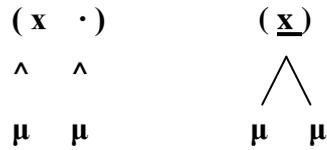
$$(6)$$

$$\left(\underline{x} \quad \cdot \right)$$

$$\sigma \quad \sigma$$

O pé *troqueu mórico*, de forma distinta, leva em consideração o peso das sílabas, medido por meio de moras. A cada duas moras (μ) tem-se constituído um pé, com o elemento mais forte situado à esquerda. Dessa forma, o pé pode ser resultado de duas sílabas leves, visto que essas apresentam apenas uma mora, ou, então, de uma sílaba pesada constituída por duas moras, como mostram as ilustrações a seguir:

(7)



O pé *iambo*, assim como o *troqueu mórico*, também leva em consideração o peso silábico. Entretanto, o que os difere é o fato de que esse pé apresenta o elemento mais forte situado na posição final. Desse modo, o pé pode ser formado por constituintes binários com o elemento cabeça à direita ou, então, por uma sílaba pesada.

(8)



Hayes (1995), ao lidar exclusivamente com pés binários, evoca o conceito de extrametricidade, introduzido por Liberman e Prince (1977), para dar conta de pés ternários, isto é, pés característicos de línguas de padrão esdrúxulo. A análise de proparoxítonos, portanto, de acordo com a proposta de Hayes (1995), é feita com o uso da ferramenta extramétrica. Nas palavras do autor (1981, p. 57), “uma regra de extrametricidade designa um constituinte prosódico particular como invisível para fins de aplicação de regra: as regras analisam como se a entidade fonológica não estivesse ali” (tradução nossa)¹⁸. A aplicação do recurso da extrametricidade será abordada com maior detalhamento nas seções seguintes, dedicadas às análises de Quednau (2000) e Bisol (1999), referentes à acentuação no latim, português arcaico e português moderno.

¹⁸ An extrametricality rule designates a particular prosodic constituent as invisible for purposes of rule application: the rules analyze the form as if the extrametrical entity were not there (HAYES, 1981, p. 57).

2.2.2.2 O acento proparoxítono do latim ao português arcaico (Quednau, 2000)

Quednau (2000), fundamentada no modelo métrico de Hayes, introduzido na subseção anterior, apresentou uma proposta de análise acentual para o latim clássico, latim vulgar e português arcaico. Segundo a autora, o sistema acentual do latim clássico pode ser caracterizado pelo pé *troqueu irregular*, o sistema de acento do latim vulgar pode ser descrito por meio do pé *troqueu silábico* e, por fim, a acentuação no português arcaico pode ser analisada, assim como no latim clássico, pelo pé *troqueu irregular*.

O pé *troqueu irregular* corresponde a um pé formado por dois constituintes iguais – duas sílabas leves ou duas sílabas pesadas; por dois constituintes diferentes – uma sílaba leve e uma pesada – ou, então, por uma única sílaba, desde que pesada. O pé *troqueu mórico* (cf. seção 2.2.2.1), por sua vez, leva em conta o peso silábico, medido por meio de moras, sendo constituído, portanto, por duas sílabas leves ou, então, por uma sílaba pesada.

No latim clássico, o acento em vocábulos com três sílabas ou mais era empregado em função do peso da penúltima sílaba: se essa fosse pesada, o acento era paroxítono, caso fosse leve, o acento era, então, proparoxítono (cf. Capítulo 1, seção 1.1). Vale destacar que a sílaba final nunca era acentuada, a não ser nos monossílabos, o que permite considerar a sílaba terminal das palavras proparoxítonas latinas como extramétrica.

Segundo Hayes (1992), o pé que melhor descreve a acentuação no latim literário é o pé *troqueu mórico*. Por outro lado, Jacobs (1990, 1997) acredita que o pé *troqueu irregular* seja mais adequado para analisar o emprego do acento no período. Desse modo, baseada nos estudos de ambos, Quednau (2000) propõe uma comparação entre dois pés que poderiam dar conta da acentuação latina clássica: o *troqueu irregular* e *troqueu mórico*. Para isso, a pesquisadora analisa os proparoxítonos que, no período, foram em sua grande maioria transformados em paroxítonos em decorrência da alta incidência do processo de síncope da vogal pós-tônica não-final (cf. Capítulo 1, seção 1.2)¹⁹.

Quednau (2000, p. 83), a partir de proparoxítonos latinos que sofreram o processo de síncope, compara, então, a escansão dos dois pés, a fim de verificar qual o mais apropriado para descrever o sistema acentual do latim clássico. A escansão dos pés, de acordo com o

¹⁹ Nas representações seguintes, as siglas EX, TI, TM e RF¹⁹, indicam as etapas do processo de análise do acento latino de acordo com cada uma das propostas (EX = Marcar a sílaba final como extramétrica; TI = Construir um pé troqueu irregular da direita para a esquerda; TM = Construir um pé troqueu mórico, RF = Aplicar a Regra final).

troqueu irregular e o troqueu mórico encontram-se expressas a seguir.

a) Escansão dos pés pelo troqueu irregular

	ān	gǔ	lum		trī	bǔ	lam
EX			<lum>				<lam>
TI	(x	.)		(x	.)
RF	(x)		(x)
	ǒ	cǔ	lum		vī	rī	dem
EX			<lum>				<dem>
TI	(x	.)		(x	.)
RF	(x)		(x)

(QUEDNAU, 2000, p. 83)

b) Escansão dos pés pelo troqueu mórico

	ān	gǔ	lum		trī	bǔ	lam
EX			<lum>				<lam>
TM	(x))		(x))
RF	(x)		(x)
	ǒ	cǔ	lum		vī	rī	dem
EX			<lum>				<dem>
TM	(x))		(x))
RF	(x)		(x)

(QUEDNAU, 2000, p. 84)

Conforme os processos de escansão apresentados, o primeiro passo consistiu na demarcação da sílaba final dos proparoxítonos como extramétrica, tornando-a, portanto, invisível à aplicação da regra de acento. Na escansão (a), o segundo passo consistiu na construção do pé troqueu irregular (TI) e, na escansão (b), na construção do pé troqueu

mórico (TM). Após a construção dos pés, a Regra Final (RF) foi aplicada e o acento, atribuído à palavra.

Apresentadas as duas possíveis análises para o sistema acentual latino, Quednau (2000, p. 84-85) afirma que, apesar de ambos os pés darem conta da caracterização do latim, o processo de síncope é mais bem descrito pela análise referente ao pé *troqueu irregular*. Segundo a pesquisadora, conforme a representação em (a), a síncope pode ser conceituada como “o apagamento de um membro fraco do pé” (QUEDNAU, 2000, p. 84). Por outro lado, na representação em (b), essa generalização a respeito do processo não pode ser efetuada.

No latim vulgar, segundo Quednau (2000), com a perda da distinção entre vogais breves e longas (cf. Capítulo 1, seção 1.1) e a atuação praticamente categórica da síncope em proparoxítonos (cf. Capítulo 1, seção 1.2), a penúltima e antepenúltima sílabas dos vocábulos passaram a ser interpretadas como um único pé que não apresentava sensibilidade à quantidade e era constituído de um cabeça à esquerda, sendo, portanto, um *troqueu silábico*. Os proparoxítonos, expressos nas representações (a) e (b), ao passarem a paroxítonos no latim vulgar, são representadas por Quednau (2000, p. 88)²⁰ da seguinte forma:

c)

	an glu	tri bla
TS	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)

d)

	o clu	vir de
TS	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)

(QUEDNAU, 2000, p. 88)

A atuação praticamente categórica da síncope em proparoxítonos (cf. Capítulo 1, seção 1.2) provocou a extinção da classe de palavras no latim vulgar. Com isso, o sistema

²⁰ Nas representações consecutivas, a sigla TS corresponde à construção de um pé troqueu silábico e a sigla RF corresponde à aplicação da Regra Final.

acentual deixou de ser um sistema marcado, já que não precisava mais utilizar o recurso da extrametricidade, e passou a ser um sistema não-marcado. Segundo a autora:

O que observamos, então, é que mudanças que ocorrem no nível de representação onde a estrutura do pé é expressa e que resultam uma simplificação daquela estrutura acarretam rimas ramificadas terminadas em consoante. Portanto, houve simplificação na estrutura do pé (de marcado para não-marcado) e uma complicação na estrutura da sílaba, uma vez que esta passou de leve a pesada nos casos de ramificação da rima (QUEDNAU, 2000, p. 88).

No português arcaico, conforme afirmam as gramáticas de cunho histórico (cf. Capítulo 1, seção 1.2), raros proparoxítonos constituíam o léxico da língua. Entretanto, com o deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima sílaba no latim vulgar, como, por exemplo em *muliere* - *muliére* (cf. Capítulo 1, seção 1.1), muitas palavras, no período de formação do português, tornaram-se oxítonas em decorrência da apócope da vogal final (*muliér[e]* > *molher*) que transformou as sílabas terminais leves em pesadas (cf. Capítulo 1, seção 1.3). Em virtude disso, o acento que no latim vulgar não era sensível ao peso, passou novamente a levá-lo em consideração.

Segundo Quednau (2000), o pé *troqueu irregular*, no português arcaico, passou a caracterizar o emprego do acento, visto que esse incidia sobre a sílaba final, caso essa fosse pesada, ou, então, sobre a penúltima sílaba das palavras, caso a sílaba final não fosse pesada, como mostram as representações seguintes, oferecidas por Quednau (2000, p. 92)²¹.

e) Palavras com sílaba pesada

	per	don		mor	tal
TI		(x)			(x)
RF	(x)	(x)

²¹ Nas escansões apresentadas a sigla TI corresponde à construção de um pé troqueu irregular da direita para a esquerda e a sigla RF corresponde à aplicação da Regra Final.

	pas tor	fran cês
TI	(x)	(x)
RF	(x)	(x)

f) Palavras com sílaba final leve

	pe ca do	men ti ra
TI	(x .)	(x .)
RF	(x)	(x)

	lo a da
TI	(x .)
RF	(x)

Conforme mostram as representações anteriores, no português arcaico, muitas palavras terminadas em consoantes tornaram-se oxítonas. Tal fato sugere, portanto, que tanto a síncope quanto a apócope, abordadas neste estudo, estão, desde o latim, intrinsecamente ligadas ao processo de acentuação.

Em síntese, Quednau (2000) defende que o *troqueu irregular* é o pé mais apropriado para a análise do sistema acentual do latim clássico e do português arcaico. O acento no latim vulgar, entretanto, segundo a autora, é mais bem caracterizado pelo pé *troqueu silábico*. Desse modo, a pesquisadora enfatiza que, ao considerar os três estágios de língua aludidos, pode-se observar a mudança de um sistema acentual marcado, no latim clássico, para um não marcado, no latim vulgar, e o retorno para sistema marcado no português arcaico.

A seguir, a proposta de Bisol (1994) para a interpretação do acento proparoxítono no português moderno será apresentada.

2.2.2.3 O acento proparoxítono em nomes e adjetivos no português moderno (BISOL, 1994)

A classe de vocábulos proparoxítonos, que havia se extinguido durante o latim vulgar e português arcaico, aos poucos passou a ser incorporada ao léxico da língua portuguesa (cf. Capítulo 1, seção 1.3). No português moderno, os proparoxítonos encontram-se presentes,

apesar de representarem um número de vocábulos irrisório se comparado ao das demais classes acentuais.

Em virtude disso, a proposta de Bisol (1994), relativa aos nomes e adjetivos proparoxítonos do português moderno, fundamentada na proposta de Hayes (1995), trata como extramétrica a última sílaba dos vocábulos dessa natureza. Segundo Bisol (1994, p. 28), a regra do acento primário²² “começa a operar a partir da segunda sílaba do item lexical, encontrando contexto para a formação de um pé binário subjacente”.

Os exemplos a seguir, apresentados pela autora, ilustram a proposta de acento proparoxítono apresentada²³.

Ex (síl)	Ex (síl)	Ex (síl)	
/fOsfor+o/	/arvor+e/	/numer+o/	léxico
fOs fo ro	ar vo re	nu me ro	silabação
< >	< >	< >	Ex (síl)
(* .)	(* .)	(* .)	FCP (1ii)
(* . .)	(* . .)	(* . .)	ASP
[fOsfor+ u)	[árvori]	[número]	saída

(BISOL, 1994, p. 28)

Conforme revelam os exemplos exibidos, antes de receber o acento a palavra é silabada. Em seguida, faz-se uso da ferramenta extramétrica para que a última sílaba dos proparoxítonos nominais expressos torne-se invisível à regra do acento. O acento, então, é aplicado aos vocábulos e, logo depois, a sílaba, oculta devido à utilização do recurso extramétrico, é reincorporada à palavra.

²² A Regra do Acento Primário, conforme Bisol (1994, p. 25), apresenta como domínio a palavra e consiste em dois passos. Primeiramente, atribui-se um asterisco (*) à sílaba pesada final e, em seguida, forma-se um constituinte binário de proeminência à esquerda (* .), unido à borda direita do vocábulo.

²³ Nos exemplos oferecidos por Bisol (1994, p. 28), a sigla FCP corresponde à regra de aplicação de *Formação de Constituintes Prosódicos*, regra que estabelece a relação de dominante/dominado (forte/fraco), dando origem a um constituinte binário. A sigla Ex (síl) indica que a sílaba localizada no extremo direito torna-se extramétrica e a sigla ASP, por sua vez, corresponde à regra de *Adjunção da Sílaba Perdida*, que consiste na reincorporação da sílaba que havia ficado oculta.

Com base na análise de Bisol (1994), dedicada aos nomes e adjetivos proparoxítonos, é possível afirmar que o acento proparoxítono no português moderno é, assim como no latim clássico, um acento marcado.

2.3 CONCLUSÃO

Neste capítulo, os pressupostos teórico-metodológicos que guiam no desenvolvimento desta pesquisa foram introduzidos. Na primeira seção, os modelos destinados ao estudo da mudança linguística foram apresentados e a ênfase voltou-se, essencialmente, para a Sociolinguística Variacionista. A investigação da atuação dos processos de síncope e apócope sobre vocábulos esdrúxulos, com base nos preceitos labovianos, permite investigar qual a interferência de fatores de ordem linguística e social sobre a manifestação dos mesmos.

Em relação às teorias fonológicas, a Teoria da Sílabas, proposta por Selkirk (1982), foi introduzida neste estudo em virtude de a incidência dos processos de síncope e apócope alterarem a constituição silábica original das palavras sobre as quais incidem. Desse modo, espera-se que as sílabas afetadas pelos processos em exame reorganizem-se, obedecendo aos princípios universais e condições particulares do português. Em primeira instância, deu-se foco à proposta de Selkirk (1982) para a sílaba do inglês e, em seguida, à proposta de Bisol (1999) para a sílaba do português.

Por fim, já que a incidência dos processos de síncope e apócope é apontada pela literatura como responsável pela transformação de vocábulos proparoxítonos em paroxítonos, a proposta Hayes (1995) para o acento foi introduzida. Em seguida, a análise de Quednau (2000), relativa ao acento proparoxítono desde o latim até o português arcaico, e a análise de Bisol (1994), referente ao acento proparoxítono no português moderno, foram referidas.

Nesta seção, portanto, as teorias que norteiam este trabalho foram apresentadas. No próximo capítulo, os estudos relativos aos vocábulos de natureza proparoxítona serão descritos.

3 PROPAROXÍTONOS NO PORTUGUÊS

Nesta seção, um panorama dos estudos relacionados à queda de segmentos pós-tônicos em itens lexicais proparoxítonos no português, responsáveis, portanto, pela transformação desses vocábulos em paroxítonos, será traçado. Os trabalhos destinados à análise dos processos de redução de proparoxítonos, em sua maioria, restringem-se à investigação de como o fenômeno de *síncope* – queda de segmentos pós-tônicos mediais – atua em diversos dialetos do português brasileiro, doravante PB. No que diz respeito à *apócope* – queda de segmentos finais da palavra –, outro processo em exame neste trabalho, poucos estudos serão abordados, devido à escassez de pesquisas destinadas à descrição da manifestação do fenômeno na língua portuguesa.

Desse modo, na seção 3.1, os trabalhos relacionados aos processos de síncope e apócope serão expostos. Na seção 3.2, por sua vez, um sumário dos resultados divulgados pelos trabalhos variacionistas referidos será apresentado.

3.1 ESTUDOS SINCRÔNICOS

O primeiro trabalho realizado sobre a linguagem regional no Brasil data de 1955. Amadeu Amaral, em *O dialeto caipira*, descreveu a fala popular da antiga província de São Paulo até meados do século XIX. Em virtude de a análise de Amaral (1955) ter se concentrado na exposição de uma larga gama de processos, o autor fez uma breve menção à atuação do fenômeno de síncope na redução de proparoxítonos. Nas palavras do autor: “Nos vocábulos esdrúxulos, a tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba, e mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo *ridico* = *ridículo*, *legite* = *legítimo*, *cosca* = *cócegas*, *musga* = *música*” (AMARAL, 1955, p. 49).

O pesquisador, embora tenha identificado uma tendência à redução dos vocábulos proparoxítonos no linguajar caipira paulista, definiu a síncope como apagamento da vogal ou da sílaba pós-tônica não-final, apontando-a como único processo responsável pela

transformação de esdrúxulos em paroxítonos (AMARAL, 1955, p. 49). Contudo, os exemplos *ridíc[ul]o – ridico* e *legiti[mo] – legite*, expostos em seu trabalho, não se enquadram na definição de síncope apresentada. Na palavra *ridículo*, como expôs Amaral (1955, p. 10), a queda da vogal pós-tônica não-final ocorre concomitante à queda da consoante que ocupa o ataque da sílaba átona final (*ridíc[ul]o, ridíco*). Na palavra *legítimo*, por sua vez, os segmentos finais foram suprimidos (*legiti[mo] – legite*), o que caracterizaria o processo de apócope.

Caixeta (1989), no trabalho intitulado *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*, analisou, amparada pela teoria gerativa clássica, o apagamento da vogal pós-tônica medial, na fala de informantes mineiros e cariocas com pouco e alto grau de instrução.

Em um primeiro momento, a autora, ao acreditar que o fenômeno de síncope manifestar-se-ia restritamente na fala popular, selecionou oito informantes adultos que haviam cursado até a 4ª série do ensino fundamental, provenientes da zona rural, residentes de Uberlândia e Araguari, cidades componentes do triângulo mineiro.

Caixeta (1989) entrou em contato com os informantes selecionados, visando estabelecer um elo de intimidade que possibilitasse a coleta da fala espontânea. Em seguida, um questionário que induzia a produção de determinadas proparoxítonas foi aplicado aos sujeitos que compunham a amostra da pesquisa. Entretanto, a produção de proparoxítonos foi inexpressiva: os informantes, em sua maioria, não os utilizaram em suas respostas. A pesquisadora então buscou, por meio de uma conversa informal centrada no cotidiano de cada um dos indivíduos, obter mais produções de vocábulos esdrúxulos. Mais uma vez Caixeta (1989) observou que os vocábulos proparoxítonos estavam sendo evitados, pois sempre que possível, eram substituídos por outros termos.

O número reduzido de dados levou a autora a buscar outras fontes que garantissem uma investigação eficaz. Foram incluídos dados extras provenientes de diversos projetos desenvolvidos em escolas estaduais de Uberlândia, em escolas rurais do município e do projeto de pesquisa Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Foi necessário, também, acrescentar à amostra dados procedentes da fala de informantes com curso superior oriundos do Projeto NURC²⁴. Os novos dados foram extraídos de entrevistas nas quais os sujeitos entrevistados narraram fatos de suas vidas cotidianas, a fim de que a fala fosse produzida de maneira informal. Além dos dados provenientes dos projetos referidos, também fizeram parte da amostra dados registrados de maneira assistemática, por meio de conversas

²⁴ NURC - Projeto Norma Urbana Culta.

informais de falantes anônimos e de entrevistas transmitidas no rádio e na televisão.

Na etapa de análise, apoiada nos princípios gerativos, a pesquisadora considerou o processo de redução de proparoxítonos como subordinado a regras específicas da língua. Assim sendo, a autora apresentou uma regra específica para cada um dos contextos em que a síncope foi observada. Os contextos foram os seguintes²⁵: *Segmento oclusivo na sílaba postônica e segmento líquido na sílaba final – xícara, óculos* (p. 65) –; *Segmento fricativo na sílaba postônica e segmento líquido na sílaba final – úlcera, árvore* (p. 69) –; *Segmentos líquidos na sílaba postônica e segmentos oclusivos na sílaba final – histórico, cérebro* (p. 73) –; e *Segmentos oclusivos na sílaba postônica e na sílaba final – fígado, sábado* (p. 77).

Após a elaboração individual de regras, Caixeta (1989) buscou uma formulação geral capaz de dar conta das diversas estratégias de redução. De maneira mais clara, a autora expôs os contextos fonéticos nos quais a síncope foi observada e, em seguida, formulou uma regra genérica, nos moldes gerativos, representativa do comportamento da queda da vogal pós-tônica não-final. A regra única (RU), que descreve a queda da vogal pós-tônica medial nas proparoxítonas, foi formalizada da seguinte maneira:

$$\begin{array}{c}
 \text{(RU)} \\
 \text{V} \rightarrow \emptyset \quad / \quad \text{C} \text{ — } \text{C (C) V \#} \\
 \left[\begin{array}{c} -ac \end{array} \right] \quad \left[\begin{array}{c} + \text{ cons} \\ (- \text{ lat}) \end{array} \right] \quad \left[\begin{array}{c} -ac \end{array} \right]
 \end{array}$$

Figura 13 – Regra única de descrição da queda da vogal pós-tônica não-final (CAIXETA, 1989, p. 79)

Conforme ilustra a Figura 13, a RU aponta que a vogal pós-tônica não final é suprimida quando se encontra precedida por qualquer consoante, com exceção das laterais, e seguida por uma sílaba que apresente um ou dois elementos na posição de ataque, seguido(s) por uma vogal átona.

Na seção dedicada à análise de itens proparoxítonos no fluxo discursivo, Caixeta (1989, p. 81) expôs exemplos nos quais “as proparoxítonas mostram-se igualmente

²⁵ A nomenclatura utilizada pela autora foi mantida.

reduzidas”. A autora destacou a ação da haplologia²⁶ (*sábado domingo – saba[do]mingo*) e da apócope seguida de pausa no discurso (*matemáti[ca] – matemati*) como processos responsáveis pela redução de esdrúxulos, apesar de o número de casos relativos a esses fenômenos ter sido insuficiente para que fosse possível atingir qualquer proposta de sistematização.

Embora tenha feito uso da teoria gerativa clássica como modelo de investigação, o estudo em questão analisou os dados de acordo com a escolaridade dos sujeitos que os haviam produzido. Na conclusão do trabalho, Caixeta (1989), que dispunha de informantes de escolaridades distintas, atentou para as escolhas lexicais feitas pelos sujeitos menos instruídos, que, em vez de empregarem as palavras proparoxítonas, optaram por expressões diversas que as substituíssem. Apesar da observação de menor número de proparoxítonos registrados na fala dos menos escolarizados, foi constatado que o processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final era percebido tanto no falar dos sujeitos com pouca instrução quanto na fala casual e despreocupada daqueles com mais escolaridade.

Amaral (1999), de modo diferente do de Caixeta (1989), analisou o processo de supressão da vogal pós-tônica não-final à luz da Teoria da Variação, proposta por William Labov (1972, 1994). Em sua tese *As proparoxítonas: teoria e variação*, a pesquisadora deteve-se em uma análise variacionista centrada nos fatores condicionadores do processo de síncope e em uma análise fonológica do fenômeno, abordado segundo a Fonologia Prosódica e a Fonologia Métrica.

O estudo partiu de dados coletados no município de colonização açoriana de São José do Norte, localizado no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul. Por tratar-se de um território praticamente isolado, a pesquisadora julgou interessante observar como os habitantes do município, em sua maioria com baixa escolaridade, empregavam as proparoxítonas. Desse modo, a amostra foi composta por 40 informantes, 20 do sexo feminino e 20 do masculino, todos com idade superior a 20 anos e com baixo grau de escolaridade. As entrevistas foram gravadas no município em estudo, tiveram duração média de 45 minutos e foram realizadas em duas etapas: na primeira, um questionário incentivador da produção de proparoxítonos foi aplicado e, na segunda, uma conversa informal foi conduzida pela entrevistadora.

Assim como no trabalho de Caixeta (1989), o foco do estudo foi o apagamento da vogal pós-tônica não-final nos vocábulos proparoxítonos. Amaral (1999) deteve-se

²⁶ Processo no qual ocorre a queda total de um segmento no encontro de duas sílabas semelhantes átonas situadas em fronteira de palavra (TENANI, 2002, p.131). Ex: *Faculda[de]Letras*.

restritamente nos limites da palavra morfológica, e a partir desse nível de análise estipulou as variáveis independentes, isto é, os grupos de fatores que poderiam exercer influência ou não na aplicação da regra variável de síncope.

Com as informações provenientes do trabalho de Caixeta (1989), *Contexto Seguinte*, *Contexto Precedente*, *Traço de Articulação da Vogal*, *Estrutura da Sílabla Precedente* e *Extensão da Palavra* foram elencados como possíveis influenciadores estruturais do processo de síncope, enquanto *Sexo*, *Faixa Etária*, *Escolaridade* e *Tipo de Entrevista* foram indicados como prováveis condicionadores sociais.

Amaral (1999), ao término da submissão dos dados à análise estatística, concluiu que, em relação às variáveis linguísticas, o *Contexto Seguinte* foi destacado como o mais significativo, sendo confirmada a hipótese inicial de que as líquidas vibrantes e laterais situadas no ataque da sílabla pós-tônica final (*árvore – árvre; chácara – chácra*) favoreceriam mais o apagamento do que as outras consoantes, devido ao fato de possibilitarem, após o apagamento, um grupo consonantal bem-formado.

O *Traço de Articulação da Vogal* foi eleito a segunda variável linguística de maior relevância e as sílabas pós-tônicas que apresentaram como núcleo as vogais labiais /o/ ou /u/ (*abóbora – abóbra, óculos – óclos*) foram destacadas como favorecedoras do processo de supressão. As vogais coronais, por sua vez, foram apontadas como desfavorecedoras. Amaral (1999), apesar de indicar as vogais coronais como não favorecedoras do processo de síncope, faz referência à impossibilidade de queda das vogal /i/, em muitas palavras, em detrimento dos elementos vizinhos que, segundo a pesquisadora, não contribuem para a atuação do fenômeno. De acordo com a autora:

Pode-se dizer então, que as vogais coronais são mais resistentes, em relação à síncope das postônicas não-finais, principalmente o /i/ pelos ambientes circundantes (*ótimo, prático, mecânica, médico*), provavelmente, formando grupos de ataque (tʃ m, tʃ k, nk, dzk) proibidos pelo Princípio de Seqüenciamento de Soância (AMARAL, 1999, p. 154)

A *Estrutura da Sílabla Precedente* foi destacada como terceira variável selecionada. As sílabas leves anteriores à sílabla pós-tônica não-final foram apontadas como favorecedoras à aplicação do processo de síncope. Com base no Princípio de Saliência Fônica (NARO; LEMLE, 1976), a autora argumentou que as sílabas pesadas, por apresentarem mais material fônico, seriam mais inflexíveis a processos de mudança do que as sílabas leves.

O *Contexto Fonológico Precedente* foi a quarta variável linguística selecionada no trabalho de Amaral (1999). O fator velar e o fator labial foram indicados como os que mais favorecem o apagamento. A autora justificou tal resultado devido ao fato desses fatores possibilitarem, após a queda da vogal pós-tônica medial, grupos consonantais bem-formados junto com as líquidas (*chácara – chácra, abóbora – abóbra*).

Em relação às variáveis sociais, o baixo grau de escolaridade foi indicado como fator que exerceu maior influência sobre a síncope, isto é, quanto menor o grau de instrução do informante maior a probabilidade de manifestação do processo. Além da variável *Escolaridade*, as variáveis *Tipo de Entrevista* e *Sexo* também apresentaram resultados significativos e vieram a confirmar as hipóteses previamente estabelecidas pela pesquisadora.

A entrevista de fala espontânea estimulou a produção da regra de síncope de modo distinto do da entrevista dirigida. A maior taxa de aplicação do fenômeno em dados provenientes da entrevista livre²⁷ confirmou as suposições de Amaral (1999) de que, em uma conversa informal, os informantes utilizariam a fala com mais naturalidade. No que diz respeito à variável *Sexo*, a síncope foi produzida em maior número pelos informantes masculinos. Em relação a esse resultado, Amaral (1999) salientou, fundamentada em estudos variacionistas anteriores, que quando a variação encontra-se estável, isto é, quando não representa uma mudança em andamento, as mulheres tendem a utilizar mais as formas ditas padrão do que os homens. O resultado expresso, portanto, confirma essa tendência.

Também com base nos fundamentos teórico-metodológicos variacionistas, o fenômeno de síncope foi investigado no estudo denominado *Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense*, de Silva (2006), que buscou registrar e analisar o processo na fala dos habitantes da região de Sapé, Paraíba.

O trabalho pautou-se na observação e análise de um *corpus* formado por 36 informantes com diferentes graus de escolaridade, moradores da zona urbana da cidade de Sapé. De maneira mais clara, a amostra foi organizada da seguinte forma: metade dos informantes era do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino, os sujeitos foram divididos em três faixas etárias (de 15-25 anos, de 26-49 anos e de 50 anos em diante) e enquadrados em três níveis de escolarização (até 2 anos, de 6-8 anos e mais de 9 anos).

As variáveis estipuladas como possíveis condicionadoras do processo de síncope foram as mesmas delimitadas por Amaral (1999), a saber: *Contexto Precedente*, *Contexto*

²⁷ Entrevista de natureza informal.

Seguinte, *Traço de Articulação da Vogal*, *Estrutura da Sílabas Anterior* e *Extensão da Palavra* – variáveis linguísticas –; *Sexo*, *Faixa Etária*, *Escolaridade* – variáveis sociais –; *Tipo de Entrevista* – variável estilística. Entretanto, vale destacar que o grupo de fatores *Contexto Precedente*, de forma distinta do trabalho de Amaral (1999), foi desenvolvido com base no modo e não no ponto articulatório. Apesar de enfocarem regiões distintas, os resultados obtidos nos estudos de Amaral (1999) e de Silva (2006) apresentam muitas semelhanças.

O *Contexto Seguinte* foi a variável identificada pelo programa VARBRUL, de forma análoga ao estudo de Amaral (1999), como a que exerce maior influência sobre o processo de síncope. As líquidas – lateral e vibrante – (*espetáculo* – *espetáclo*, *árvore* – *árvre*) apresentaram influência significativa sobre a regra de apagamento. O *Contexto Precedente*, segunda variável selecionada, apresentou o fator fricativo (*fósforo* – *fósfro*) como o que mais favoreceu a aplicação da síncope, seguido pelo fator oclusivo (*fígado* – *figo*). A *Extensão da Palavra*, terceira variável apontada como estatisticamente relevante, indicou que as palavras com mais de três sílabas (*es.pí.ri.to* – *es.pír.to*) foram reduzidas de forma mais expressiva do que palavras com três sílabas (*sé.cu.lo* – *sé.clo*). A *Estrutura da Sílabas*, quarto grupo de fatores selecionado, apontou que as sílabas pesadas, anteriores à pós-tônica não-final (*exército* – *exerço*), influenciaram mais a queda da vogal átona. Por fim, o *Traço de Articulação da Vogal*, última variável linguística selecionada, mostrou as dorsais (*chácara* – *chácra*) e labiais (*abóbora* – *abóbra*, *círculo* – *cír clo*) como favorecedoras.

Em relação às variáveis sociais, o programa VARBRUL selecionou: *Escolaridade* – os informantes com menos de dois anos de estudo foram os que mais aplicaram o processo de queda da vogal pós-tônica não-final; *Faixa Etária* – os falantes com mais de 50 anos apresentaram maior número de proparoxítonos sincopados do que as demais faixas etárias; e *Sexo* – os sujeitos do sexo masculino realizaram o processo de supressão com mais frequência do que as mulheres. A variável estilística, referente ao tipo de entrevista realizada, também foi selecionada, e a entrevista livre, assim como no estudo de Amaral (1999), demonstrou considerável influência sobre a aplicação de síncope.

No trabalho *O efeito da síncope de proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano*, Lima (2008) estudou a manifestação da síncope na produção oral de 36 informantes. O total de informantes foi estratificado nas seguintes categorias: naturais de Rio Verde ou de Santa Helena de Goiás (duas cidades vizinhas) – 18 informantes provenientes de cada uma das regiões; sexo feminino e masculino; faixa etária – de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 50 anos; grau de escolaridade – de 0 a 4 anos de estudo, de 05 a 11 anos de estudo ou mais de 12 anos.

As variáveis linguísticas, *Contexto Precedente*, *Contexto Seguinte*, *Estrutura da Sílabas Anterior e Traço de Articulação da Vogal*, estipuladas pela autora, foram as mesmas utilizadas pelos estudos precedentes. Lima (2008) não considerou apenas a variável *Extensão da Palavra*.

Os resultados gerados pela análise de Lima (2008) vão ao encontro das conclusões atingidas pelos estudos precursores. As variáveis selecionadas como relevantes à aplicação da síncope foram: *Contexto Seguinte*, *Contexto Precedente*, *Traço de Articulação da Vogal*, *Estrutura da Sílabas Precedente* (variáveis linguísticas); *Escolaridade*, *Região* e *Sexo* (variáveis extralinguísticas).

Em relação às variáveis linguísticas, o *Contexto Seguinte*, da mesma forma que nos demais trabalhos, foi selecionado como a variável mais significativa. As líquidas, lateral (*pétala* – *pétla*) e vibrante (*xícara* – *xícra*), foram apontadas como os fatores mais influentes na queda da vogal pós-tônica medial. O *Contexto Precedente* foi a segunda variável selecionada e, assim como no trabalho de Amaral, o fator velar (*chácara* – *chácra*) foi destacado como aquele mais relevante ao processo de apagamento. O *Traço de Articulação*, terceira variável selecionada, apresentou as vogais labiais (*cálculo* – *cálclo*) como as mais suscetíveis à queda e, por fim, a *Estrutura da Sílabas Precedente*, quarta variável selecionada, assim como no trabalho de Silva (2006), indicou as sílabas pesadas (*vândalo* – *vândlo*) como fator mais significativo à manifestação da síncope.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: *Escolaridade*, *Região* e *Sexo*. Os menos escolarizados, assim como nas pesquisas de Amaral (1999) e Silva (2006), foram aqueles que mais aplicaram a regra. Em relação à variável *Região*, os informantes de Santa Helena de Goiás aplicaram formas sincopadas de maneira mais significativa do que os informantes de Rio Verde. A autora atribuiu essa diferença de aplicação da regra em virtude de a maioria dos moradores de Santa Helena de Goiás trabalhar na lavoura. Dessa forma, a pesquisadora verificou que a fala dos sujeitos da região assemelha-se à fala das zonas rurais do Sudoeste Goiano. No que diz respeito à variável *Sexo*, da mesma forma que os estudos de Amaral (1999) e Silva (2006), os homens foram apontados como aqueles que mais aplicam a regra de síncope.

Ramos (2009), no estudo *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*, fundamentada nos princípios metodológicos variacionistas descreveu o comportamento variável das vogais pós-tônicas situadas na posição medial de itens lexicais proparoxítonos. A autora deteve-se em dois processos: *o apagamento das vogais postônicas não-finais* e *o alçamento das vogais /e/ e /o/ também em posição postônica não-final*.

A análise de Ramos (2009), centrada exclusivamente em nomes, utilizou como *corpus* 19 entrevistas de natureza espontânea extraídas do Banco de Dados IBORUNA, provenientes do Projeto ALIP²⁸, além de dados coletados por meio de dois experimentos desenvolvidos pela autora: um questionário que visava à produção de determinados itens esdrúxulos e um roteiro de leitura no qual as palavras-alvo (proparoxítonas) encontravam-se inseridas em enunciados fonológicos.

A amostra da pesquisa foi composta por 152 informantes do sexo feminino²⁹ oriundos das regiões do noroeste paulista, atingidas pelo projeto IBORUNA. Os sujeitos foram estratificados de acordo com a faixa etária – de 7 a 15 anos, de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 55 anos e o grau de escolaridade – 1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior; e a renda familiar – mais de 25 salários mínimos, de 11 a 24 salários mínimos, de 6 a 10 salários mínimos e até 5 salários mínimos.

Em oposição aos trabalhos até aqui apresentados, o estudo de Ramos (2009) buscou relacionar o processo de síncope em proparoxítonas a elementos que extrapolassem o nível da palavra morfológica. Para isso, a pesquisadora analisou os itens lexicais, primeiramente, sem atentar para a interferência de elementos prosódicos. No segundo momento, dedicou-se a uma investigação de dados controlados a partir do instrumento desenvolvido com a finalidade de responder a questões de natureza rítmica. De forma mais clara, Ramos (2009), além da realização de uma análise pautada na investigação das variáveis linguísticas e extralinguísticas atuantes na queda da vogal pós-tônica não-final, pretendia também observar se a supressão da vogal no interior da palavra morfológica seria influenciada pelas alternâncias rítmicas que se manifestam em constituintes que excedem a palavra.

De forma semelhante aos trabalhos precursores (AMARAL, 1999; SILVA, 2006; LIMA, 2008), as variáveis linguísticas e sociais delimitadas no trabalho de Ramos (2009) foram: *Consoante Precedente*, *Consoante Seguinte*, *Traço de Articulação da Vogal*, *Estrutura da Sílabla Tônica*, *Extensão da Palavra*, *Escolaridade* e *Faixa Etária*.

Os resultados de ordem linguística encontrados por Ramos (2009) foram compatíveis aos resultados apontados por Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008). As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes ao processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final em estudo foram: *Consoante Seguinte*, *Consoante Precedente*, *Traço de Articulação*

²⁸ Amostra Linguística do Interior Paulista.

²⁹ Apenas informantes do sexo feminino foram considerados, pois, segundo Ramos (2009), os trabalhos referentes ao comportamento das vogais pós-tônicas não-finais mostraram que o sexo não influencia significativamente o processo de apagamento da vogal pós-tônica medial.

da *Vogal e Faixa Etária*. Entretanto, a variável *Escolaridade*, identificada como variável social de maior relevância em todos os trabalhos antecedentes, não foi selecionada na análise dos dados do noroeste paulista.

Com relação à variável *Contexto Seguinte*, as líquidas foram apontadas como fator mais relevante (*máscara – máscra; módulo – módlu*). A variável *Contexto Precedente*, segunda selecionada, diferente dos trabalhos até então referidos, apontou as sibilantes /s/ e /z/ como os fatores mais significativos à atuação da síncope (*música – músca; cócega – cócsca*). O *Traço de Articulação da Vogal*, terceira variável linguística selecionada, apresentou as vogais dorsais (*chácara – chácra*) e labiais (*módulo – módlo*) como as mais relevantes à aplicação do processo.

É importante relatar que as vogais dorsais no estudo em questão apresentaram peso relativo de 0,99, isto é, uma aplicação quase categórica. Intrigada com o resultado, a pesquisadora realizou um cruzamento entre os fatores das variáveis *Traço de Articulação da Vogal* e *Contexto Seguinte*, visando compreender por que o programa apontou o fator dorsal como forte influenciador do processo de síncope. A autora concluiu, então, que em 95% dos casos em que a vogal dorsal estava seguida da líquida /r/ o processo havia se manifestado.

Por fim, a variável extralinguística *Faixa Etária* foi indicada como significativa e os informantes com idades entre 26 e 55 ou mais de 55 anos foram referidos como aqueles que mais aplicam a síncope. A autora concluiu que os informantes mais velhos, portanto, apresentam mais formas sincopadas do que os mais jovens.

Ramos (2009) também observou que o constituinte condicionador da manifestação da síncope é a sílaba, já que o processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final ocorre majoritariamente quando há possibilidade de uma ressilabificação que obedeça aos princípios universais e condições exclusivas do português. Em acréscimo, a autora alegou não ter encontrado evidências indicadoras de que a alternância rítmica exerça influência sobre a manifestação da síncope da vogal medial.

É fundamental salientar que a pesquisa de Ramos (2009), além dos dois objetivos primordiais – verificação do comportamento variável nas vogais pós-tônicas (apagamento e alçamento da vogal pós-tônica medial) e investigação do papel dos aspectos prosódicos sobre o processo de apagamento –, forneceu também uma inspeção fonética de alguns dados em análise. As ilustrações apresentadas pela autora serão discutidas no decorrer do presente texto, juntamente com o trabalho de Meirelles (2007), o qual se dedicou a examinar acusticamente o processo de síncope.

O trabalho *Estudo linguístico – histórico em Rio Verde: síncope e escolhas Lexicais*, de Ximenes (2005), apesar de ter apresentado objetivos e metodologia distintos das pesquisas descritas, alcançou resultados semelhantes. Ximenes (2005) focou-se na descrição e análise de dois processos: um de caráter fonológico (síncope) e outro referente a aspectos lexicais.

A autora efetuou a descrição e análise dos fenômenos linguísticos, seguindo as três etapas que; segundo ela, seriam indispensáveis ao estudo de fenômenos de cunho histórico, como a síncope. Na primeira etapa, analisou e observou documentos escritos em períodos anteriores da língua; na segunda buscou uma associação entre o processo em estudo e os processos históricos. Por fim, na última etapa, procurou identificar se os elementos condicionadores da variação que atuam nos dias de hoje diferem-se substancialmente daqueles que atuaram no passado.

Em relação à amostra, a autora procurou, apoiada na abordagem antropológica e sociolinguística, embasamento metodológico para coletar os dados a serem analisados. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 13 informantes com idades superiores a 60 anos, de baixa escolaridade, oriundos do município de Rio Verde, Goiás. O procedimento de coleta da pesquisa seguiu os moldes labovianos: os informantes foram entrevistados por cerca de 40 minutos, nos quais o entrevistador buscou um ambiente descontraído que possibilitasse a coleta do vernáculo, fala de essência espontânea.

Assim como nas demais pesquisas, o trabalho de Ximenes (2005) apontou como ambiente fonológico mais significativo para a ocorrência de síncope aquele em que a vogal pós-tônica não-final encontrava-se precedida por uma oclusiva ou fricativa e seguida por uma líquida, lateral ou vibrante, como expressam os exemplos *xícara – xícra, fósforo – fósfro*.

Ximenes (2005), diferentemente de Amaral (1999) e Silva (2006), indica a vogal coronal /i/ (*música – musga*) como menos resistente ao processo de apagamento. O resultado causa estranhamento, pois os trabalhos referidos apontam as vogais coronais como os fatores que menos exercem influência sobre a regra, principalmente se o contexto fonológico vizinho não permitir a incorporação do segmento flutuante à sílaba que o precede ou sucede, como, por exemplo, na palavra *médico*, no qual a queda da vogal /i/ resultaria na sequência **méd.co*, não admitida no português.

Em síntese, pode-se afirmar que os trabalhos de Amaral (1999), Ximenes (2005), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009) foram realizados em diferentes regiões do Brasil e forneceram informações fundamentais a respeito de como os falantes de cada localidade lidam com o processo conservador de síncope. Em acréscimo, todos os estudos comprovaram que a queda da vogal pós-tônica medial em proparoxítonos, apesar de ter se manifestado de

forma mais expressiva na passagem do latim ao português, ainda encontra-se presente na língua portuguesa moderna, falada no Brasil.

Em contraponto, os índices de aplicação de síncope apresentados pelos estudos referentes ao português brasileiro são baixos. No trabalho de Amaral (1999), o emprego de formas sincopadas é de cerca de 20% e, no de Ramos (2009), esse índice é de apenas 8%. A baixa aplicação apresentada pelas pesquisas sobre o PB aludidos também indica que, apesar de os proparoxítonos constituírem um grupo restrito no léxico do português, a classe acentual não apresenta indícios de desaparecimento.

O fato destacado vai ao encontro da alegação de Araújo et al. (2008), segundo a qual a síncope em esdrúxulos manifesta-se em um número de contextos limitado, mais especificamente nos quais, após a aplicação do processo, a sílaba gerada atenda às regras de boa-formação. Segundo os autores:

Procuramos mostrar que as reduções (síncope e apócope) que transformam palavras proparoxítonas em paroxítonas ocorrem sob certas circunstâncias, dentre elas a possibilidade de uma consoante em coda ou *onset* ser ressilabificada como segundo elemento de *onset* complexo ou como coda, que ocorrem apenas em cerca de 1/3 das proparoxítonas (ARAÚJO et al., 2008, p. 28).

Vale destacar que os estudos de Caixeta (1989) e Ramos (2009) comentaram sucintamente a ocorrência de fenômenos de apagamento em esdrúxulos, distintos à síncope, nos dados analisados. As autoras não se dedicaram a oferecer uma sistematização dos processos, porém apontaram-nos como possíveis processos de redução de proparoxítonos.

Caixeta (1989) cita, na seção de seu trabalho dedicada à análise dos proparoxítonos inseridos no discurso, algumas ocorrências dos processos de apócope (*matemáti[ca]* – *matemáti*) e haplologia (*saba[do]mingo*), atribuindo aos mesmos o papel de redutores de proparoxítonas. A pesquisadora diz não se deter em uma análise sistemática dos dados, pois os encontrou em número restrito.

Ramos (2009, p. 85), por sua vez, destaca a exclusão de alguns dados de sua pesquisa, visto que esses apresentaram apagamento de segmentos distintos daqueles primeiramente estipulados como foco de análise. A autora, então, elenca os seguintes processos de supressão: *Apagamento da vogal não-final e onset da sílaba final* (*cutícula* – [*kuʔfikaʔ*]), *Apagamento da sílaba final* (*árvore* – [*a.ɾvu*]), *Apagamento das duas sílabas finais* (*evangélico* – [*evanʔɜ*]), *Apagamento da sílaba final e mudança da qualidade da vogal da sílaba final* (*época* – [*ɛpu*]), *Apagamento da rima da sílaba final e alçamento da*

vogal não-final (parêntese – [pa'rênt̪f̪is]), e, por fim, *Apagamento do onset da sílaba final e alçamento da vogal final* (cirúrgico – si'ruʒiu).

Apesar de divulgar o conjunto de tais ocorrências, Ramos (2009) não se deteve na discussão a respeito da possibilidade de sistematização, já que o foco de seu trabalho era o apagamento da vogal pós-tônica não-final e alçamento das vogais /e/ e /o/ em posição pós-tônica medial, que incidem sobre as vogais pós-tônicas não-finais em vocábulos esdrúxulos.

Um estudo dedicado à análise do emprego oral dos proparoxítonos lusitanos, realizado em Portugal, merece atenção na presente pesquisa por se tratar de o único estudo que investigou os dois processos: síncope e apócope. Fernandes (2007), em *Apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos – um contributo para a compreensão silábica do português europeu*, como o título expressa, observou o comportamento das sílabas átonas pós-tônicas – medial e final – em proparoxítonos compostos por três sílabas.

O objetivo primordial da autora foi de explorar a tendência de redução de proparoxítonos em decorrência do ritmo grave característico do sistema acentual do português. Assim sendo, a pesquisadora deteve-se na análise fonético-instrumental da supressão das vogais átonas, situadas em ambientes pós-tônicos, a fim de desvendar em qual das duas posições, interior ou final, as vogais sofreriam queda com maior frequência. Em outras palavras, Fernandes (2007) pretendia delimitar qual dos dois processos, síncope (apagamento medial) ou apócope (apagamento final), era mais efetivo no português europeu (doravante PE).

Os dados analisados por Fernandes (2007) foram provenientes da aplicação de um instrumento de leitura, composto por um texto com cerca de 40 vocábulos proparoxítonos. É importante destacar que os proparoxítonos, presentes no instrumento aplicado pela autora, apresentavam somente as vogais [i] (próx[i]mo); [ɨ] (trôp[ɨ]go) e [u] (séc[u]lo) em posição pós-tônica medial, visto que outros estudos sobre o PE as apontam como propícias ao apagamento. Além disso, encontravam-se presentes no instrumento de leitura dezoito proparoxítonos que apresentavam a vogal [u] em posição final (péssim[u]) e dezoito apresentavam a vogal [ɐ] (músic[ɐ]) localizados na sílaba pós-tônica terminal. Três foram os sujeitos investigados, todos do sexo masculino, com faixa etária entre 20 e 25 anos, alunos do terceiro ano do curso de Letras da Universidade do Porto e naturais da mesma região.

A autora, então, fez uso do programa *Praat*³⁰ para verificar a manifestação dos processos de apagamento, buscando conexões entre a supressão segmental e alguns fatores

³⁰ Software utilizado para análise acústica de dados de fala. Disponível em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

que pudessem estar relacionados ao fenômeno. Os três aspectos investigados pela pesquisadora foram: *qualidade da vogal* – referente às características fonéticas da vogal em exame; *contexto fonológico adjacente* – referente ao contexto precedente à vogal-alvo; e a *posição ocupada pela vogal* – referente à localização do segmento vocálico (posição pós-tônica não-final ou na pós-tônica final).

Em relação à *qualidade da vogal*, Fernandes (2007) apontou os segmentos vocálicos [ɨ] (*música* – *músca*) e [u] (*flâmula* – *flâmla*) como suscetíveis à manifestação da síncope. A vogal [i], por sua vez, foi identificada como a menos propícia ao apagamento, resultado em conformidade com os apresentados pelos estudos referentes ao PB de Amaral (1999), Lima (2008) e Ramos (2009), expostos anteriormente. As pesquisas brasileiras referidas apontaram as vogais labiais e dorsais como influenciadoras do processo e indicaram as coronais como aquelas que atuam como desfavorecedoras do processo de supressão.

No que diz respeito ao processo de apócope, a vogal labial [u] foi destacada como propícia ao apagamento. Desse modo, das 54 realizações de proparoxítonos que apresentavam o segmento vocálico [u] em posição pós-tônica final, 33 quedas foram registradas (*péssim[u]* – *péssim*; *súbit[u]* – *súbit*). Em contrapartida, das 54 produções que apresentavam a vogal [ø] na posição final dos vocábulos, em apenas duas palavras a apócope foi observada (*música* – *músic*; *rêmor[a]* – *rêmor*).

O segundo aspecto observado foi o *contexto fonológico adjacente* à vogal. Na maioria dos casos em que a queda da vogal pós-tônica não-final foi observada, o elemento vocálico encontrava-se precedido por uma oclusiva desvozeada (*época* – *épca*; *óculos* – *óclus*). Em relação à vogal pós-tônica final, apenas uma palavra do instrumento de leitura apresentava uma consoante desvozeada na posição de ataque da sílaba terminal – a palavra *época*. Dessa forma, a autora não pode verificar se as consoantes surdas também exerciam papel sobre a queda da vogal pós-tônica final.

Fernandes (2007) destaca, entretanto, que o apagamento da vogal terminal foi observado em esdrúxulos que apresentavam as seguintes consoantes em posição de ataque da sílaba terminal: /l/ – líquida lateral (*século* – *sécul*); /r/ – líquida vibrante (*número* – *númer*); /m/ – consoante nasal labial (*péssimo* – *péssim*); /d/ – consoante alveolar vozeada (*cómodo* – *cómod*) e /g/ consoante velar vozeada (*trôpego* – *tropeg*). Vale enfatizar que a autora, ao investigar a apócope em esdrúxulos, identificou a ocorrência de outros fenômenos simultâneos à supressão. Em outros termos, notou que as consoantes precedentes à vogal final tornaram-se aspiradas, isto é, passaram a ser pronunciadas como um *sopro surdo* (2007, p.

106).

O último aspecto observado pela autora foi *posição ocupada pela vogal*. Fernandes (2007) concluiu que a manutenção das proparoxítonas, nos dados em análise, foi minoritária. Na maioria das vezes, os falantes não preservaram as estruturas silábicas pós-tônicas originais dos itens proparoxítonos. Tal fato pode ser ilustrado pelos altos índices de aplicação dos fenômenos em estudo, indicadores de que, geralmente, pelo menos uma das duas sílabas subsequentes à tônica foi suprimida nos vocábulos em exame. De maneira mais específica, dos 111 dados analisados, 30,6% sofreram apagamento da vogal da penúltima sílaba (*século – séclo, símbolo – símbo, época – épca*); 31% não sofreram nenhum processo de redução a paroxítono (*bêbera, provida, trôpego*); 21,62 % passaram a oxítonas em detrimento da queda simultânea das duas vogais pós-tônicas (*método – métd, ímpeto – ímpt, número – númr*); 12,6% sofreram apagamento da vogal final (*próximo – próxim, cômodo – cômod, júbilo – júbil*); e 7,21% representam realizações que não se enquadram em nenhum dos processos mencionados.

O somatório das taxas de aplicação dos processos de redução em proparoxítonos (67,82%), em comparação às taxas de não-aplicação (21,6 %), indica que o apagamento vocálico em esdrúxulos no português europeu é efetivo. Tal fato poderia levar à conclusão da existência de uma diferença significativa entre a manifestação dos processos de redução no PE e no PB. Entretanto, a amostra utilizada por Fernandes (2007), conforme a própria autora menciona, não é representativa do PE como um todo.

Outro ponto levantado nas conclusões de Fernandes (2007) é o fato de que, em muitos dados, após a queda da vogal pós-tônica não-final – síncope –, os grupos consoânticos gerados muitas vezes não obedeceram aos princípios fonológicos do português (*página – *página*). A autora revela que:

Vimos, no *corpus* estudado ao longo deste trabalho, que a queda de vogais não acentuadas em posição pós-tônica não final provoca o aparecimento de sequências consonânticas numa situação de adjacência. Alguns desses encontros consonânticos são conformes aos princípios fonológicos da língua, enquanto outros não são admitidos no nível subjacente, existindo apenas a nível fonético (FERNANDES, 2007, p. 127).

Dessa forma, os resultados expressos por Fernandes (2007) diferem-se substancialmente dos que são apontados nos trabalhos sobre o PB, nos quais a manifestação da síncope ocorre, essencialmente, quando a sílaba formada como resultado da incidência do

processo obedece aos princípios universais e condições do português.

A autora, ao observar os itens proparoxítonos reduzidos, identificou em alguns dados, em que há a ocorrência de apócope (supressão da vogal final), que elementos consonânticos não admitidos na posição de coda haviam sido realizados foneticamente. Desse modo, a redução de *cômodo* – *cômod*; *súbito* - *súbit*; *índigo* – *índig*; *música* – *músic*; *péssimo* – *péssim*, não admitidas pelo sistema, foram registradas (FERNANDES, 2007, p. 95 - 98).

O estudo em questão, portanto, apesar de ter abordado um número restrito de informantes, sem permitir, assim, uma generalização a respeito do comportamento dos proparoxítonos no PE, fornece uma descrição importante a respeito do comportamento dos processos de síncope e apócope.

De forma distinta dos trabalhos apresentados até o momento, Araújo et al. (2008) no texto intitulado *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português*, submeteram um corpus de 18.413 palavras proparoxítonas presentes no dicionário Houaiss a um aplicativo computacional que ofereceu um levantamento de todos os contextos em que a síncope e a apócope poderiam ocorrer sem violar o sistema fonológico da língua. Os autores concluíram, então, que das 18.413 palavras proparoxítonas analisadas cerca de apenas 30% apresentaram contexto propício à aplicação dos processos de supressão.

Além disso, os autores obtiveram resultados da porcentagem de cada vogal que ocupava a posição pós-tônica não-final nos esdrúxulos portugueses. A vogal /i/ revelou-se a mais frequente, presente em 65,3 % das proparoxítonas que compõem o léxico da língua portuguesa; a vogal /a/ 10,9% dos vocábulos; a vogal /o/, em 10,5% das palavras; a vogal /e/, em 9,7% e a vogal /u/, em 3,6% dos dados. Ao apresentarem a porcentagem de cada uma das vogais em posição pós-tônica medial, os estudiosos fizeram uma observação importante: apenas 28% das palavras que apresentam a vogal /i/ em posição seguinte à tônica, nos itens esdrúxulos, geram codas ou ataques válidos no português. Em outras palavras, os proparoxítonos com a vogal pós-tônica medial /i/ não apresentam, na maioria dos casos, contexto para a aplicação da queda da vogal pós-tônica medial (*ótimo* – **ótmo*, *magnífico* – **magnífco*, *cúmplice* – **cúmplce*).

Desse modo, com base nos levantamentos feitos, é possível compreender porque os resultados referentes à variável *Traço de Articulação da Vogal*, divulgados pelos trabalhos precursores de Amaral (1999), Lima (2008) e Ramos (2009), apresentaram o fator coronal como desfavorecedor do processo de síncope.

Meireles (2007), em seu trabalho *Reestruturações rítmicas da fala do português brasileiro*, dedicou-se à análise da variação da taxa de elocução, assim como a interferência

dessa nos processos rítmicos do português brasileiro. O autor, então, destinou um capítulo de sua tese à investigação de como alguns itens lexicais proparoxítonos, mais especificamente aqueles apontados pelos demais trabalhos como suscetíveis ao apagamento, podem sofrer modificações resultantes das diferentes velocidades de fala.

O autor, no início do estudo, supôs que as proparoxítonas apresentariam inclinação a tornarem-se paroxítonas em detrimento do aumento da taxa de elocução. Em outros termos, o autor acreditava que quanto mais rápida fosse a velocidade de fala de um determinado indivíduo, maior seria o número de proparoxítonos reduzidos por ele.

Meireles (2007), então, pautado em uma análise de oitiva aliada à uma investigação acústica, observou que mesmo as proparoxítonas produzidas com uma taxa de elocução rápida, muitas vezes não haviam sido transformadas em palavras com o acento na penúltima sílaba. Nos contextos apontados pela literatura como propícios ao apagamento, como por exemplo, vogal pós-tônica não-final precedida por oclusiva ou fricativa e seguida por líquida lateral ou vibrante (*óculos – óclos, abóbora – abóbra*), o autor registrou acusticamente apenas uma redução vocálica. Isso significa dizer que não houve apagamento, mas sim mudança na qualidade da vogal.

Por outro lado, Ramos (2009), em trabalho citado no início desta revisão, também se preocupou em investigar acusticamente alguns dos vocábulos proparoxítonos que na análise de oitiva haviam sido apontados como paroxítonos. A autora, todavia, não realizou uma análise acústica substancial, efetuando a verificação de poucos itens. Ao contrário dos resultados apontados por Meireles (2007), os itens inspecionados, em sua grande maioria, corroboraram os resultados procedentes da análise perceptual prévia.

Os estudos de cunho acústico-instrumental foram referidos apenas a título de exposição das possíveis abordagens de investigação de um dos processos estipulados como foco deste estudo: a síncope. Entretanto, assim como os trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008), a presente pesquisa realizará uma análise essencialmente perceptual. Far-se-á apenas a inspeção acústica de alguns itens esdrúxulos.

Visto que este trabalho trata-se de uma análise fundamentada no modelo teórico-metodológico variacionista, julgou-se necessário organizar um quadro comparativo dos resultados oferecidos pelas análises estatísticas fundamentadas nos mesmos preceitos. Dessa forma, as variáveis operacionais tanto linguísticas como extralinguísticas, delimitadas nas pesquisas de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), serão expostas a seguir. No Quadro 2, as variáveis linguísticas, elencadas como possíveis condicionadoras do processo de síncope da vogal pós-tônica não-final em cada um dos trabalhos mencionados,

encontram-se expostas. Simultaneamente, o quadro aponta as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes à manifestação do processo.

Autor/Ano/ Região	Variáveis Linguísticas ³¹	
	Propostas	Selecionadas
Amaral (1999) São José do Norte - RS	1) Contexto Precedente 2) Contexto Seguinte 3) Traço de Articulação da Vogal 4) Estrutura da Sílabas Anterior 5) Extensão da Palavra	1) Contexto Seguinte 2) Traço de Articulação da Vogal 3) Estrutura da Sílabas Anterior 4) Contexto Precedente
Silva (2006) Sepé - PA	1) Contexto Precedente ³² 2) Contexto Seguinte 3) Traço de Articulação da Vogal 4) Estrutura da Sílabas Anterior 5) Extensão da palavra	1) Contexto Seguinte 2) Contexto Precedente 3) Extensão da palavra 4) Estrutura da Sílabas Precedente 5) Traço de Articulação da Vogal
Lima (2008) Rio Verde e Santa Helena de Goiás - GO	1) Contexto Precedente 2) Contexto Seguinte 3) Estrutura da Sílabas Anterior 4) Traço de Articulação da Vogal	1) Contexto Seguinte 2) Contexto Precedente 3) Traço de Articulação da Vogal 4) Estrutura da Sílabas Precedente
Ramos (2009) Noroeste Paulista - SP	1) Contexto Precedente 2) Contexto Seguinte 3) Traço de Articulação da Vogal 4) Estrutura da Sílabas Anterior 5) Extensão da Palavra	1) Contexto Seguinte 2) Contexto Precedente 3) Traço de Articulação da Vogal

Quadro 2 – Variáveis Linguísticas propostas e selecionadas nos trabalhos variacionistas sobre o PB

O Quadro 3, por sua vez, expressa de forma sistemática o comportamento das variáveis extralinguísticas nas pesquisas de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009).

³¹ A nomenclatura adotada por Amaral (1999) para a identificação das variáveis foi utilizada como padrão. Os estudos de Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009) apresentaram as mesmas variáveis, porém nomeadas de forma distinta.

³² Silva (2006) e Ramos (2009) delimitaram a variável *Contexto Precedente* de acordo com o modo de articulação. As demais pesquisas delimitaram-na em relação ao ponto articulatorio.

Autor/Ano/ Região	Variáveis Extralinguísticas ³³	
	Propostas	Selecionadas
Amaral (1999) São José do Norte - RS	1) Sexo 2) Faixa Etária 3) Escolaridade 4) Tipo de Entrevista	1) Escolaridade 2) Tipo de Entrevista 3) Sexo
Silva (2006) Sepé - PA	1) Sexo 2) Faixa Etária 3) Escolaridade 4) Tipo de Entrevista	1) Escolaridade 2) Faixa Etária 3) Sexo 4) Tipo de Entrevista
Lima (2008) Rio Verde e Santa Helena de Goiás - GO	1) Sexo 2) Faixa Etária 3) Escolaridade 4) Tipo de Entrevista 5) Região	1) Escolaridade 2) Região 3) Sexo
Ramos (2009) Noroeste Paulista - SP	1) Faixa Etária 2) Escolaridade	1) Faixa Etária

Quadro 3 – Variáveis Extralinguísticas propostas e selecionadas nos trabalhos variacionistas sobre o PB

Na primeira coluna, são apresentadas as variáveis estipuladas como possíveis influenciadoras da síncope em cada um dos trabalhos variacionistas. Na segunda, as variáveis sociais relevantes à aplicação do fenômeno de supressão encontram-se listadas.

3.2 CONCLUSÃO

Neste capítulo, os trabalhos referentes à manifestação dos processos de síncope e apócope em proparoxítonos, no português moderno, foram apresentados. Como mencionado no princípio do corrente texto, a maioria dos estudos (CAXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) dedicou-se à investigação exclusiva do comportamento do processo de síncope. Apenas o estudo de Fernandes (2007), relativo ao português europeu, teve-se a um estudo sistemático da síncope e da apócope.

³³ Assim como as variáveis linguísticas, a nomenclatura das variáveis extralinguísticas também foram padronizadas de acordo com Amaral (1999).

A metodologia empregada, as hipóteses estabelecidas e resultados atingidos por cada um dos trabalhos foram descritos e discutidos. No final do capítulo, deu-se ênfase aos resultados alcançados pelos estudos que, assim como este, fizeram uso do aparato teórico-metodológico variacionista, todos concernentes à síncope da vogal pós-tônica não-final.

Os resultados apontados pelas pesquisas apresentaram consenso. Em relação às variáveis linguísticas, os trabalhos apontaram o *Contexto Seguinte* como a variável que exerce efeito mais significativo à aplicação do processo de síncope, sendo os fatores líquida lateral (*óculos* – *óclus*) e líquida vibrante (*chácara* – *chácra*) indicados como os mais relevantes. Além disso, as variáveis *Traço de Articulação da Vogal* e *Contexto Precedente* também foram consideradas relevantes nas pesquisas aludidas. As vogais labiais /o/ e /u/ (*cálcu*lo – *cácl*o; *módulo* – *mód*lo) e a vogal dorsal /a/ (*cháca*ra – *chá*cra) exerceram papel significativo na queda da vogal pós-tônica não-final, assim como o contexto precedente velar (*xíca*ra – *xí*cra) e labial (*fósfo*ro – *fós*fro).

No que diz respeito às variáveis sociais, *Escolaridade* e *Sexo* mostraram-se significativas à atuação do processo, apesar de não terem sido selecionadas no trabalho de Ramos (2009). Os informantes masculinos com menor grau de instrução foram aqueles que apresentaram maiores taxas de esdrúxulos sincopados.

A metodologia utilizada na presente pesquisa, elaborada com base na revisão dos trabalhos que discorreram sobre os processos de síncope e apócope, será descrita no capítulo subsequente.

4 METODOLOGIA

Nesse capítulo, a metodologia adotada para a análise dos processos fonológicos de *síncope* e *apócope* será descrita detalhadamente. A subseção 3.1 apresentará o banco de dados VARSUL, o qual concedeu as entrevistas de fala espontânea utilizadas para este estudo. Já a subseção 3.2 esclarecerá como a amostra foi constituída. A delimitação dos itens lexicais proparoxítonos considerados nesta pesquisa será exposta na seção 3.3. Na subseção 3.4, o processo de levantamento dos dados será abordado. Na subseção 3.5, as variáveis estipuladas como possíveis condicionadoras dos processos em exame serão elencadas e, por fim, na seção 3.6, o aplicativo computacional de análise estatística, adotado para a quantificação dos dados, será introduzido.

4.1 O BANCO VARSUL

O banco de dados Variação Linguística Urbana no Sul do País (VARSUL) foi idealizado pela professora Leda Bisol, no início da década de 1980, inspirado em um projeto de pesquisa sociolinguística pioneiro no Brasil: Projeto Censo de Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, conhecido atualmente como PEUL (Programa de Estudo sobre o Uso da Língua), coordenado pelo pesquisador Antony Naro.

No ano de 1982, a professora Leda Bisol reuniu uma série de pesquisadores com o intuito de discutir a organização de um banco de dados linguísticos que contemplasse a Região Sul do Brasil. No ano seguinte, outro encontro ocorreu na cidade de Florianópolis e, no ano de 1984, mais uma reunião foi realizada. Participaram desse último encontro os professores Carlos Alberto Faraco (UFPR), Solange Lira (UFSC), Gisele Machline de Oliveira e Silva (UFRJ), Odete Pereira da Silva Menon (UFPR), Clarice Knies (UFRGS) e as estudantes Cristina Schmitt e Laura Quednau (FAGUNDES; LOREGIAN-PENKAL e MENON, 2009, p.14).

Foi nessa reunião, realizada em 1984, que o VARSUL surgiu. O banco de dados, em um primeiro momento, sediado nas três universidades sulinas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1993, passou a ter mais uma sede na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Os objetivos fundamentais que nortearam a elaboração do VARSUL foram: oferecer fontes para a descrição da língua portuguesa falada no país, proporcionar condições para testes e desenvolvimento de teorias linguísticas, fornecer apoio para a formação de novos pesquisadores e, por fim, prover fontes para programas educacionais, promovendo conhecimento a respeito das variedades linguísticas (MENON; FAGUNDES; LOREGIAN-PENKAL, 2009, p. 14).

A coleta dos dados iniciou no Rio Grande do Sul, em 1988, sendo estendida aos demais estados nos anos 1990. A amostra básica foi concluída no ano de 1996 e contou com entrevistas dos seguintes municípios:

- Porto Alegre (capital), Flores da Cunha (colonização italiana), São Borja (região de fronteira) e Panambi (colonização alemã) – *Rio Grande do Sul*;
- Florianópolis (capital), Chapecó (colonização italiana), Blumenau (colonização alemã) e Lages (colonização gaúcha) – *Santa Catarina*;
- Curitiba (capital), Pato Branco (cidade de destaque na região sudoeste do Paraná), Londrina (cidade e destaque na região norte do Paraná) e Irati (colonização eslava) – *Paraná*.

A metodologia adotada para a coleta dos dados seguiu os preceitos labovianos. Foram realizadas entrevistas de experiência pessoal com duração de cerca de uma hora, nas quais a informalidade era buscada, a fim de que fosse possível alcançar uma fala natural e descuidada, definida por Labov (1972) como vernacular. Além disso, os informantes que compõem o banco – 24 informantes por cidade – foram escolhidos a partir dos seguintes critérios:

- 1) serem falantes do português;
- 2) terem morado por pelo menos 2/3 de suas vidas na cidade de coleta dos dados;
- 3) serem filhos de pais naturais do município e que também não tivessem se afastado da região por mais de 1/3 de suas vidas.

Após a etapa de gravação, as entrevistas foram transcritas. A transcrição ortográfica foi a primeira a ser realizada, ocupando a primeira linha dos registros. Na segunda linha, encontram-se as indicações dos processos de variação e, por fim, na terceira e última linha, encontra-se exposta uma classificação morfossintática dos itens, assim como alguns registros referentes ao estilo de fala de cada um dos indivíduos.

Vale destacar que, além da amostra básica de entrevistas, novas amostras, provenientes de outras regiões do Sul do País, continuam sendo incorporadas ao banco VARSUL. A amostra básica contempla informantes de ambos os sexos, acima de 25 anos, distribuídos em três níveis de escolaridade (primário, ginásio e secundário). Em vista disso, as entrevistas que vêm sendo acrescentadas ao banco contemplam, além de novas regiões, outras faixas etárias, assim como graus de escolaridade distintos.

4.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

No presente estudo, foram analisadas entrevistas pertencentes ao banco VARSUL dos três Estados do Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Além da amostra básica, entrevistas da amostra complementar, realizadas no município de Rincão Vermelho³⁴, também foram consideradas. De forma mais específica, a presente pesquisa centrou-se na fala das seguintes localidades: *Rio Grande do Sul* – Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre, Rincão Vermelho, São Borja; *Santa Catarina* – Blumenau, Chapecó, Florianópolis, Lages; e *Paraná* – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco.

A amostra foi constituída por 102 inquéritos de fala espontânea – 8 entrevistas de cada um dos municípios que compõem a amostra básica do banco VARSUL e 6 entrevistas do município de Rincão Vermelho, componentes da amostra complementar. Foi necessário considerar um amplo número de entrevistas, devido ao fato de os proparoxítonos serem vocábulos pouco recorrentes em dados de fala espontânea, conforme ressaltaram os estudos de Caixeta (1989), Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009).

Em vista disso, a maioria dos estudos mencionados fez uso de instrumentos extras – listas de palavras e questionários incentivadores da produção de vocábulos acentuados na antepenúltima sílaba –, com a finalidade de elevar a produção de esdrúxulos (cf. Capítulo 3,

³⁴ As entrevistas utilizadas neste estudo, componentes da amostra básica, foram realizadas no final da década de 1980 e início da década de 1990, por bolsistas do Projeto VARSUL. Já as entrevistas referentes ao município de Rincão Vermelho – componentes da amostra complementar – foram coletadas no ano de 2007, por Susieli Marchy da Silva, mestranda (PUCRS) na época.

seção 3.1). Vale destacar que, nesta pesquisa, em vez da aplicação de instrumentos que desencadeassem a produção de mais itens proparoxítonos, optou-se por investigar um extenso número de entrevistas. A prioridade do estudo voltou-se, portanto, ao comportamento de esdrúxulos inseridos no fluxo discursivo.

A elevada quantidade de entrevistas permitiu, ainda, observar a atuação dos fenômenos de apagamento em todos os municípios que constituem a amostra básica do banco VARSUL, o que, por extensão, admite uma generalização a respeito de como processos manifestam-se na Região Sul do Brasil. Em acréscimo, a análise de uma amostra ampla atesta a confiabilidade dos resultados. Segundo Silva (2007, p. 119), “a probabilidade de que os resultados sejam fidedignos é diretamente proporcional ao tamanho da amostra”.

Apenas informantes com nível primário, correspondente àqueles que cursaram até a 4ª série do ensino fundamental, foram considerados em cada uma das amostras na presente pesquisa. Tal decisão recebeu suporte nos resultados oferecidos pelas pesquisas concernentes ao português brasileiro – doravante PB –, que versam sobre o processo de síncope em proparoxítonas (AMARAL, 1999; SILVA, 2006; LIMA, 2008), e que apontam ter sido o processo de queda da vogal pós-tônica não-final observado com maior frequência na fala de sujeitos com pouca escolaridade (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Em um primeiro momento, este estudo buscou adotar o método de estratificação de informantes *aleatório estratificado*, no qual os informantes seriam distribuídos em células e agrupados com sujeitos com os quais compartilham uma série de características sociais. Entretanto, não foi possível agrupá-los em células homogêneas. Os Quadros 4, 5 e 6, a seguir, ilustram a organização das células por estado.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	6	5	11
De 44 a 59 anos	7	8	15
A partir de 60 anos	6	6	12
TOTAL	19	19	

Quadro 4 – Distribuição dos informantes do RS por célula

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	8	3	11
De 44 a 59 anos	3	9	12
A partir de 60 anos	5	4	9
TOTAL	16	16	

Quadro 5 – Distribuição dos informantes de SC por célula

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	7	8	15
De 44 a 59 anos	6	5	11
A partir de 60 anos	3	3	6
TOTAL	16	16	

Quadro 6 – Distribuição dos informantes do PR por célula

As células, como ilustram os Quadros 4, 5 e 6, foram organizadas de acordo com o sexo dos informantes (feminino/masculino), com a região a qual pertenciam (cada um dos estados mencionados anteriormente) e com a faixa etária em que se inseriam (*Faixa 1* – de 25 a 43 anos; *Faixa 2* – de 44 a 59 anos; *Faixa 3* – a partir de 60 anos)³⁵. É importante destacar que as células não são equivalentes, ou seja, os informantes não estão igualmente distribuídos. Por outro lado, os totais revelam equilíbrio no número de informantes do sexo feminino e, quanto à distribuição por faixa etária, os totais são aproximados para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo mais distantes para o Paraná.

4.3 DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Assim como nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), foram consideradas como ocorrências para análise deste estudo os proparoxítonos

³⁵ As faixas etárias estipuladas para essa pesquisa são diferentes das propostas pelo VARSUL. Segundo o banco, os informantes com idades entre 25 e 39 anos correspondem à Faixa 1, os informantes de 40 a 55 anos, à Faixa 2 e os informantes com 60 ou mais, à Faixa 3.

pertencentes à classe morfofossintática dos adjetivos e substantivos.

Os proparoxítonos verbais foram excluídos deste trabalho, pois, conforme Ramos (2009), apresentam indícios de desaparecimento na modalidade oral do PB e são raramente produzidos de acordo com os princípios normativos da língua. O verbo *esperávamos*, por exemplo, é, na oralidade, expresso, muitas vezes, como *esperava* (*nós esperava*, ou então, *a gente esperava*). A queda dos segmentos finais, portanto, não pode ser classificada como apócope, visto que o processo de redução que transforma o verbo em paroxítono é visivelmente regido por fatores de ordem sintática, e não fonológica. Dessa forma, julgou-se apropriado restringir a análise apenas aos dados nominais.

É necessário salientar, além disso, que as palavras terminadas em ditongo crescente como *história* e *miséria*, que podem ser produzidas como paroxítonos, também foram excluídas desta análise. A rejeição desses dados deve-se ao fato de que nessas palavras a ditongação terminal, frequentemente, as transforma em paroxítonas.

4.4 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Depois da etapa de constituição da amostra e estratificação dos informantes em células, iniciou-se o processo de levantamento dos dados. Todos os proparoxítonos encontrados nas 102 entrevistas componentes da amostra, que atendiam aos princípios pré-estabelecidos (cf. seção 4.3), foram transcritos foneticamente.

Vale lembrar que, em um primeiro momento, este estudo objetivava dedicar-se, exclusivamente, à análise da ação do processo de *síncope* na Região Sul do Brasil. Após a transcrição dos dados, entretanto, a atuação de um processo distinto foi identificada: a queda de segmentos finais em vocábulos esdrúxulos – *apócope*. A partir da percepção de que a queda dos elementos terminais também ocasionava a transformação de proparoxítonos em paroxítonos, aliada às indicações dos trabalhos de Caixeta (1989), Fernandes (2007), Araújo (2008) e Ramos (2009), que se referiam à apócope como um processo de redução de vocábulos acentuados na antepenúltima sílaba (cf. Capítulo 3, seção 3.1), optou-se pela inclusão do fenômeno ao estudo.

As variáveis operacionais foram, então, delimitadas. Com a inserção do processo de apócope, o objetivo primordial deste trabalho passou a ser a busca pela possível sistematização da incidência de dois processos sobre os vocábulos de natureza esdrúxula – *síncope* e *apócope*. Pelo fato de os processos em análise não incidirem sobre os mesmos

contextos – um atua sobre a sílaba pós-tônica medial (síncope) e o outro sobre a sílaba pós-tônica final (apócope) – foi necessário elaborar um conjunto de variáveis que pudesse responder a questões da natureza de ambos. As variáveis desenvolvidas encontram-se elencadas na seção seguinte.

4.5 VARIÁVEIS OPERACIONAIS

As variáveis operacionais, norteadoras desta análise, serão apresentadas a seguir. Em um primeiro momento, com base na listagem de todas as possíveis ocorrências dos fenômenos de síncope e apócope, delimitou-se qual seria a variável dependente. Em seguida, as variáveis independentes foram estipuladas, assim como as hipóteses que justificam a delimitação de cada um dos grupos de fatores³⁶.

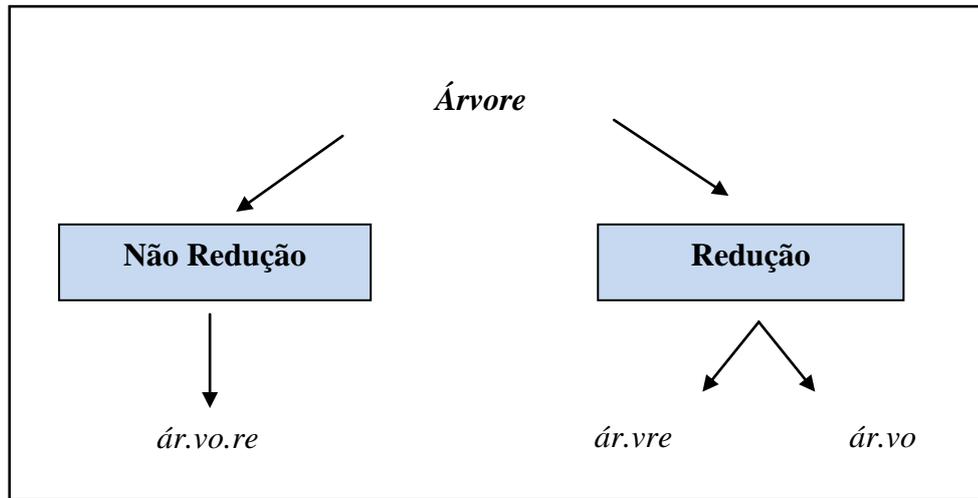
4.5.1 Variável dependente

A variável dependente é um conjunto de variantes linguísticas, isto é, as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1986, p. 08). Neste estudo, destinado a observar a redução de palavras proparoxítonas em paroxítonas, são entendidas como variantes da variável dependente:

- a) não redução;
- b) redução.

O esquema a seguir ilustra como cada uma das variantes que compõem a variável dependente foi codificada. Para isso, far-se-á uso da proparoxítona *árvore*.

³⁶ Era necessário que a variável dependente e as variáveis independentes atendessem aos processos de síncope e apócope concomitantemente.



Quadro 7³⁷—A codificação da Variável Dependente

Conforme mostra o Quadro 7, caso a palavra *árvore* sofra a queda da vogal pós-tônica não-final – síncope (*árvore* – *árvre*), ou a queda da sílaba final – apócope (*árvore* – *árvo*), percebe-se a redução do vocábulo proparoxítono em paroxítono. Por outro lado, caso nenhum processo de apagamento incida sobre o item esdrúxulo, esse é codificado como um caso de não redução.

4.5.2 Variáveis independentes

Para este trabalho, 11 variáveis independentes foram estipuladas, oito linguísticas e três extralinguísticas, com a finalidade de examinar as relações existentes entre os condicionadores estruturais e sociais na produção das proparoxítonas.

4.5.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis ditas linguísticas são as variáveis de natureza estrutural, isto é, são aquelas que fazem parte do sistema linguístico e podem condicionar ou não a aplicação dos

³⁷ Os processos de redução de proparoxítonos, expressos no Quadro 7, são aqueles encontrados com maior frequência nos dados em análise. Entretanto, outros processos incidem sobre esdrúxulos, reduzindo-os em paroxítonos (cf. seção 4.5.2.1.1).

fenômenos em estudo.

Quanto ao processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final (síncope), os possíveis condicionadores do fenômeno foram organizados com base nos resultados divulgados nos trabalhos anteriores a este (AMARAL, 1999; SILVA, 2006; FERNANDES, 2007; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Em relação à apócope, visto que nenhum dos trabalhos relativos ao PB dedicou-se a um exame variacionista da ação do fenômeno em esdrúxulos, as variáveis estipuladas foram elaboradas com base nas informações sobre a atuação do processo no período de transição do latim ao português (cf. Capítulo 1, seção 1.3) e nos resultados apresentados nos estudos de Caixeta (1989), Fernandes (2007), Araújo et al. (2008) e Ramos (2009).

As variáveis de caráter linguístico, elencadas para este estudo, encontram-se expressas a seguir.

4.5.2.1.1 Processos de Apagamento

Os trabalhos destinados a uma análise dos processos de redução de proparoxítonos em paroxítonos no PB centram-se primordialmente na investigação da síncope – queda da vogal pós-tônica não-final (*fósforo* - *fósfru*). Entretanto, muitos desses estudos fazem referência à atuação de outros fenômenos de apagamento na redução de itens proparoxítonos no PB (cf. Capítulo 3, seção 3.1). Em vista disso, nesta pesquisa, os processos apontados como possíveis responsáveis pela redução de esdrúxulos foram:

- a) apócope da sílaba final** (sába[do] – sába);
- b) apócope da vogal final** (númer[o] – númer);
- c) síncope da vogal pós-tônica não-final** (abób[o]ra – abóbra);
- d) síncope da vogal pós-tônica medial e consoante em posição de ataque da sílaba final** (ridíc[ul]o – ridco);
- e) síncope da sílaba pós-tônica não-final** (mé[to]do – médo);
- f) outros processos** (Mônaco > Monáco, rícino – ricíno);
- g) não aplicação** (médico – médico).

Em relação aos processos de síncope, acredita-se que a *síncope da vogal pós-tônica não-final* em proparoxítonas (*abóbora* – *abóbra*), por tratar-se de um fenômeno conservador,

presente no português desde o período de formação da língua (cf. Capítulo 1, seção 1.2), seja, dentre os processos de síncope arrolados, o fenômeno que atua de maneira mais significativa na redução de vocábulos com acento na antepenúltima sílaba. Entretanto, espera-se que o índice de aplicação do fenômeno seja baixo em relação à manutenção dos proparoxítonos, como demonstram os resultados apresentados pelos trabalhos de cunho variacionista (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Em relação aos processos de apócope, supõe-se que a *apócope da sílaba final* apresente maior taxa de aplicação do que a *apócope da vogal final*. Essa hipótese fundamenta-se nos dados apresentados nos trabalhos de Caixeta (1989) e Ramos (2009), nos quais a queda da sílaba final é mais recorrente do que a queda da vogal final. Além disso, presume-se que a *apócope da vogal final* seja pouco recorrente, pois o fenômeno de supressão vocálica manifestava-se no latim vulgar apenas quando a consoante precedente à vogal apagada era licenciada, pelo sistema fonológico, a ocupar a posição de coda da sílaba precursora (cf. Capítulo 1, seção 1.3). Conforme alegam Araújo et al. (2008), o número de contextos nos quais a queda da vogal final gera codas válidas é restrito (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

4.5.2.1.2 Contexto Fonológico Precedente à Vogal

Nos diversos trabalhos revisados (cf. Capítulo 3, seção 3.1), relativos ao estudo dos processos de apagamento da vogal pós-tônica não-final e final, o contexto precedente tem apresentado efeitos significativos. Apesar de as pesquisas de Amaral (1999) e Lima (2008) terem optado por uma classificação do *Contexto Precedente* quanto ao ponto articulatório, e os estudos de Silva (2006), Fernandes (2007) e Ramos (2009) terem caracterizado a variável quanto ao modo de articulação, o grupo de fatores foi apontado como relevante em todas as pesquisas (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

O *Contexto Fonológico Precedente*, neste estudo, diz respeito à consoante anterior à vogal situada na sílaba pós-tônica não-final e final, como expresso a seguir:

	Síncope	Apócope³⁸
a) labial	(abóbora)	(mínimo);
b) alveolar	(módulo)	(número);
c) velar	(máscara)	(épuca);
d) palatal	(mágica)	–

Com base nos resultados expressos pelos trabalhos revisados (cf. Capítulo 3, seção 3.1), a hipótese em relação a esta variável é a de que os contextos precedentes *velar* e *labial* sejam apontados como favorecedores da regra de apagamento da vogal pós-tônica não-final – síncope. Amaral (1999) e Lima (2008) destacaram as velares e labiais como segmentos que, juntos às líquidas, geram grupos consonantais bem-formados, após a queda da vogal pós-tônica não-final (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

No que diz respeito ao processo de apócope, julga-se que o contexto que precede à vogal pós-tônica final *alveolar* seja destacado como aquele que mais favorece o apagamento. Essa proposição fundamenta-se no fato de que, na passagem do latim ao português, as vogais finais eram suprimidas apenas quando o apagamento permitisse que a consoante, na posição de ataque da sílaba final, pudesse ocupar a posição de coda da sílaba antecedente (*cár.ce.re* – *cár. cer*) (cf. Capítulo 1, seção 1.3). Visto que o português só permite as consoantes /r/, /l/, /N/ e /s/ em posição de coda final, acredita-se que o fator *alveolar* seja apontado, portanto, como influenciador do processo.

4.5.2.1.3 Contexto Fonológico Seguinte à Vogal

O apagamento de segmentos vocálicos situados antes de líquidas /r/ e /l/, em proparoxítonos, caracteriza uma tradição histórica, iniciada no latim vulgar (AMARAL, 1999). A presente variável foi selecionada nos trabalhos de cunho variacionista de Amaral (1999), Lima (2008), Silva (2006) e Ramos (2009), todos centrados na análise do processo de síncope, como a variável linguística mais significativa à aplicação do apagamento da vogal pós-tônica não-final.

³⁸ Não foram encontrados, nos dados em análise, registros de proparoxítonos que apresentassem uma consoante palatal precedente à vogal pós-tônica final.

Visto que a posição de contexto seguinte de apócope, na maioria dos casos, é ocupada pelo fonema inicial da palavra seguinte à proparoxítona, prevê-se que, diferentemente da síncope, as líquidas não sejam apontadas como favorecedoras, já que a aplicação da apócope incita um processo de ressilabação regressivo, isto é, o elemento flutuante é incorporado à sílaba anterior (*nú.me.r[o]* – *nú.mer*), e não progressivo, como muitas vezes ocorre com a síncope (*a.bó.b[o].ra* – *a.bó.bra*).

Os fatores delimitados para essa variável encontram-se expressos a seguir:

	Síncope ³⁹	Apócope ⁴⁰
a) líquida lateral	(ócu <u>l</u> os)	(crônica <u>l</u> á);
b) líquida vibrante	(cháca <u>r</u> a)	–
c) oclusiva	(quilômet <u>r</u> o)	(décimo <u>t</u> erceiro);
d) fricativa	–	(ônibu <u>s</u>);
e) nasal	–	(fósforo <u>n</u> é?);
f) vogal	–	(época <u>a</u> quela);
g) pausa ⁴¹	–	(máquina<pausa>).

As líquidas – laterais (*ó.cu.los* – *ó.clus*) e vibrantes (*chá.ca.ra* – *chá.cra*) foram apontadas pelos trabalhos variacionistas relativos ao PB como fortes condicionadoras do processo de síncope, em virtude de serem aptas a reconstituírem grupos consonantais complexos bem-formados após a ação do processo de apagamento segmental. Espera-se, portanto, que os dados em análise confirmem esse resultado.

Em relação ao processo de apócope, acredita-se que o contexto seguinte vocálico não favoreça o apagamento da vogal pós-tônica final, já que esse incentiva a manifestação de processos de sândi externo⁴², de natureza prosódica. Desse modo, pretende-se, com essa variável, identificar qual o efeito exercido pelos demais fatores arrolados.

³⁹ Não foram encontrados, nos dados em análise, registros de proparoxítonos que apresentassem segmentos fricativos, nasais ou vocálicos subsequentes à sílaba pós-tônica não-final.

⁴⁰ Não foram encontrados, nos itens proparoxítonos levantados, casos em que a vogal pós-tônica final fosse seguida por uma líquida vibrante.

⁴¹ Considerou-se pausa toda vez que o fluxo discursivo era interrompido ou quando a fala era encerrada.

⁴² Os processos de sândi externo *degeminação* e *ditongação* não permitem a manifestação da apócope. Ex: abóbor[a]marela (degeminação), sábado[wa]tarde (ditongação). Por outro lado, o processo de elisão incita a queda da vogal; entretanto, como outro elemento vocálico passa a ocupar a posição do elemento suprimido, a redução de proparoxítono em paroxítono não ocorre. Ex: número[e]xtenso.

4.5.2.1.4 Traço de Articulação da Vogal

O exame do papel exercido pela variável *Traço de Articulação da Vogal* é necessário, visto que a qualidade da vogal tem sido apontada como relevante por todos os trabalhos relativos aos processos de supressão vocálica em proparoxítonos (cf. Capítulo 3, seção 3.1). Essa variável refere-se à qualidade da vogal pós-tônica não-final e final.

Os fatores considerados encontram-se elencados a seguir:

	Síncope	Apócope
a) Labial	(óculos)	(número);
b) Dorsal	(chácara)	(fábrica);
c) Coronal	(matemática)	(árvore).

Nos estudos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), as vogais labiais /o/ e /u/ e a vogal dorsal /a/ foram referidas como cooperadoras do processo de apagamento da vogal pós-tônica medial. Com base nas semelhanças apresentadas entre os resultados divulgados (cf. Capítulo 3, seção 3.1), pressupõe-se que as vogais labiais e dorsais, portanto, sejam apontadas como relevantes ao fenômeno de síncope.

Em relação ao processo de queda da vogal pós-tônica final, o estudo de Fernandes (2007) indica que a vogal labial [o] foi a que apresentou maior taxa de supressão no PB. Pretende-se, portanto, verificar se tal tendência se confirma para os dados do português falado no Sul do Brasil.

4.5.2.1.5 Estrutura da Sílabas Anterior

Amaral (1999) e Silva (2006), ao verificarem a atuação da variável *Estrutura da Sílabas Anterior* sobre o processo de queda da vogal pós-tônica medial, apontaram as sílabas leves anteriores à sílabas pós-tônica medial como influenciadoras potenciais do fenômeno de síncope. Lima (2008), por outro lado, apontou as sílabas pesadas como estimuladoras da queda da vogal pós-tônica não-final (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Embora a variável *Estrutura da Sílabas Anterior* tenha sido indicada pela literatura por exercer papel significativo nos processos de queda da vogal pós-tônica não-final –

síncope, a influência dessa variável sobre o fenômeno de supressão da vogal pós-tônica final – apócope – não será observada, visto que, no léxico do português, como revela o estudo desenvolvido por Araújo et al. (2008, p. 08), apenas oito palavras com sílaba pesada, anterior à pós-tônica final, foram verificadas.

Os fatores componentes dessa variável, referentes à investigação da pós-tônica não-final, são:

- a) **Sílaba leve** (chácara);
- b) **Sílaba pesada** (árvore).

A hipótese que governa essa variável é a de que o peso da sílaba anterior possa influenciar o apagamento. Espera-se que as sílabas leves, assim como apontaram os trabalhos de Amaral (1999) e Silva (2006), favoreçam o apagamento da vogal pós-tônica não-final (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

4.5.2.1.6 Extensão da Palavra

A variável *Extensão da Palavra* pode revelar-se condicionadora significativa do processos de apagamento, pois, como afirma Faria (1955, p. 167), a síncope, no latim proto-histórico, atuava essencialmente na redução de vocábulos com quatro ou mais sílabas (cf. Capítulo 1, seção 1.2). Em acréscimo, segundo Amaral (1999, p. 142), em falas rápidas e menos cuidadas, a tendência de encurtar palavras é observada de oitiva.

Essa variável foi selecionada como relevante à aplicação do processo de queda da vogal pós-tônica não-final apenas no estudo desenvolvido por Silva (2006), o qual denunciou uma taxa mais elevada de proparoxítonos reduzidos em palavras compostas por mais de três sílabas.

Os fatores considerados nesta pesquisa são:

- a) **3 sílabas** (fós.fo.ro);
- b) **4 sílabas ou mais** (a.bó.bo.ra).

Com base nos resultados de Silva (2006), acredita-se que o processo de síncope incida de forma mais significativa nas palavras com mais de três sílabas. No que diz respeito ao processo de apócope, busca-se verificar neste estudo o efeito exercido pela presente variável.

4.5.2.1.7 *Tipo de Acento*⁴³

Essa variável, apesar de não ter sido explorada em trabalhos referentes ao tema até então, merece ser investigada, visto que o emprego de ênfase em um determinado item lexical no fluxo discursivo pode não permitir a efetivação de processos de apagamento.

Os fatores dessa variável encontram-se expostos a seguir:

- | | |
|---|---|
| a) Acento enfático | (tipo <doméstica> assim eu acho que não ´tem.); |
| b) Acento frasal | (metade da ´chácara.); |
| c) Acento frasal e enfático | (É uma [´dádiva]!); |
| d) Sem acento frasal ou enfático | (É lógico que ´não.). |

Presume-se que as palavras proparoxítonas sobre as quais não há incidência de acento frasal ou enfático favoreçam a aplicação dos fenômenos em estudo.

4.5.2.1.8 *Classe Gramatical*

A variável *Classe Gramatical* foi incluída neste estudo, a fim de verificar se os adjetivos e substantivos apresentam comportamentos distintos devido à função exercida por cada uma das classes em uma determinada sentença. Nenhum dos trabalhos referidos (cf. Capítulo 3, seção 3.1) analisou a influência deste grupo de fatores sobre os processos de síncope e apócope.

Os fatores que compõem a variável são:

⁴³ O acento nomeado como *acento frasal* refere-se ao acento mais à direita do enunciado.

- a) **Adjetivos** (turístico);
- b) **Substantivos** (médico).

Busca-se, com a variável em questão, investigar o comportamento dos adjetivos, em comparação aos substantivos, a fim de verificar se as classes exercem alguma influência sobre a redução de esdrúxulos.

4.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

As variáveis que não fazem parte do sistema linguístico, mas que também podem exercer influência sobre um determinado processo, são denominadas variáveis extralinguísticas ou variáveis sociais. As variáveis externas ao sistema linguístico que fazem parte desse estudo são *Faixa Etária*, *Sexo* e *Região*.

A variável *Escolaridade*, apontada como variável extralinguística de maior relevância nos trabalhos de Amaral (1999), Ximenes (2005), Silva (2006) e Lima (2008), não foi investigada, visto que todos os informantes considerados possuem poucos anos de estudo (até quatro anos).

4.5.2.2.1 Faixa Etária

A variável *Faixa Etária* permite, muitas vezes, observar indicativos do estágio em que uma regra variável específica encontra-se no sistema de uma determinada língua. A relação entre a idade dos sujeitos que compõem a amostra e a produção de um determinado fenômeno variável pode apresentar indícios do estágio em que esse processo encontra-se, isto é, se o fenômeno em foco trata-se de um processo de variação estável ou de mudança em progresso.

As idades dos informantes foram agrupadas em três faixas:

- a) **Faixa 1 – de 25 a 43 anos;**
- b) **Faixa 2 – de 44 a 59 anos;**
- c) **Faixa 3 – a partir de 60 anos.**

As pesquisas de Silva (2006) e Ramos (2009) apresentam sinais de que o fenômeno de apagamento da vogal pós-tônica não-final (síncope) trata-se de um processo em variação estável. Acredita-se, portanto, que este trabalho alcançará os mesmos resultados.

Em relação à apócope, pretende-se investigar o efeito exercido pela variável nos segmentos terminais das proparoxítonas.

4.5.2.2.2 *Sexo*

A maior parte das pesquisas de cunho sociolinguístico destaca “uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas” (PAIVA, 2007, p. 35). Isso significa dizer que as mulheres, em geral, são mais sensíveis à norma padrão e tendem a preservá-la mais do que os homens.

A variável *Sexo* foi apontada como significativa nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008). Os homens produziram, em todos os trabalhos, um número mais significativo de esdrúxulos sincopados do que as mulheres. Sendo assim, os fatores desta variável são:

- a) feminino;**
- b) masculino.**

Com base na tendência revelada pela maioria dos trabalhos sociolinguísticos e nos resultados apresentados pelos trabalhos variacionistas relativos à redução de proparoxítonas, a hipótese que rege essa variável é a de que os homens reduzirão mais os itens esdrúxulos do que as mulheres.

4.5.2.2.3 *Região*

A inclusão dessa variável justifica-se pelo fato de que os dados foram coletados em diferentes regiões. Em acréscimo, a variável foi apontada, no trabalho de Lima (2008), como relevante (cf. Capítulo 3, seção 3.1). As localidades analisadas nesta pesquisa são:

- a) Flores da Cunha (RS);
- b) Panambi (RS);
- c) Porto Alegre (RS);
- d) Rincão Vermelho (RS);
- e) São Borja (RS);
- f) Blumenau (SC);
- g) Chapecó (SC);
- h) Florianópolis (SC);
- i) Lages (SC);
- j) Curitiba (PR);
- k) Irati (PR);
- l) Londrina (PR);
- m) Pato Branco (PR).

A hipótese que norteia essa variável é a de que, assim como no estudo de Lima (2008), os processos de síncope e apócope apresentem comportamentos distintos nas regiões delimitadas.

4.6 INSTRUMENTO ESTATÍSTICO

A computação estatística das ocorrências referentes aos processos sofridos pelos vocábulos proparoxítonos, na amostra considerada, provirá dos resultados gerados pelo programa *Goldvarb X*, ferramenta mais recente da série VARBRUL⁴⁴, desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2006).

O programa da série VARBRUL é um aplicativo que permite uma análise estatística apurada do efeito exercido por cada um dos fatores (linguísticos e extralinguísticos) sobre a regra variável em exame. O aplicativo oferece duas formas de análise dos dados: a análise *binomial one-step* – na qual analisa todos os grupos e células simultaneamente –, e a análise *binomial step-up/step-down* – análise frequentemente utilizada em estudos linguísticos, na qual os cálculos são executados passo-a-passo (TAGLIAMONTE, 2006, p. 139-140).

⁴⁴ Aplicativo disponível para Windows e Macintosh, disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>

Na fase seguinte ao levantamento das ocorrências de proparoxítonos na amostra considerada, à transcrição dos dados provenientes do banco VARSUL e à delimitação das variáveis a serem analisadas – variável dependente e variáveis independentes –, assim como seus respectivos fatores (cf. seção 4.5), elabora-se uma simbologia mnemônica, representativa dos fatores que compõem cada uma das variáveis. É iniciado, então, o processo de codificação dos dados. Após a codificação, o programa exige a criação de uma sequência específica de arquivos, a fim de que possa chegar aos resultados estatísticos esperados.

O primeiro arquivo criado é o arquivo *.tkn* – no qual o processo de codificação dos dados é realizado. No segundo arquivo, chamado arquivo de condições (arquivo *.cnd*), os grupos de fatores estipulados encontram-se expressos. O arquivo *.cnd* permite a criação de um arquivo de células (arquivo *.cel*) e um arquivo de respostas (arquivo *res.*). É importante destacar que o arquivo de condições é fundamental para o manejo dos dados dessa etapa da pesquisa em diante: com uma série de comandos, é possível realizar exclusões e amálgamas de fatores, a exclusão de variáveis, e os cruzamentos pertinentes à análise.

O passo seguinte compreende a análise unidimensional. Os arquivos gerados, a partir do arquivo de condições, indicam as porcentagens de aplicação da regra referente a cada um dos fatores que compõem as variáveis previamente levantadas. Nessa etapa, os fatores que apresentam uma aplicação de 0% ou de 100% são apontados. Os chamados *knockouts* devem, então, ser excluídos no arquivo de condições, para que o programa possa evoluir para a próxima fase.

Com base nos percentuais gerados, o programa avança para uma análise multidimensional, que consiste na comparação entre todas as variáveis, com a finalidade de identificar aquelas que se mostram estatisticamente relevantes ao fenômeno em exame, assim como evidenciar aquelas que não são significativas.

Na análise *step-up*, processo que revela o grupo de fatores mais significativo à descrição da regra variável em estudo, os cálculos são feitos passo-a-passo. Primeiramente, o aplicativo calcula a interferência de cada uma das variáveis sobre as demais, isto é, compara todos os grupos de fatores, a fim de testar qual deles eleva de forma mais expressiva o *Likelihood*⁴⁵. Ao descobrir o grupo de fatores mais relevante ao processo em análise, o programa passa, então, a buscar o segundo grupo de fatores de maior relevância. Esse processo continua até que o aplicativo não consiga adicionar mais nenhum grupo.

⁴⁵ O critério *Likelihood* é uma ferramenta que consegue dar conta dos desequilíbrios distribucionais nas células (TAGLIAMNANTE: 2006, p. 133).

A análise regressiva *step-down*, por outro lado, realiza o processo da análise *step-up*, entretanto, ao inverso. Em outras palavras, o programa inicia pelo cálculo do *Likelihood* do modelo, quando todos os grupos de fatores encontram-se reunidos simultaneamente na regressão. Logo após, o programa, fazendo o uso do teste de Qui-Quadrado, passa a descartar os grupos que reduzem de forma inexpressiva o valor de *Likelihood*.

O aplicativo, então, encontra-se apto a designar os pesos relativos indicadores da possibilidade de aplicação da regra em estudo. O peso relativo será fornecido pelo programa por meio de valores que variam entre 0,00 e 1,00. Um valor correspondente a 0,5 indica que o fator é neutro em relação à aplicação regra em estudo, acima desse valor, o fator é apontado como favorecedor, e abaixo, é indicado como pouco colaborador.

Dessa forma, o programa da série VARBRUL gera como produto final resultados numéricos, em pesos relativos, que indicam quais os grupos de fatores exercem influência relevante sobre a regra variável em exame e assinalam a relação de favorecimento exercida pelos fatores de uma mesma variável. Os resultados emitidos, então, devem ser cuidadosamente interpretados pelo pesquisador, a fim de responder às perguntas de cunho linguístico elaboradas no início do trabalho.

Em síntese, este capítulo apresentou os procedimentos metodológicos adotados pela presente pesquisa. Primeiramente, a história de formação do VARSUL, banco que forneceu as entrevistas de fala espontânea para o desenvolvimento deste trabalho, foi abordada. Em seguida, expôs-se a configuração da amostra, a delimitação dos dados, assim como o processo de levantamento dos mesmos.

Logo após, as variáveis operacionais estipuladas para a análise do comportamento dos processos de supressão em exame, síncope e apócope, foram introduzidas. As variáveis delimitadas foram: *Processos de Apagamento*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*, *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*, *Traço de Articulação da Vogal*, *Estrutura da Sílabas Anterior*, *Extensão da Palavra*, *Tipo de Acento* e *Classe Gramatical* (variáveis linguísticas), *Faixa Etária*, *Sexo* e *Região* (variáveis extralinguísticas). Por fim, os procedimentos executados pelo aplicativo *Goldvarb X*, ferramenta estatística utilizada neste estudo, foram mencionados.

No capítulo seguinte, os resultados gerados pela análise estatística serão apresentados e discutidos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados gerados pelo programa estatístico *Goldvarb X*, referentes à manifestação dos processos de *síncope* e *apócope* nos dados da amostra considerada, serão divulgados e discutidos. A seção 5.1 trata da síncope e a seção 5.2, da apócope. Na seção 5.3, um paralelo entre os fenômenos em exame será estabelecido, assim como questões mais relevantes à atuação dos processos serão apontadas com a finalidade de comparar a natureza de ambos.

5.1 A SÍNCOPE

5.1.1 Reorganização da amostra

A computação estatística dos dados indicou que dos 102 informantes considerados, 41 não apresentaram em sua fala nenhuma proparoxítona sincopada. Sendo assim, procedeu-se à exclusão desses indivíduos. O presente estudo passou a investigar, portanto, 61 informantes.

Conforme o Gráfico 1 ilustra, do total de 102 informantes considerados, cerca de 40% não aplicaram o processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final em proparoxítonos. Os informantes que apresentaram ao menos uma ocorrência de síncope em seus dados correspondem a 60% da amostra delimitada.

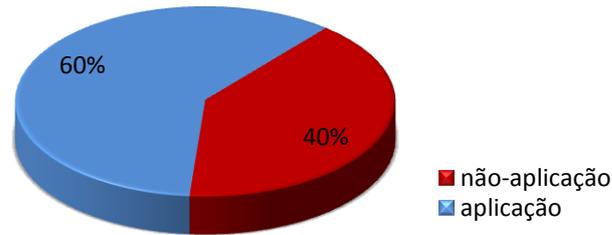


Gráfico 1 – Índice percentual de informantes com relação à aplicação de processos de síncope

Em virtude da eliminação dos informantes que não apresentaram variação, a amostra inicial, constituída por 102 informantes – 38 do Rio Grande do Sul, 32 de Santa Catarina e 32 do Estado do Paraná, sofreu uma série de alterações.

O Gráfico 2 a seguir ilustra como as amostras dos três estados (RS, SC e PR) ficaram organizadas.

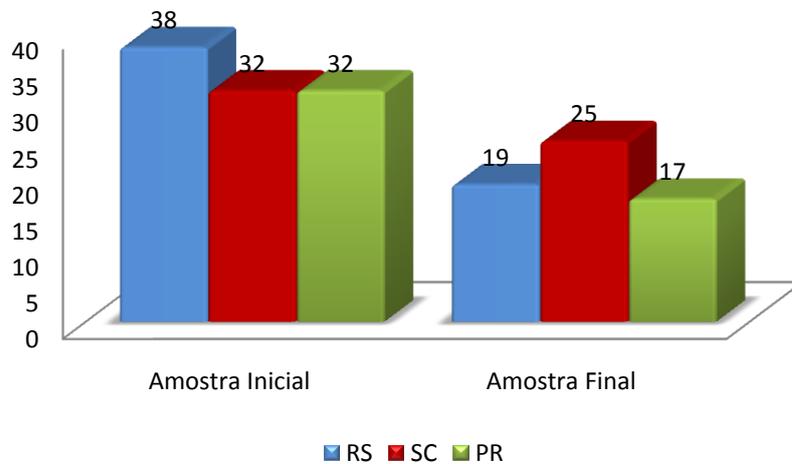


Gráfico 2 – Amostra inicial e amostra final por número de informantes – síncope

Segundo indica o Gráfico 2, a amostra do Rio Grande do Sul passou a apresentar 19 informantes, a do Estado de Santa Catarina, 25 e a do Paraná, 17. Além da redução do número de informantes de cada localidade em estudo, a eliminação dos sujeitos que não realizaram nenhuma vez o processo de síncope modificou também a constituição das células.

Os Quadros 8, 9 e 10 indicam como as células do RS, SC e PR ficaram organizadas, respectivamente.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	3	2	5
De 44 a 59 anos	1	6	7
A partir de 60 anos	2	5	7
TOTAL	6	13	

Quadro 8 – Distribuição dos informantes do RS por célula - síncope

O Quadro 8 anterior indica que as células referentes ao estado do Rio Grande do Sul não se encontram equilibradas. Em relação aos totais, a faixa *de 25 a 43 anos* apresenta 5 informantes, e as faixas *de 44 a 59 anos* e *a partir de 60 anos* apresentam 7 informantes cada uma. Entretanto, quanto ao sexo, os totais denotam desequilíbrio: há apenas 6 sujeitos do sexo feminino em comparação a 13 do sexo masculino.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	5	3	8
De 44 a 59 anos	2	8	10
A partir de 60 anos	3	4	7
TOTAL	10	15	

Quadro 9 – Distribuição dos informantes de SC por célula - síncope

O Quadro 9 mostra que as células referentes ao Estado de Santa Catarina também são heterogêneas. Os totais, entretanto, não apresentam um desequilíbrio significativo. Em relação à faixa etária, há 8 informantes correspondentes à faixa *de 25 a 43 anos*, 10 informantes relativos à faixa *de 44 a 59 anos* e 7 informantes enquadrados na faixa *a partir de 60 anos*. No que diz respeito ao sexo, há 10 informantes do sexo feminino e 15 informantes do sexo masculino.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	3	3	6
De 44 a 59 anos	3	3	6
A partir de 60 anos	3	2	5
TOTAL	9	8	

Quadro 10 – Distribuição dos informantes do PR por célula - síncope

O Quadro 10 aponta a amostra do Paraná como aquela que, mesmo com a exclusão dos informantes, manteve-se equilibrada. Tanto as células quanto os totais exibem uniformidade. As faixas etárias *de 25 a 43 anos* e *de 44 a 59 anos* apresentam 6 informantes cada uma, e a faixa etária *a partir de 60 anos* apresenta 5. Além disso, o total de informantes do sexo feminino corresponde a 9, enquanto que o total do sexo masculino corresponde a 8.

Na seção subsequente, as variáveis selecionadas como relevantes à aplicação do fenômeno de síncope na amostra considerada serão divulgadas.

5.1.2 Seleção das variáveis

Após a exclusão dos informantes que não haviam aplicado nenhuma vez o processo de síncope, procedeu-se à observação da seleção estatística realizada pelo programa *Goldvarb X*. Nessa etapa, os *knockouts*, apontados pela análise unidimensional, foram desconsiderados do arquivo de condições, a fim de que fosse possível proceder à análise multidimensional.

Na análise multidimensional, o aplicativo *Goldvarb X* apontou, então, no nível *step-up*, as seguintes variáveis como favorecedoras do processo de síncope:

- 1) *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal;*
- 2) *Contexto Fonológico Precedente à Vogal;*
- 3) *Extensão da Palavra;*
- 4) *Classe Gramatical;*
- 5) *Traço de Articulação da Vogal.*

No nível *step-down*, as variáveis elencadas a seguir foram descartadas da análise:

- 1) *Região*;
- 2) *Sexo*;
- 3) *Faixa Etária*;
- 4) *Estrutura da Sílabas Anterior*;
- 5) *Tipo de Acento*.

Cada uma das variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes à manifestação do processo de queda da vogal pós-tônica em posição não-final será explorada individualmente na seção 5.1.2.2. A seguir, a frequência global será apresentada.

5.1.2.1 Frequência global

As porcentagens indicativas da aplicação de cada um dos processos de supressão pós-tônica medial, codificados na variável *Processo de Apagamento* (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1), encontram-se expressas no gráfico a seguir.

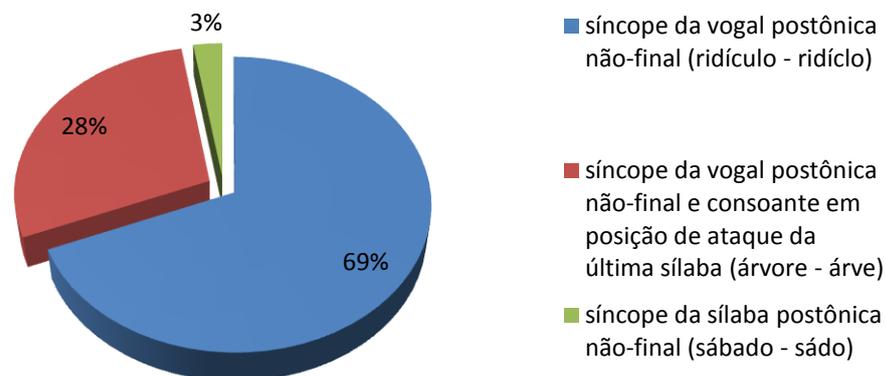


Gráfico 3 – Índice percentual de aplicação dos processos de síncope

O Gráfico 3 indica que, do total de proparoxítonos sincopados, 69% (136/196) sofreram a queda da vogal pós-tônica não-final (*chácara* – *chácra*), 28% (55/196) sofreram a supressão da vogal pós-tônica não-final e consoante em posição de ataque da última sílaba (*árvore* – *árve*) e 3% (5/196) sofreram a elisão da sílaba pós-tônica não-final (*médico* – *médi*).

A hipótese inicial assumida em relação à manifestação dos processos de síncope era a de que a síncope da vogal pós-tônica não-final seria, dentre os processos de síncope elencados, aquele que atuaria de forma mais expressiva (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1).

Vale destacar que, além dos processos de apagamento vocálico, foram encontrados dados nos quais quedas consonantais desencadearam a redução de esdrúxulos em paroxítonos. Essas produções não foram consideradas, visto que esta pesquisa concentra-se na análise de fenômenos de supressão vocálica. Vale ressaltar, entretanto, que a consoante *[k]* foi suprimida em todas as ocorrências excluídas. Os casos observados encontram-se listados no quadro a seguir.

Processo	Palavra	Realização	Nº de ocorrências
síncope da consoante em posição de ataque da sílaba final	Olímpi[k]o	Olímpio	1
	econômi[k]a	economia	3
	folclóri[k]o	folclórico	1
	políti[k]o	polítio	1
	médi[k]o	médio	1
	épo[k]a	époa	1

Quadro 11 – Síncope consonantal em proparoxítonos: ocorrências excluídas

Os processos de síncope analisados (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1) consistem na queda da vogal pós-tônica não-final que, por vezes, provoca a queda de outros segmentos que a precedem ou sucedem. Sendo assim, a análise binária considerou como casos de síncope as ocorrências de *síncope da vogal pós-tônica não-final* (chá.ca.ra – chá.cra), *síncope da vogal pós-tônica não-final e consoante em posição de ataque da última sílaba* (ár.vo.re – árve) e *síncope da sílaba pós-tônica não-final* (bê.ba.do – bê.do). O índice de aplicação do fenômeno de síncope em relação ao de não-aplicação encontra-se no Gráfico 4 subsequente.



Gráfico 4 - Índice percentual de aplicação *versus* de não-aplicação de síncope

Conforme indica o Gráfico 4, do total de 2.387 proparoxítonos analisados, 196 foram sincopados, o que corresponde à cerca de 8% dos dados em análise. A maioria dos dados, cerca de 92%, equivale aos proparoxítonos que não foram reduzidos.

Pressupunha-se, no princípio da pesquisa, que o índice de aplicação do fenômeno seria baixo (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1), com base nos resultados exibidos pelas pesquisas precursoras (AMARAL, 1999; SILVA, 2006; LIMA, 2008 e RAMOS, 2009), que apresentaram taxas de aplicação do processo com oscilações entre 8% e 25% (cf. Capítulo 3, seção 3.1), e na informação apontada por Araújo et. al. (2008) de que o grupo de palavras proparoxítonas presentes na língua portuguesa que permite a aplicação do processo de síncope é restrito, correspondendo a cerca de 30% (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Na seção seguinte, as variáveis linguísticas selecionadas como influenciadoras do processo de síncope serão exibidas e debatidas.

5.1.2.2 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa *Goldvarb X* como influenciadoras da aplicação do processo de queda da vogal pós-tônica não-final (síncope), conforme anunciado na seção 5.1.2, foram: *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*, *Extensão da Palavra*, *Classe Gramatical* e *Traço de Articulação da Vogal*. Cada um dos grupos de fatores será discutido individualmente a seguir.

5.1.2.2.1 Contexto Fonológico Seguinte à Vogal

O *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* foi selecionado como o grupo de fatores mais relevante à aplicação do processo de síncope da vogal pós-tônica não-final. Nessa variável, assim como na pesquisa realizada por Amaral (1999), os fatores *oclusiva*, *fricativa* e *nasal* foram amalgamados em um único fator, denominado *não-líquidas*. O amálgama foi feito com a finalidade de comparar a ação das líquidas (lateral e vibrante) sobre processo de síncope e o efeito exercido pelas demais consoantes.

A *líquida lateral* e a *líquida vibrante* foram apontadas como os fatores que mais favorecem a queda da vogal pós-tônica não-final. A *líquida lateral* apresentou peso relativo de 0,920, enquanto que a *líquida vibrante* indicou um peso relativo de 0,958. As consoantes *não-líquidas* demonstram não atuarem como favorecedoras da regra de apagamento, com peso relativo de 0,374.

A Tabela 1 apresenta as porcentagens e pesos relativos referentes a cada um dos fatores que compõem a variável.

Tabela 1 - *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* e síncope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
líquida lateral (óculos)	84/171	49,1	0,920
líquida vibrante (xícara)	89/200	44,5	0,958
não-líquidas (quilômetro)	23/2016	1,1	0,374
TOTAL	196/2387	8,2	

Input: 0,011
Significance: 0,009

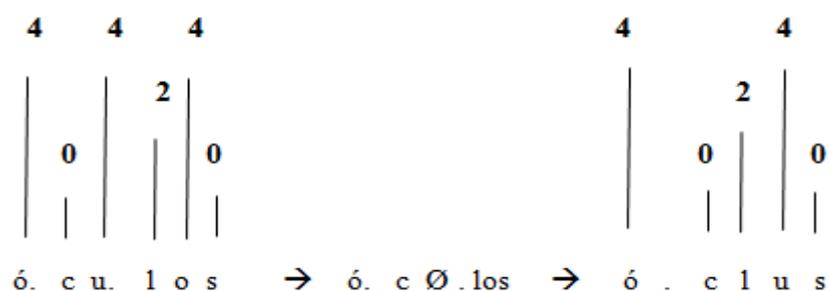
A hipótese preliminar de que as líquidas (laterais e vibrantes) estimulariam o processo de queda da vogal pós-tônica não-final foi confirmada. A suposição pautou-se, primeiramente, na informação fornecida pelas gramáticas de cunho histórico (cf. Capítulo 1, seção 1.2), de que no latim vulgar o processo de síncope manifestou-se, muitas vezes, em palavras em que a vogal pós-tônica medial era sucedida por *l* ou *r*.

Além disso, a presunção inicial fundamentou-se também nos resultados expressos pelos trabalhos de cunho variacionista de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), nos quais o *Contexto Seguinte* foi também eleito como variável mais influente, assim como os fatores *líquida lateral* e *líquida vibrante* foram apontados como os que mais colaboram com a aplicação da regra de queda da vogal pós-tônica não-final em esdrúxulos. Isso porque as líquidas possibilitam, após a queda da vogal pós-tônica medial, a constituição de uma sílaba bem-formada, de acordo com os princípios universais e condições específicas do português (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

De forma ilustrativa, a queda da vogal pós-tônica não-final da palavra *óculos* incitou um processo de ressilabação, visto que a consoante que a acompanhava tornou-se flutuante (ó.cu.los → ó.ç̥.los). Essa consoante, então, dispunha de duas possibilidades de ressilabação: ou ela passaria a ser elemento da coda da sílaba anterior (*óc. lus*), ou então passaria a ocupar a posição de ataque da sílaba subsequente (*ó.ç̥lus*).

Caso a consoante tomasse a posição de coda da sílaba anterior, a condição específica do português que autoriza apenas as vogais e as consoantes /r/, /l/, /N/ e /s/ a ocuparem a posição silábica terminal (cf. Capítulo 2, seção 2.2.1.3), seria violada. Por outro lado, a consoante, ao ocupar a posição de ataque, encontra-se em conformidade tanto com as condições particulares do português quanto com o PSS - *Princípio de Sequenciamento de Soância* (cf. Capítulo 2, seção 2.2.1.3). A representação a seguir, baseada na escala de soância proposta por Clements (1990) (cf. Capítulo 2, seção 2.2.1.3), ilustra como ocorreu o processo de ressilabação:

(9)



Dessa forma, a curva de sonoridade silábica que, segundo o PSS, deve ser crescente em direção ao núcleo e decrescente em relação à coda, foi respeitada na formação da nova sílaba, conforme indica a representação a seguir.

(10)

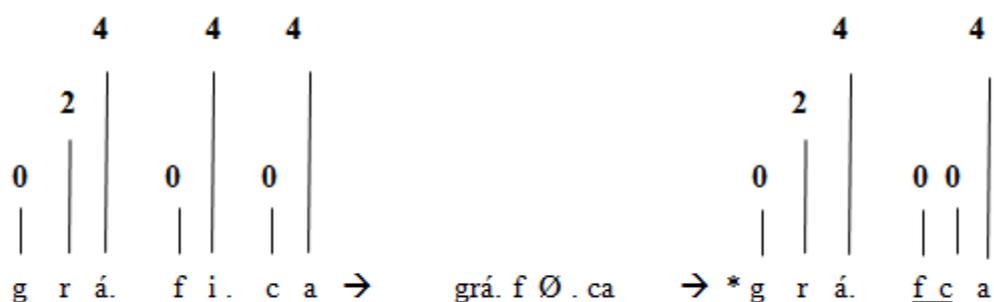


Em virtude disso, o processo de ressilabação narrado manifestou-se na maioria das palavras que apresentavam uma líquida – vibrante ou lateral – na posição contígua à vogal pós-tônica não-final, sobre as quais o processo de síncope incidiu. Em outros termos, em um número elevado de palavras com o contexto seguinte mencionado, a consoante flutuante passou à posição de ataque da sílaba subsequente, formando com a líquida um ataque complexo (*fós.f[o].ro* – *fós.fro*; *a.bó.b[o].ra* – *a. bó. bra*; *ár.v[o].re* – *ár.vre*; *a.grí.c[o]. la* – *agrí.cla*).

O fator *não-líquida*, como indica a Tabela 1, mostrou não desempenhar papel significativo no processo de apagamento da vogal pós-tônica não-final. Nos casos em que uma *fricativa*, *oclusiva* ou *nasal* seguia a vogal pós-tônica, observou-se, na maioria dos casos, a aplicação do processo de *síncope da vogal pós-tônica medial e da consoante em posição de ataque da sílaba final*, como nos casos *gráf[ic]a* – *gráfa*, *sáb[ad]o* – *sábo*, *mín[im]o* – *míno*. Vale destacar que caso apenas a vogal pós-tônica não-final fosse suprimida, os processos de ressilabificação possíveis desobedeceriam tanto aos princípios universais como as condições particulares da língua portuguesa.

A representação seguinte ilustra o processo hipotético de ressilabação no qual a consoante que flutua assume a posição de ataque da sílaba subsequente.

(11)



De acordo com a ilustração exibida, a incorporação do elemento flutuante ao ataque da sílaba pós-tônica final da palavra *gráfica* geraria um *platô* – cadeia composta por dois elementos com graus de sonoridade idênticos (cf. Capítulo 2, seção 2.2.1.3), o que não é autorizado pelas condições silábicas específicas do português. Além disso, com a criação do platô, o PSS também seria infringido.

Por outro lado, o apagamento da vogal pós-tônica não-final, concomitante à supressão da consoante que ocupa o ataque da sílaba subsequente à vogal, gera uma sílaba que atende as regras de boa-formação do português, como ilustra o esquema seguinte.

(12)



Conforme mostra a representação acima, a queda da vogal pós-tônica medial, simultaneamente à queda da consoante consecutiva, cria uma sílaba bem-formada, isto é, uma

discussão dos resultados referente ao grupo de fatores *Traço de Articulação da Vogal* (cf. seção 5.1.2.2.5).

5.1.2.2.2 Contexto Fonológico Precedente à Vogal

A segunda variável detectada como influenciadora do processo de síncope foi o *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*. Excluiu-se o fator *palatal* da variável, pois nenhum proparoxítono que apresentava uma consoante assim caracterizada em posição precedente à vogal sofreu o processo de síncope.

A análise quantitativa apontou o fator *velar* como aquele que mais contribuiu para a manifestação do processo de síncope, apresentando peso relativo de 0,709. O fator *labial* também foi indicado como estimulador da regra de apagamento com peso relativo de 0,685. Por fim, o fator *alveolar* não demonstrou colaborar com o fenômeno de supressão, apresentando peso relativo de 0,335.

Os resultados referentes ao comportamento de cada um dos fatores que compõem essa variável encontram-se expressos na Tabela 2.

Tabela 2 - *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e síncope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
velar (espetáculo)	54/186	29,0	0,709
labial (estábulo)	129/975	13,2	0,685
alveolar (apóstolo)	13/1226	1,1	0,335
TOTAL	196/2387	8,2	

Input: 0,011

Significance: 0,009

A seleção do *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* como segundo grupo de fatores de maior relevância vai ao encontro dos resultados apresentados por Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), nos quais a variável também foi a segunda selecionada no nível

step-up (cf. Capítulo 3, seção 3.1). O *Contexto Precedente* também foi selecionado no trabalho de Amaral (1999) como a quarta variável linguística de maior relevância à aplicação de síncope.

A hipótese prévia, em relação à variável em questão, de que as consoantes velares e labiais favoreceriam a atuação do processo de síncope, foi corroborada. Segundo Amaral (1999) e Lima (2008), em detrimento da queda da vogal pós-tônica não-final, as consoantes referidas como favorecedoras constituem, junto às líquidas, grupos consonantais bem-formados, compostos por velar ou labial e seguidos por líquidas (*ó.clos*, *a.bó.bra*).

Com a finalidade de verificar a afirmação dos autores referidos, realizou-se um cruzamento entre as variáveis *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*, expresso no Gráfico 5.

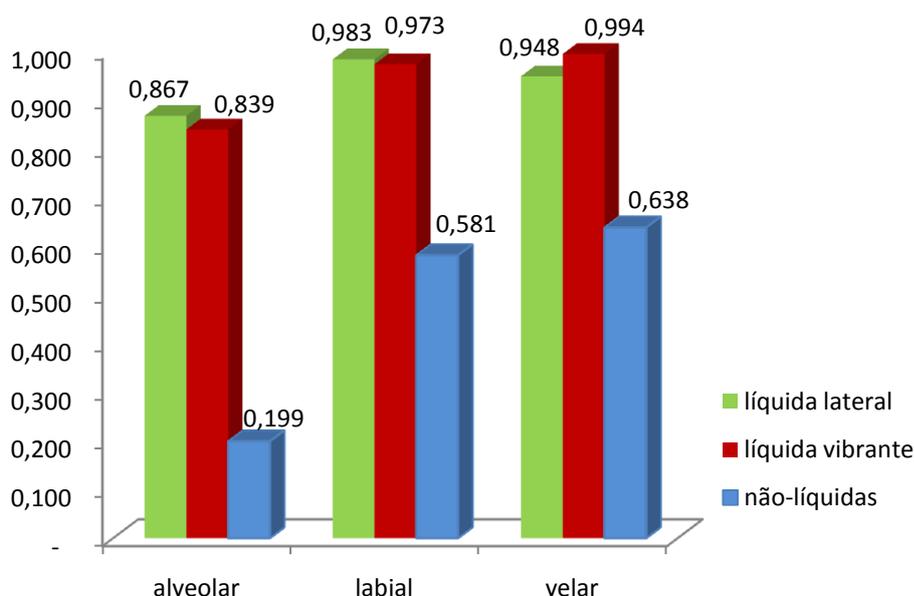


Gráfico 5 – Cruzamento entre *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* - síncope

Conforme o Gráfico 5 mostra, o cruzamento entre os fatores *velar* e *líquida lateral* (*óculos* - *óclus*; *ridículo* - *ridíclo*) apresenta peso relativo de 0,948, o cruzamento entre o *velar* e *líquida vibrante* (*chácara* - *chácura*; *xícara* - *xi.cra*) indica um peso relativo de 0,994. O cruzamento entre *labial* e *líquida lateral* (*estábulo* - *estáblo*; *Florianópolis* - *Florianópolis*) apresenta peso relativo de 0,983 e o cruzamento entre *labial* e *líquida vibrante* (*véspera* - *véspra*; *abóbora* - *abóbra*) aponta um peso relativo de 0,973. Os resultados confirmam que as

sílabas formadas por uma *velar* ou *labial* seguidas de uma líquida (lateral e vibrante) são bem-formadas, como se pressupunha no início desta pesquisa (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.3).

Entretanto, o cruzamento entre os fatores *alveolar* e *líquida lateral* e *alveolar* e *líquida vibrante*, apresentando cada um peso relativo equivalente a 0,867 e 0,839, indicam que a combinação de uma consoante alveolar seguida por uma líquida (*módulo – módlu, título – títlu*) também é significativa.

Como mencionado anteriormente, os proparoxítonos apontados como mais suscetíveis à aplicação do processo de síncope foram aqueles que apresentam, antes da vogal pós-tônica não-final, uma consoante velar e, após o segmento vocálico, uma líquida vibrante, e aqueles que apresentaram, concomitantemente, o contexto labial anterior à vogal pós-tônica medial e o contexto líquida lateral como contexto subsequente à vogal pós-tônica não-final. Entretanto, observa-se que dos 42 dados sincopados que apresentavam a combinação entre os contextos *velar* e *líquida vibrante*, 31 correspondem à palavra *chácara*. De forma análoga, dos 65 dados sincopados em que a vogal pós-tônica medial encontrava-se situada entre uma consoante *labial* e uma consoante *líquida lateral*, 64 palavras apresentam o sufixo *-polis*, isto é, 98,5% das palavras que apresentam tal contexto são formadas pelo afixo aludido e tratam-se de nomes próprios. O quadro seguinte atesta as informações mencionadas

Consoante Velar e Líquida Vibrante			Consoante Labial e Líquida Lateral		
Proparoxítono	Aplicação de síncope	Porcentagem	Proparoxítono	Aplicação de síncope	Porcentagem
chácara	31	73,8	Florianópolis	51	78,5
xícara	3	7,1	Teresópolis	4	6,1
árvore	7	16,6	Veranópolis	3	4,6
máscara	1	2,3	Petrópolis	3	4,6
			Higienópolis	2	3,0
			Rondonópolis	1	4,5
			estábulo	1	1,5

Quadro 12 - Proparoxítonos sincopados – consoante velar e líquida vibrante/ consoante labial e líquida lateral

Conforme indica o Quadro 12, o resultado de que a combinação entre contexto precedente *velar* e contexto seguinte *líquida vibrante*, assim como a iteração entre contexto

precedente *labial* e contexto seguinte *líquida lateral*, favorecem o apagamento da vogal pós-tônica diz respeito a um grupo restrito de palavras.

Em relação ao cruzamento entre os fatores que compõem a variável contexto precedente e o contexto seguinte *não-líquidas*, duas combinações mostraram-se relevantes à aplicação do fenômeno de síncope: a iteração entre contexto precedente *labial* e contexto seguinte *não-líquidas* (*quilôm[e]tro - quilôntro*) e a iteração entre contexto precedente *velar* e contexto seguinte *não-líquidas* (*estôm[ag]o - estômu*).

5.1.2.2.3 Extensão da Palavra

O terceiro grupo de fatores selecionado foi *Extensão da Palavra*. Conforme revela a Tabela 3, as palavras constituídas por mais de três sílabas (*abóbora, apóstolo, espetáculo, Florianópolis*), apresentando peso relativo de 0,773, contribuíram mais à manifestação do processo de síncope do que as palavras constituídas por três sílabas (*árvore, cálculo, chácara*). Essas últimas não se mostraram favorecedoras do processo de supressão, com peso relativo de 0,376.

Tabela 3 – *Extensão da Palavra* e síncope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
Mais de 3 sílabas (a.bó.bo.ra)	95/689	13,6	0,773
3 sílabas (chá.ca.ra)	101/1689	6,0	0,376
TOTAL	196/2387	8,2	

Input: 0,011

Significance: 0,009

Os resultados exibidos encontram-se em conformidade com as proposições iniciais. A hipótese norteadora dessa variável era de que os proparoxítonos com mais de três sílabas tenderiam à redução, visto que no latim proto-histórico a síncope atuava de maneira significativa em vocábulos compostos por mais de três sílabas (cf. Capítulo 1, seção 1.2). A

presente variável foi selecionada apenas no estudo de Silva (2006), no entanto, o autor, apesar de não ter controlado a velocidade de fala, sugeriu que ritmos rápidos estimulam a produção de processos de apagamento em palavras extensas.

Conforme mencionado na discussão da variável *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.6), as palavras terminadas no sufixo *-polis* (*Florianópolis, Higienópolis, Veranópolis, Petrópolis, Teresópolis, Rondonópolis*), por corresponderem a 33% das palavras sincopadas, provavelmente interferem nos resultados apresentados. Do total de 95 palavras que apresentam mais de três sílabas, 64 terminam com o afixo referido.

5.1.2.2.4 Classe Gramatical

A *Classe Gramatical* foi a quarta variável apontada pelo programa *Goldvarb X* como influenciadora do processo de síncope em proparoxítonos. O fator *substantivo* mostrou-se favorecedor à aplicação do fenômeno, com peso relativo correspondente a 0,604. Por outro lado, o fator *adjetivo* não desempenhou papel na aplicação do processo, apresentando peso relativo de 0,216. O comportamento de cada uma das classes gramaticais encontra-se expresso na Tabela 4.

Tabela 4 – *Classe Gramatical* e síncope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
substantivo (árvore)	189/1800	10,5	0,604
adjetivo (ridículo)	7/587	1,2	0,216
TOTAL	196/2387	8,2	

Input: 0,011

Significance: 0,009

Com a finalidade de investigar se o tipo de acento desempenha papel sobre a variável em questão, foi realizado um cruzamento entre os fatores componentes das variáveis *Classe*

Gramatical e Tipo de Acento; entretanto, o cruzamento não foi apontado como estatisticamente relevante. Tal resultado, portanto, denuncia a irrelevância estatística das variáveis aludidas para o fenômeno em estudo.

Além disso, foi constatado nos dados em análise que um número elevado de adjetivos apresenta a vogal coronal /i/ em posição pós-tônica não-final (cf. Anexo B). Diante disso, realizou-se um cruzamento entre *Classe Gramatical* e *Traço de Articulação da Vogal*. Os resultados desse cruzamento serão exibidos na seção subsequente, junto à apresentação da variável alusiva à qualidade vocálica.

5.1.2.2.5 *Traço de Articulação da Vogal*

A variável *Traço de Articulação da Vogal* foi a quinta selecionada. As vogais *dorsais*, apresentando peso relativo de 0,676, foram as que mais favoreceram o apagamento. As *labiais*, com peso relativo de 0,636, também se mostraram colaboradoras à aplicação do processo de supressão. Por outro lado, o peso relativo de 0,407, apresentado pelas vogais *coronais*, indica que essas não incentivam a manifestação da síncope. A ação de cada um dos fatores sobre o processo de apagamento encontra-se exposta na Tabela 5.

Tabela 5 – *Traço de Articulação da Vogal* e síncope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
dorsal	48/183	26,2	0,676
labial	133/746	17,8	0,636
coronal	15/1458	1,0	0,407
TOTAL	196/2387	8,2	

Input: 0,011

Significance: 0,009

Os resultados, expressos na Tabela 5, confirmaram a previsão de que as vogais labiais /o/ e /u/ (*abóbora* – *abóbra*; *óculos* – *óclus*) e a vogal dorsal /a/ (*chácara* – *chácra*) contribuiriam para o apagamento da vogal pós-tônica não-final, e de que as vogais coronais /e/ e /i/ (*número*, *ótima*) não se mostrariam favorecedoras do processo de supressão. A

hipótese em relação à variável *Traço de Articulação da Vogal* fundamentou-se nos resultados atingidos pelos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), que apontaram as vogais labiais como influenciadoras do processo de síncope, e nos resultados divulgados no estudo de Ramos (2009), no qual as vogais labiais e dorsais foram eleitas como propícias à supressão.

Na pesquisa desenvolvida por Ramos (2009), apesar de a autora ter alcançado resultados semelhantes aos deste estudo no que diz respeito à qualidade vocálica, o fato de que as vogais dorsais contribuiriam para a incidência da síncope foi questionado. A autora efetuou um cruzamento entre a presente variável e o grupo de fatores *Contexto Seguinte*. Com base nos resultados revelados pelo cruzamento, a pesquisadora percebeu que 95% dos vocábulos proparoxítonos com a vogal /a/ na posição pós-tônica apresentavam uma líquida vibrante como contexto subsequente. Dessa forma, Ramos (2009) desmitificou o fato de que as vogais dorsais apresentam influência sobre o processo (cf. Capítulo 3, seção 3.1)

Com a finalidade de investigar detalhadamente o comportamento das vogais, realizou-se um cruzamento entre os fatores componentes das variáveis *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* e *Traço de Articulação da Vogal*, assim como em Ramos (2009).

Os resultados encontram-se expressos no Gráfico 6 e no Quadro 13 a seguir.

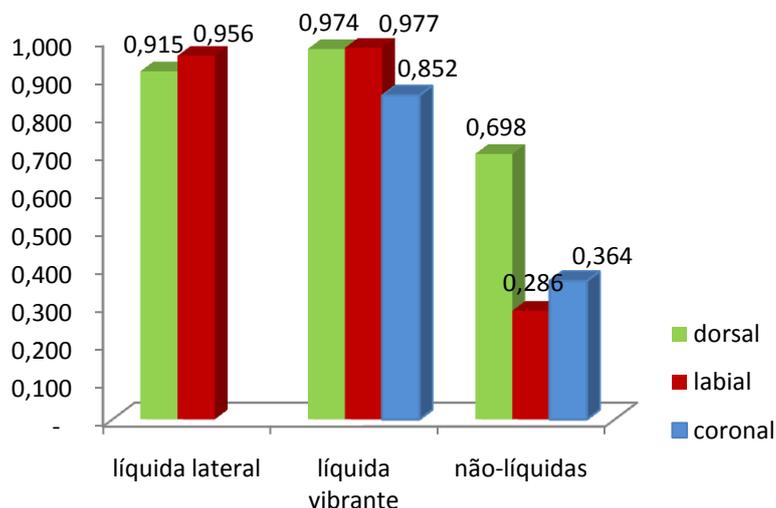


Gráfico 6 – Cruzamento entre *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* e *Traço de Articulação da Vogal* - síncope

O Gráfico 6 denuncia que a associação entre vogais labiais e consoantes líquidas – lateral (*estábulo* – *estáblu*) e vibrante (*abóbora* – *abóbra*) – são significativas, com peso relativo de 0,956 e 0,977, respectivamente. Entretanto, com relação à associação entre vogais

labiais e consoantes não-líquidas, percebe-se que o peso relativo não favorece o processo de síncope, apresentando valor de 0,286.

A queda da vogal dorsal, como ilustra o Gráfico 6, mostrou-se significativa tanto nos contextos em que a vogal era seguida por líquidas como por não-líquidas. A iteração entre vogal dorsal e líquida lateral (*pétala – pétila*) apresentou peso relativo de 0,915. A combinação entre vogal dorsal e líquida vibrante (*xícara – xícra*) indicou peso relativo de 0,956, e a entre vogal dorsal e consoantes não-líquidas – fricativas, oclusivas e nasais (*estômago – estômo*) expôs peso relativo de 0,698.

Verifica-se, na amostra considerada, que o peso relativo de 0,977 correspondente à iteração entre vogal labial e líquida vibrante (*fósforo - fósfro*) e o peso relativo de 0,974 relativo à iteração entre vogal labial e líquidas lateral (*agrícola – agrícola*), sugere que a qualidade vocálica não interferiu no processo de supressão. O apagamento parece ser governado pelo contexto vizinho subsequente, visto que permite a constituição de uma sílaba bem-formada após a queda vocálica.

O cruzamento entre vogal coronal e líquida vibrante demonstrou-se favorecedor à aplicação da síncope. No entanto, esse resultado não é significativo, já que o processo de redução manifestou-se em apenas três ocorrências como ilustra o Quadro 13, a seguir, que apresenta os valores de aplicação/total para cada célula criada para o cruzamento entre as variáveis *Traço de Articulação da Vogal* e *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*.

		Contexto Fonológico Seguinte à Vogal								
		líquida lateral			líquida vibrante			não-líquidas		
		APLIC/ TOTAL	%	PR	APLIC/ TOTAL	%	PR	APLIC/ TOTAL	%	PR
Traço de Articulação da Vogal	Dorsal	2/12	16,7	0,915	40/83	48,2	0,974	6/88	6,8	0,698
	Labial	82/157	52,2	0,956	46/83	55,4	0,977	5/506	1,0	0,286
	Coronal	-	-	-	3/34	8,8	0,852	12/142	0,8	0,364
TOTAL		84/169	-	-	89/200	-	-	23/736	-	-

Quadro 13 – Cruzamento entre *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal* e *Traço de Articulação da Vogal* – síncope

O Quadro 13 mostra que as vogais coronais seguidas de líquidas vibrantes apresentam peso relativo indicativo de favorecimento de 0,852, entretanto apenas três ocorrências foram identificadas com esse contexto – duas correspondem à palavra *véspera* (*véspra*) e uma corresponde à palavra *úlceras* (*úlca*). Apesar de o peso relativo apontar a associação de fatores como relevante à aplicação da síncope, a premissa assumida em relação à variável em questão, de que a maioria dos proparoxítonos com a vogal coronal em posição pós-tônica medial não apresenta contexto para a aplicação do processo de síncope, não foi afetada (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.4). Segundo Araújo et al. (2008), apenas 28% das palavras com vogal pós-tônica não-final /i/ geram codas ou *onsets* complexos válidos após a incidência de síncope. Isso significa que, na maior parte dos esdrúxulos que constituem o léxico da língua portuguesa, caso a vogal fosse suprimida, as sílabas geradas não estariam em conformidade com os princípios universais e com as condições específicas do português que regulam a boa-formação das sílabas (*úl.ti.ma* – **ul. tma*; *re. pú.bli.ca* – **re.pú.blca*; *po.lí.ti.ca* – **po.lí.tca*).

Conforme anunciado na discussão referente à variável *Classe Gramatical* (seção 5.1.2.2.4), a maioria dos adjetivos proparoxítonos encontrados no *corpus* deste estudo apresentam a vogal coronal /i/ na posição pós-tônica não-final (cf. Anexo B). Nas 587 produções de adjetivos, 120 foram computados. Desses, apenas sete não apresentaram a vogal

na sílaba seguinte à tônica, a saber: *agrícola, ridículo, frutífera, bárbaros, bárbara, bêbado e vândalo*.

Realizou-se, então, um cruzamento entre os fatores das duas variáveis (*Traço de Articulação da Vogal e Classe Gramatical*), a fim de verificar se a baixa redução de adjetivos proparoxítonos ocorreu em virtude da presença da vogal coronal /i/ em posição pós-tônica não-final.

Os resultados da interseção de fatores encontra-se expresso no Gráfico 7 e Quadro 14 seguintes.

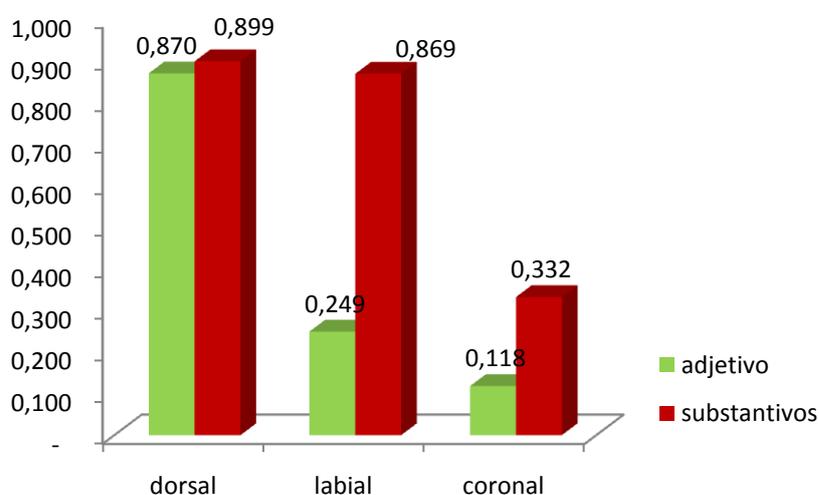


Gráfico 7 – Cruzamento entre *Traço de Articulação da Vogal e Classe Gramatical* - síncope

Conforme ilustra o Gráfico 7, os cruzamentos que se revelaram influenciadores do processo de síncope foram: vogal dorsal e adjetivo – 0,870; vogal dorsal e substantivo – 0,899 e vogal labial e substantivo – 0,869. As intersecções que se mostraram não-favorecedoras do processo foram: vogal labial e adjetivo (*agrícola – agrícola*) – 0,249; vogal coronal e adjetivo (*mínimo – míno*) – 0,118 e vogal coronal e substantivo (*úlceras – úlsa*) – 0,332.

O Quadro 14, a seguir, apresenta os valores de aplicação/total de cada célula do cruzamento entre as variáveis *Traço de Articulação da Vogal e Classe Gramatical*.

		Classe Gramatical					
		Adjetivo			Substantivo		
		APLIC/ TOTAL	%	PR	APLIC/ TOTAL	%	PR
Traço de Articulação da	Dorsal	2/12	16,7	0,870	46/171	26,9	0,899
	Labial	3/22	13,6	0,249	130/724	18,0	0,869
	Coronal	3/553	0,4	0,118	13/905	1,4	0,332
TOTAL		8/587	-	-	189/1800	-	-

Quadro 14 – Cruzamento *entre Traço de Articulação da Vogal e Classe Gramatical* - síncope

Segundo as informações exibidas pelo Gráfico 7 e Quadro 14, a grande maioria dos proparoxítonos adjetivos encontrados no presente *corpus* apresentam, como relatado na discussão sobre a variável *Classe Gramatical*, a vogal /i/ na posição pós-tônica não-final. De forma mais específica, dos 587 adjetivos produzidos, 553 apresentam a vogal referida na posição. Essa constatação desencadeia uma nova linha de raciocínio em relação aos resultados apontados na variável *Classe Gramatical*. A pouca incidência do fenômeno de supressão na classe dos adjetivos, nos dados investigados, deve-se ao fato de os proparoxítonos com a vogal pós-tônica medial /i/, como relatam Araújo et al. (2008), não apresentarem contexto propício à manifestação do fenômeno de síncope (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

Percebe-se, portanto, que o baixo índice de aplicação do processo de apagamento nos adjetivos esdrúxulos deve-se ao fato de a maioria dos vocábulos nesta pesquisa apresentarem a vogal referida na posição consecutiva à tônica. As características semânticas referentes à classe gramatical, que poderiam levar os informantes a produzir os adjetivos de forma enfática, parecem não exercer papel significativo.

5.1.2.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas, estipuladas na presente pesquisa, não foram selecionadas como relevantes à aplicação do processo de síncope da vogal pós-tônica não-final. Em virtude disso, a fim de que a iteração entre as variáveis fosse analisada, realizaram-

se cruzamentos entre: *Faixa Etária e Região*, *Sexo e Região*, e *Sexo e Faixa Etária*. Esse último foi o único apontado pelo programa *Goldvarb X* como relevante à manifestação da síncope, conforme ilustra o gráfico seguinte.

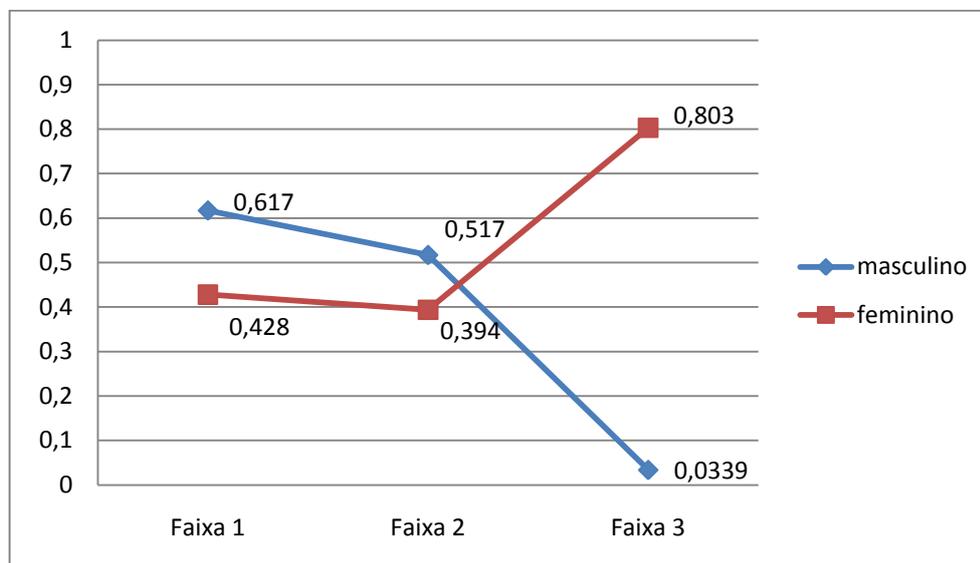


Gráfico 8 – Cruzamento entre *Faixa Etária e Sexo*

Segundo mostra o Gráfico 8, as mulheres com mais de 60 anos (Faixa 3) são as que aplicam de forma mais significativa o processo de síncope (0,803). O índice decresce em relação às mulheres mais jovens, correspondentes à Faixa 2 (0,394) e à Faixa 1 (0,428). No que diz respeito aos homens, os mais jovens são apontados como aqueles que aplicam com maior frequência o processo (0,617). À medida em que a faixa etária aumenta, observa-se um decréscimo na aplicação do fenômeno. Os homens pertencentes à Faixa 2 apresentam peso relativo de 0,517 e os pertencente à Faixa 3, peso de 0,339.

As informações expressas no Gráfico 8 fornecem indícios de uma mudança em progresso. As mulheres mais jovens foram aquelas que se mostraram mais sensíveis à variante de prestígio, diferente dos homens mais jovens que, devido à taxa de aplicação significativa, revelaram-se menos sensíveis.

A fim de observar se os resultados gerados pelo cruzamento em exame referem-se ao comportamento do grupo ou se a taxa de aplicação de determinados informantes estaria distorcendo os resultados, realizou-se uma análise individual. Assim sendo, os índices de aplicação da regra de síncope de cada um dos informantes foi verificado. O quadro e gráfico seguintes apresentam, a partir da comparação entre proparoxítonos produzidos e proparoxítonos sincopados, o valor percentual da aplicação de cada um dos informantes.

Infor.	Total de Proparoxítonas	Aplicação de síncope	Aplic./ Total	Infor.	Total de Proparoxítonas	Aplicação de síncope	Aplic./ Total
1	49	5	10,2%	32	58	3	5,2%
2	36	3	8,3%	33	35	2	5,7%
3	28	1	3,6%	34	47	1	2,1%
4	31	3	9,7%	35	50	1	2,0%
5	49	3	6,1%	36	51	11	21,6%
6	41	4	9,8%	37	76	1	1,3%
7	29	6	20,7%	38	48	3	6,2%
8	47	3	6,4%	39	87	5	5,7%
9	26	1	3,8%	40	52	6	11,5%
10	27	1	3,7%	41	30	11	36,7%
11	35	1	2,9%	42	35	6	17,1%
12	25	1	4,0%	43	32	2	6,2%
13	49	1	2,0%	44	16	5	31,2%
14	40	2	5,0%	45	57	1	1,8%
15	83	1	1,2%	46	76	1	1,3%
16	37	1	2,7%	47	54	1	1,9%
17	54	5	9,3%	48	25	2	8,0%
18	31	1	3,2%	49	15	1	6,7%
19	30	1	3,3%	50	52	1	1,9%
20	58	4	6,9%	51	52	1	1,9%
21	88	5	5,7%	52	34	1	5,1%
22	67	4	6,0%	53	22	4	18,2%
23	8	1	12,5%	54	62	3	4,8%
24	45	6	13,3%	55	52	1	1,9%
25	36	12	33,3%	56	34	1	2,9%
26	18	4	22,2%	57	31	2	6,5%
27	30	6	20,0%	58	32	6	18,8%
28	20	1	5,0%	59	20	5	25,0%
29	15	2	13,3%	60	93	11	11,8%
30	23	1	4,3%	61	35	2	5,7%
31	45	5	11,1%				

Quadro 15 – Taxa de aplicação de síncope por indivíduo

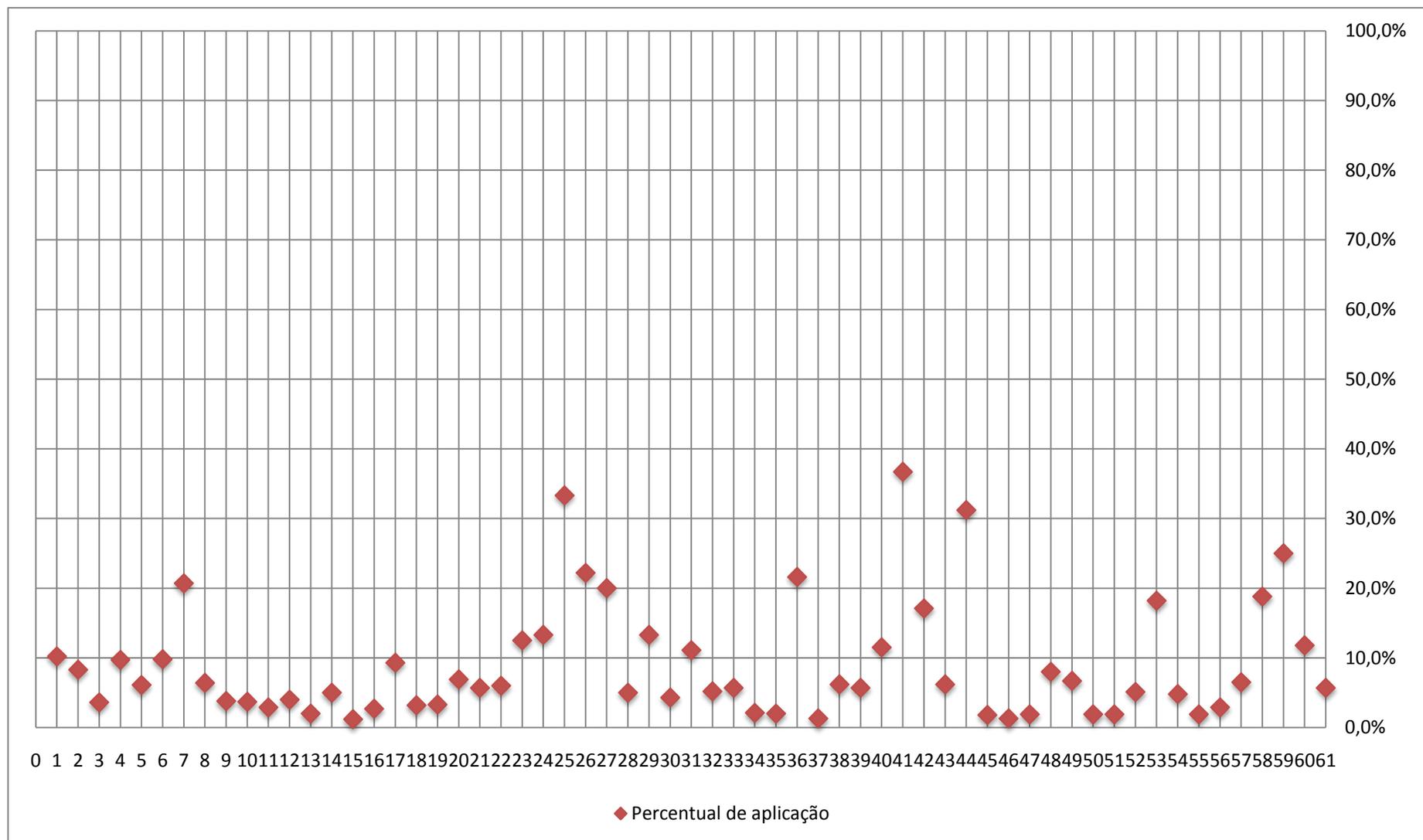


Gráfico 9 – Taxa de aplicação de síncope por indivíduo

Conforme indicam o Quadro 15 e o Gráfico 9 expostos, os informantes que apresentam maior taxa de aplicação do processo de síncope são do sexo feminino, enquadrados na Faixa 3 (*a partir de 60 anos*). A informante de número 41 apresenta o índice percentual de aplicação mais alto, correspondente a 36,7%. A informante de número 25, por sua vez, apresenta taxa percentual de 33,3%. Dessa forma, o indício de uma mudança em progresso, sugerida pelo Gráfico 8, é desmitificado: as duas informantes estão elevando o peso relativo do grupo de mulheres pertencentes à Faixa 3.

O mesmo procedimento foi adotado para verificar se os resultados relativos ao sexo masculino também não estariam sendo afetados pelo comportamento individual dos informantes. Desse modo, observou-se que os homens que apresentaram os índices de aplicação mais baixos pertencem à Faixa 3: o informante 15 apresentou a menor taxa de aplicação, correspondente a 1,2% e o informante 37, a segunda menor taxa, correspondente a 1,3%.

5.2 A APÓCOPE

5.2.1 Reorganização da amostra

Os mesmos procedimentos adotados para a análise do processo de síncope, abordada nas seções anteriores, foram adotados para a análise referente ao processo de apócope. Dessa forma, na primeira análise relativa ao processo, do total de 102 informantes considerados na amostra inicial, 51 foram excluídos em virtude de não terem aplicado o fenômeno de supressão nenhuma vez.

O gráfico seguinte ilustra a parcela dos informantes que foram extraídos da amostra em contraponto àqueles que foram mantidos:

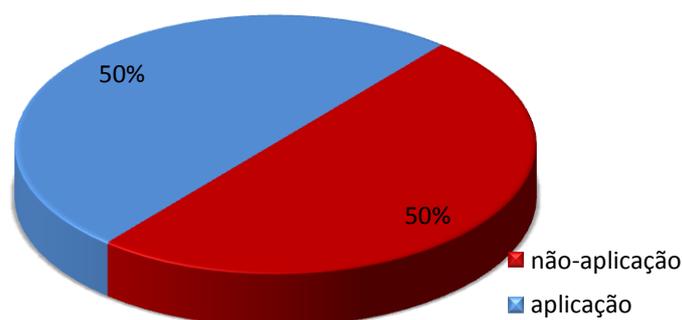


Gráfico 10 – Índice percentual de informantes com relação à aplicação de processos de apócope

Conforme ilustra o Gráfico 10, do total de 102 informantes apenas 50% aplicaram o processo de apócope em proparoxítonos. Dessa forma, essa é a porcentagem de informantes que permaneceram sendo analisados por este estudo. Os informantes excluídos por não terem aplicado o processo de supressão nenhuma vez correspondem a 50%.

Desse modo, a amostra inicial composta por 102 informantes – 38 do Rio Grande do Sul, 32 de Santa Catarina e 32 do Estado do Paraná – passou a apresentar 16 informantes do Rio Grande do Sul, 18 do Estado de Santa Catarina e 17 do Estado do Paraná.

O Gráfico 11 a seguir ilustra a distribuição de informantes por Estado considerada na amostra final.

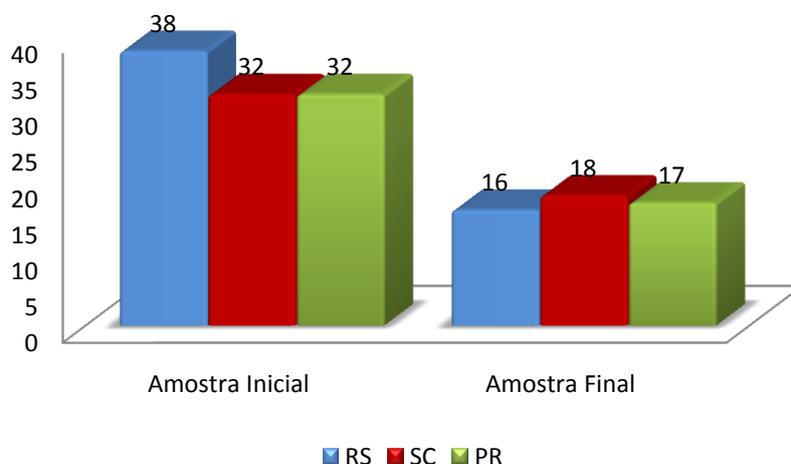


Gráfico 11 – Amostra inicial e amostra final por número de informantes - apócope

De acordo com o Gráfico 11, a amostra do Estado do Rio Grande do Sul, composta inicialmente por 38 informantes, passou a apresentar 16. As amostras dos Estados de Santa Catarina e Paraná, formadas na amostra inicial por 32 informantes, apresentam, na amostra final, 18 e 17 informantes, respectivamente.

Em detrimento da exclusão de um elevado número de informantes, a organização das células também sofreu modificações. Os Quadros 16, 17 e 18 demonstram a nova organização das células de cada um dos Estados.

O Quadro 16, a seguir, indica que a amostra referente ao Estado do Rio Grande do Sul apresenta desequilíbrio quanto ao número de informantes que compõem cada uma das células. Não há informantes do sexo feminino na faixa etária *de 25 a 43 anos*. Além disso, há apenas um informante do sexo masculino que se insere na faixa etária *de 44 a 59 anos*. Os totais, conseqüentemente, são apenas aproximados quanto ao sexo: há 9 informantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Para a variável faixa etária, os totais apresentam-se pouco equilibrados: a faixa de *25 a 43 anos* apresenta 3 informantes e a faixa de *44 a 59 anos* apresenta 5 informantes, entretanto, a faixa *a partir de 60 anos* conta com 8.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	0	3	3
De 44 a 59 anos	4	1	5
A partir de 60 anos	5	3	8
TOTAL	9	7	

Quadro 16 – Distribuição dos informantes do RS por célula – apócope

O Quadro 17 demonstra que os informantes do Estado de Santa Catarina encontram-se mais bem distribuídos do que os do Estado do Rio Grande do Sul. Apenas as células formadas pela faixa etária *de 44 a 59 anos* e sexos apresentam número insuficiente de informantes: 1 do sexo feminino para 5 do sexo masculino. Quanto aos totais, não se observa um desequilíbrio significativo tanto em relação à *Faixa Etária* como em relação ao *Sexo*.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	3	2	5
De 44 a 59 anos	1	5	6
A partir de 60 anos	4	3	7
TOTAL	8	10	

Quadro 17 – Distribuição dos informantes do SC por célula – apócope

O Quadro 18, referente ao Estado do Paraná, indica que as células, apesar da exclusão de informantes, mantiveram-se uniformes apresentando cada uma de 2 a 4 informantes. O equilíbrio das células reflete no equilíbrio dos totais. Em relação à *Faixa Etária*, a *de 25 a 43 anos* apresenta 6 informantes, a *de 44 a 59 anos*, 7 e a faixa *a partir de 60 anos*, 4. No que diz respeito ao *Sexo*, o sexo feminino apresenta 8 informantes e o sexo masculino, 9.

Faixa Etária	Sexo Feminino	Sexo Masculino	TOTAL
De 25 a 43 anos	3	3	6
De 44 a 59 anos	3	4	7
A partir de 60 anos	2	2	4
TOTAL	8	9	

Quadro 18 – Distribuição dos informantes do PR por célula – apócope

Na próxima seção, as variáveis apontadas como influenciadoras da aplicação do processo de apócope serão exibidas e debatidas.

5.2.2 Seleção das variáveis

A computação estatística referente ao processo de apócope foi realizada após a exclusão dos dados dos informantes que não apresentavam em sua fala nenhuma ocorrência do fenômeno de supressão. Todas as variáveis delimitadas previamente (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1) – *Processo de Apagamento, Contexto Fonológico Precedente à Vogal, Contexto Fonológico Seguinte à Vogal, Traço de Articulação da Vogal, Extensão da Palavra, Tipo de Acento e Classe Gramatical* (variáveis linguísticas) e *Faixa Etária, Sexo e Região* (variáveis extralinguísticas) – foram consideradas.

Na análise multidimensional, realizada na etapa seguinte à exclusão dos fatores apontados como *knockout*, o nível *step-up* indicou as seguintes variáveis como influenciadoras do processo de apócope:

- 1) *Traço de Articulação da Vogal*;
- 2) *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*;
- 3) *Tipo de Acento*.

No nível *step-down* as variáveis listadas foram:

- 1) *Classe Gramatical*;
- 2) *Faixa Etária*;
- 3) *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*;
- 4) *Extensão da Palavra*;
- 5) *Sexo*;
- 6) *Região*.

As variáveis selecionadas pelo programa como relevantes à atuação do processo de apócope serão discutidas individualmente na seção 5.2.2.2.

5.2.2.1 *Frequência global*

O índice de aplicação de cada um dos fenômenos de apócope (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1) encontra-se expresso no gráfico seguinte.

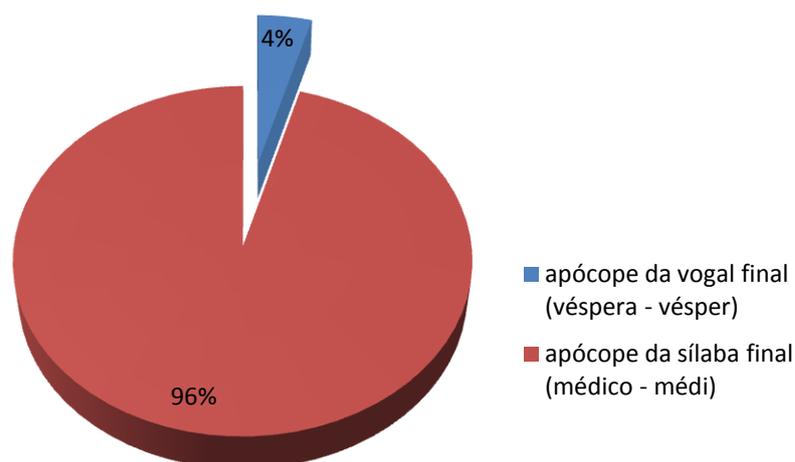


Gráfico 12 – Índice percentual de aplicação dos processos de apócope

Conforme o Gráfico 12 ilustra, nas 116 ocorrências de apócope registradas cerca de 4% correspondem à apócope da vogal final, ou seja, em apenas 5 palavras observou-se a queda vocálica, a saber: *número* – *númer[o]*; *vésper[a]* – *vésper*; *chácar[a]* – *chácar*; *cúmplic[e]* – *cúmplicis*; *apêndic[e]* – *apêndis*. A apócope da sílaba final (*dádi[va]* – *dádi*; *déci[mo]* – *déci*) mostrou-se mais efetiva, correspondendo a 96% dos casos em que o processo de supressão se manifestou.

A hipótese preliminar de que a apócope da sílaba final apresentaria taxa de aplicação superior à taxa da apócope da vogal final foi confirmada. Isso ocorreu, pois a queda da vogal final, assim como no latim (cf. Capítulo 1, seção 1.3), incidiu apenas quando a consoante em posição de ataque da última sílaba pôde ocupar a posição de coda da sílaba anterior, como se observa nos casos expostos no parágrafo precursor.

Visto que poucos casos de apócope da vogal final foram registrados, optou-se por realizar a inspeção acústica dos mesmos⁴⁶, a fim de comprovar a queda. Vale destacar que uma análise acústica não foi priorizada neste estudo, pois os dados fornecidos pelo banco VARSUL adequam-se principalmente a análises de natureza perceptual.

A Figura 14 a seguir ilustra a produção da palavra *apêndice*.

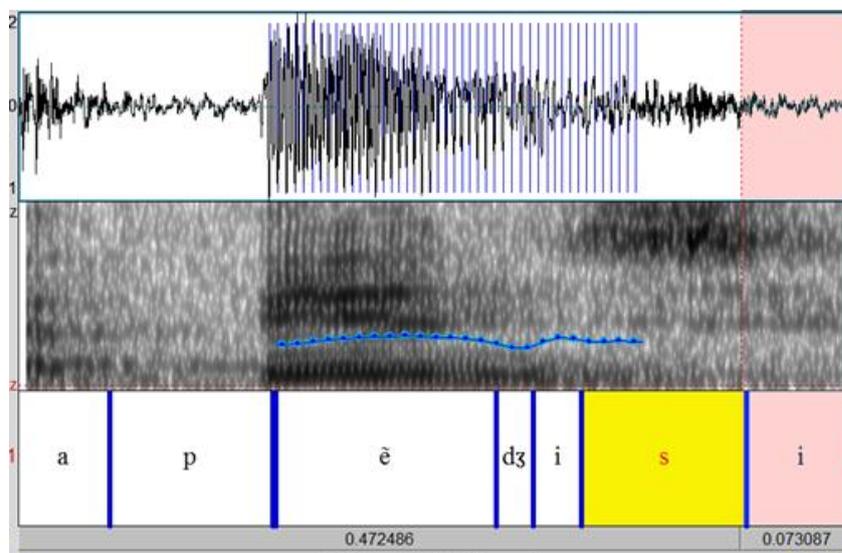


Figura 14 – Inspeção acústica da produção da palavra *apêndice*

⁴⁶ Não foi possível realizar a inspeção acústica de todas as cinco ocorrências de queda da vogal postônica final, pois três dessas não apresentaram qualidade acústica para uma investigação apurada através do *Praat*.

Nesse caso, como é possível perceber, a vogal final /i/ que, na análise de oitava havia sido apontada como uma vogal suprimida, na verdade sofreu apenas um processo de desvozeamento. Observa-se que a barra de sonoridade, a curva de *pitch* e os pulsos não alcançam a vogal pós-tônica final, o que indica, portanto, que essa não foi produzida com vozeamento.

A Figura 15, por sua vez, mostra a produção da sequência *chácara de*:

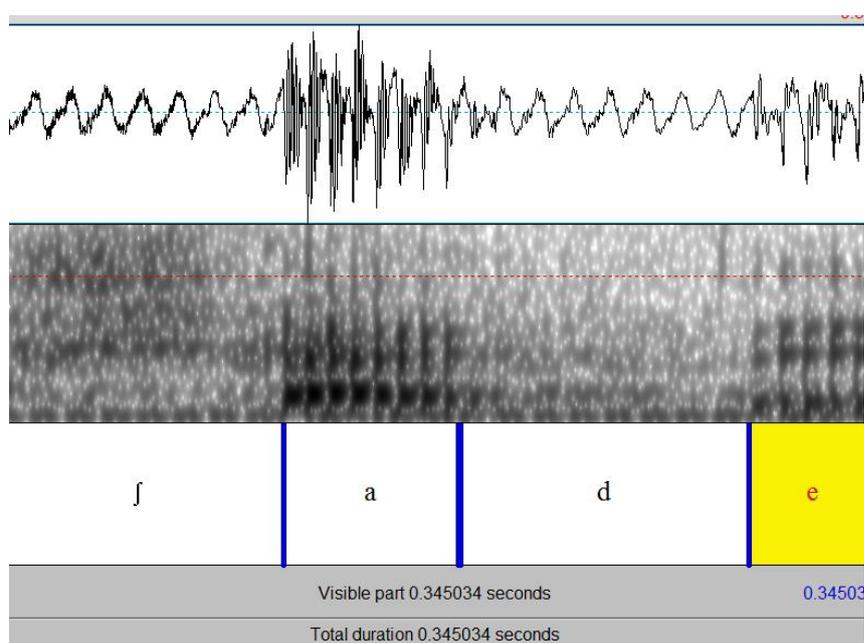


Figura 15 – Inspeção acústica da produção da sequência *chácara de*

Conforme a Figura 15, o caso identificado como apócope da vogal final, na realidade, trata-se de um processo no qual a queda da sílaba pós-tônica não-final e final ocorrem concomitantemente. Em outros termos, o processo de síncope da sílaba pós-tônica medial e apócope da sílaba final manifestaram-se (*chá[cará] – chá*).

Além dos processos de apócope vocálica, perceberam-se nos dados em análise muitos casos de queda da sílaba final resultante de um processo de haplologia. Tais ocorrências, expressas no Quadro 19 a seguir, foram excluídas da amostra.

Processo	Palavra	Realização	No de ocorrências
Apócope da sílaba final resultante de haplologia	bêbado daí	bêba[daí]	1
	cômodo depois	como[de]pois	1
	córrego grande	corre[grã]de	1
	crédito tudo	crédi[tu]do	1
	empréstimos mas	emprésti[mas]	1
	época quando	épo[kwã]do	1
	época que	épu[ke]	9
	exército tá	exérci[tá]	2
	exército tava	exérci[ta]va	1
	fanático que	fanáti[ke]	1
	lógico que	lógi[ke]	3
	médico que	médi[ke]	1
	Policlínica que	Policlíni[ke]	1
	político com	políti[kom]	2
	sábado de	sába[de]	4
	sábado domingo	sába[do]mingo	6
trânsito de	trânsi[de]	2	
único que	úni[ke]	1	

Quadro 19 – Ocorrências de haplologia em proparoxítonos

Dessa forma, a análise binária levou em consideração como apócope casos de *apócope da vogal final* e *apócope da sílaba final*. A taxa percentual de aplicação do processo de apócope em relação ao de não aplicação encontra-se exposta no Gráfico 13.



Gráfico 13 – Índice percentual de aplicação *versus* de não-aplicação – apócope

Segundo o Gráfico 13, do total de 2.192 proparoxítonos investigados, 116 sofreram o processo de apócope, o que corresponde a cerca de 5% dos dados. Os demais proparoxítonos, cerca de 95%, não sofreram o processo de queda de segmentos terminais.

Conforme se supunha no início da presente pesquisa, o processo de apócope apresentou baixo índice de aplicação nos dados da amostra considerada (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.1). Essa hipótese fundamentou-se nos poucos casos de aplicação do fenômeno apresentados pelas pesquisas de Caixeta (1989) e Ramos (2009), ambas relativas ao português brasileiro.

Na seção subsequente, as variáveis linguísticas apontadas como relevantes à aplicação do processo de apócope serão apresentadas e discutidas.

5.2.2.2 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas como influenciadoras do processo de apócope foram: *Traço de Articulação da Vogal*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e *Tipo de Acento*. Cada uma das variáveis aludidas será exposta separadamente nas seções subsequentes.

5.2.2.2.1 Traço de Articulação da Vogal

O *Traço de Articulação da Vogal* foi eleita a variável de maior relevância à aplicação do processo de apócope. O comportamento de cada um dos fatores que compõem a variável encontra-se expresso na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6 – *Traço de Articulação da Vogal* e apócope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM
labial (número)	74/992	7,5
coronal (apêndice)	5/60	8,3
dorsal (chácara)	37/1140	3,2
TOTAL	116/2192	5,3

Input:0,044
Significance:0,016

A Tabela 6, cujos resultados são apresentados apenas em porcentagens, indica *coronal* e *labial* como os fatores que mais favorecem a aplicação de apócope. No entanto, nota-se que há um desequilíbrio significativo entre o número de proparoxítonos que apresentam as vogais coronais /i/ e /e/ em posição pós-tônica medial e aqueles que apresentam ou a vogal dorsal /a/ ou as vogais labiais /o/ e /u/ na mesma posição: foram registrados apenas 60 proparoxítonos com vogais coronais em posição pós-tônica terminal em comparação a 992 proparoxítonos com vogal labial e a 1140 com vogal dorsal na mesma posição. Dessa forma, com a finalidade de tornar a análise mais efetiva, as vogais labiais e vogais coronais foram unidas em um único fator.

Em acréscimo, tal amálgama também pode ser justificado pelo fato de que as vogais *coronais* e *labiais*, em pauta pós-tônica final, são passíveis ao processo de neutralização. A dorsal, no entanto, configura-se como a vogal mais estável na referida posição (cf. Capítulo 1, seção 1.1).

Os resultados referentes a essa variável encontram-se exibidos na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – *Traço de Articulação da Vogal e apócope em proparoxítonos*

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
labial e coronal (número/apêndice)	79/1052	7,5	0,603
dorsal (chácara)	37/1140	3,2	0,405
TOTAL	116/2192	5,3	

Input: 0,044

Significance: 0,016

A Tabela 7 mostra que as vogais coronais (/i/, /e/) e as vogais labiais (/o/, /u/) foram as que mais favoreceram o apagamento, com peso relativo correspondente a 0,603. Por outro lado, a vogal dorsal (/a/) foi indicada como pouco colaboradora do processo de apócope, com peso relativo de 0,405.

Embora o presente trabalho não tenha oferecido uma hipótese específica com relação a presente variável, o resultado apresentado de que as vogais labiais e coronais favoreceram a queda da sílaba final vai ao encontro dos resultados oferecidos por Fernandes (2007), cujo estudo, realizado com base no português europeu, apontou a vogal [u] como mais suscetível à queda em comparação aos demais segmentos vocálicos analisados (cf. Capítulo 3, seção 3.1).

5.2.2.2.2 *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*

A segunda variável apontada como relevante à atuação do processo de apócope foi a variável *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*. Dos fatores componentes dessa variável, o *alveolar* foi apontado como aquele que exerce maior influência sobre a manifestação da apócope, com peso relativo de 0,636. O fator *velar*, apresentando peso relativo de 0,475, mostrou-se próximo do ponto neutro. Por fim, o fator *labial*, com peso relativo de 0,351, não influenciou o processo de apócope. Os resultados relativos a cada um dos fatores que compõem essa variável encontram-se na Tabela 8.

Tabela 8 – *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e apócope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
alveolar (árvore)	52/555	9,4	0,636
velar (bíblico)	54/1349	4,0	0,475
labial (mínimo)	10/288	3,5	0,351
TOTAL	116/2192	5,3	

Input: 0,044

Significance: 0,016

A hipótese inicial norteadora dessa variável era a de que as consoantes alveolares seriam destacadas como favorecedoras do processo de apócope, pois, no latim vulgar, o processo de apagamento manifestou-se essencialmente em palavras em que a queda da vogal final gerava sílabas válidas, isto é, a supressão vocálica só ocorria quando a consoante que a precedia estava apta a ocupar a posição de coda da sílaba anterior (cf. Capítulo 1, seção 1.3). Nos casos em que a apócope da vogal terminal foi perceptualmente observada (*númer[o]* – *númer*, *vésper[a]* – *vésper*, *chácar[a]* – *chácar*, *cúmplic[e]* – *cúmplicis*, *apêndic[e]* – *apêndis*), percebe-se que a hipótese preliminar foi confirmada.

A pressuposição inicial referente à variável *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* não se pautou nos resultados divulgados por Fernandes (2007), pois, no português europeu, consoantes não licenciadas pelo sistema fonológico da língua foram, em consequência do apagamento da vogal final, encontrados na posição de coda.

Pressupunha-se, neste estudo sobre o português brasileiro, que a queda da vogal pós-tônica final, de modo distinto do que foi narrado no estudo sobre o português europeu, manifestar-se-ia exclusivamente nos contextos em que a supressão vocálica gerasse uma sílaba bem-formada. Entretanto, como mencionado na seção 5.3.1.1, a apócope da vogal final (*númer[o]* – *númer*, *chácar[a]* – *chácar*) foi inexpressiva e a apócope silábica (*rápi[do]* – *rápi*, *sába[do]* – *sába*) foi registrada em maior número.

Fernandes (2007), apesar de ter se dedicado à análise da queda da vogal final, relatou que, em muitos dados, após a queda da vogal, a consoante precedente havia se tornado surda

(cf. Capítulo 3, seção 3.1). De forma mais clara, a autora destacou que as consoantes que precediam as vogais finais suprimidas haviam sido desvozeadas, entretanto apresentavam ainda um traço de aspiração.

Nas palavras da pesquisadora:

Para além de poder ser provocada pelo contexto fonológico adjacente, a queda de vogais não acentuadas modifica, por vezes, os segmentos próximos dessas vogais. A ausência da vogal não é, por vezes, uma ausência total já que alguns traços podem reflectir-se nas consoantes que as seguem ou as precedem. Como constatamos no nosso *corpus*, a redução e o apagamento das vogais átonas finais provocam algumas alterações no contexto consoântico adjacente (FERNANDES, 2007, p. 106).

Baseada em Companys (1954, p. 114), Fernandes (2007, p. 106) alegou, portanto, que a supressão vocálica final incita a aspiração da consoante anterior à vogal a qual, por sua vez, é pronunciada como um *sopro surdo*. Tal fato sugere que os dados interpretados neste trabalho como casos de apócope silábica possam representar um processo de desonorização, em que a consoante precedente à vogal apenas perde o traço de vozeamento, sem ser, no entanto, suprimida.

Fernandes (2007) destacou também que, nos dados analisados, a maioria das vogais finais apagadas encontrava-se antecedida pelos seguintes segmentos: /l/ – líquida lateral (*sécul[o] – sécul*) – ; /r/ – líquida vibrante (*número – núme[r]*) – ; /m/ – consoante nasal labial (*péssim[o], péssim*) – ; /d/ – consoante alveolar vozeada (*cômod[o] – cômod*) – ; e /g/ – consoante velar vozeada (*trôpego – tropêg*). Com a finalidade de estabelecer um paralelo com os resultados apresentados pelo trabalho lusitano, os quadros a seguir fazem referência aos proparoxítonos que sofreram o processo de apócope e que apresentam, como segmento antecedente à vogal pós-tônica final, consoantes alveolares, velares e labiais, respectivamente.

Conforme as informações oferecidas pelo Quadro 20, a seguir, nota-se que os proparoxítonos que apresentaram uma consoante alveolar vozeada, situada antes da vogal pós-tônica final, sofreram o processo de apócope silábica com mais frequência do que os esdrúxulos que apresentavam uma consoante alveolar desvozeada na posição de ataque da sílaba terminal. Dos 16 tipos de itens lexicais apresentados no Quadro 20, apenas 5 apresentariam coda oclusiva, caso a queda da vogal final ocasionasse desvozeamento da consoante precedente, o que não foi possível perceber apenas com um exame de oitiva. Os outros 11 itens ofereceriam codas desvozeadas licenciadas pelo sistema.

Consoante Alveolar Vozeada		Consoante Alveolar Desvozeada	
(Santo) Ângelo	3	crédito	1
árvore	3	exército	2
apóstolo	1		
bêbado	1		
chácara	5		
círculo	1		
dúvida	1		
escândalo	2		
espetáculo	1		
estímulo	1		
fósforo	9		
método	1		
número	1		
quilômetro	3		
sábado	10		
rápido	1		
TOTAL	41		TOTAL

Quadro 20 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente alveolar à vogal pós-tônica final

O Quadro 21 indica que as consoantes velares desvozeadas situadas antes da vogal final atuaram de forma mais significativa do que as consoantes velares vozeadas. Do total de 54 palavras que sofreram o processo de supressão e que apresentavam o contexto velar anterior à vogal terminal, 53 apresentavam uma velar desvozeada.

Consoante Velar Vozeada		Consoante Velar Desvozeada	
estômago	2	automática	1
		bíblico	1
		característico	1
		católica	4
		católico	1
		científico	1
		crônica	1
		elétrica	1
		elétrico	1
		eletrônico	2
		época	8
		evangélico	1
		fábrica	2
		fanático	1
		folclórico	3
		lógico	2
		matemática	3
		mecânico	1
		médico	4
		política	3
		político	2
público	1		
república	3		
técnica	1		
turístico	2		
zoológico	1		
TOTAL	1	TOTAL	53

Quadro 21 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente velar à vogal pós-tônica

Por fim, o Quadro 22 mostra que as consoantes labiais vozeadas em relação às desvozeadas foram as que mais contribuíram para a manifestação da apócope. Entretanto, a contribuição do fator à atuação do processo não foi apontada na Tabela 8 pela análise estatística como significativa.

Consoante Labial Vozeada		Consoante Labial Desvozeada	
dádiva	1	filósofo	1
décimo	1	historiógrafa	1
mínimo	1		
ônibus	4		
ótimo	1		
TOTAL	8	TOTAL	2

Quadro 22 – Proparoxítonas apocopadas com contexto precedente labial à vogal pós-tônica final

A partir da exposição dos quadros, as semelhanças entre os resultados atingidos por esta pesquisa e os que foram alcançados por Fernandes (2007) tornaram-se mais evidentes.

Lemle (1971, p. 21), de forma semelhante à Fernandes (2007), no trabalho intitulado *Phonemic system of the Portuguese of Rio de Janeiro*, faz referência a consoantes vozeadas que muitas vezes perdem o traço de vozeamento em função do ambiente fonético em que se encontram. A autora indica que a consoante /d/, por exemplo, pode perder o traço de vozeamento quando situada em sílaba pós-tônica e seguida por uma vogal desvozeada. Como exemplo, a autora cita o esdrúxulo *lâmpada* que, em função da perda da sonoridade da consoante em posição de ataque da última sílaba, é muitas vezes pronunciada como *lâmpa[t]a*.

Além disso, Lemle (1971, p. 19) também faz referência à possibilidade de desvozeamento das consoantes vozeadas /l/, /r/, /g/, /m/, /v/, geralmente quando essas encontram-se seguidas por vogais desvozeadas, como, por exemplo, nas palavras *sala*, *caro paga* (*paka*), *lama*, *leve* (*lefe*).

A fim de verificar se os processos identificados perceptualmente como quedas silábicas finais tratavam-se realmente de processos de apagamento e não apenas de manifestações de desvozeamento, algumas produções oriundas de gravações com melhor qualidade de áudio foram submetidas à inspeção acústica.

A Figura 16, a seguir, ilustra a produção da sequência *político essas coisas*, apontada pela análise de oitiva como apócope da sílaba final.

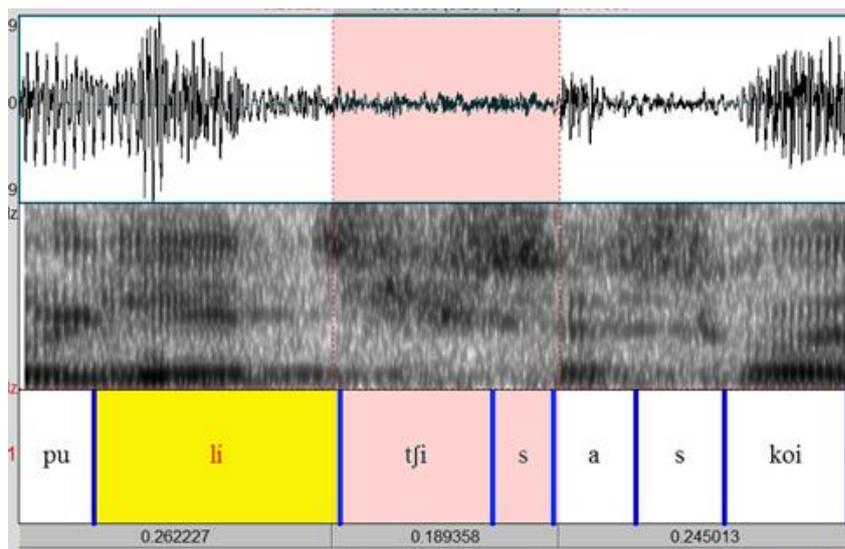


Figura 16 – Inspeção acústica da produção da sequência *político essas coisas*

De acordo com a Figura 16, é possível verificar que, de fato, a sílaba pós-tônica final foi suprimida. Na área destacada, observa-se apenas o ruído referente às fricativas [tʃ] e [s].

A Figura 17 a seguir, por sua vez, ilustra a produção da sequência *Santo Ângelo Santa Rosa* identificada como *Santo Ânge*, pela análise perceptual.

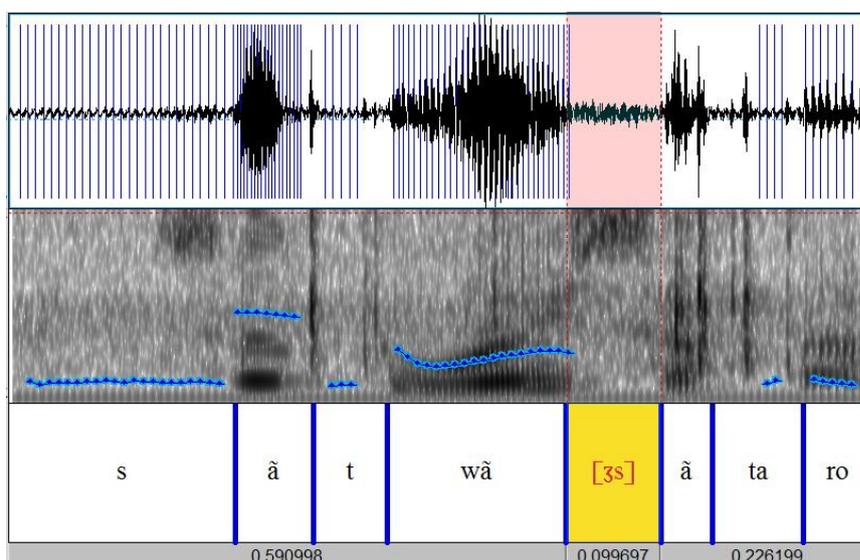


Figura 17 – Inspeção acústica da produção da sequência *Santo Ângelo Santa Ro[sa]*

O resultado apontado pela investigação de cunho perceptual, que havia identificado a queda da sílaba final do vocábulo em questão, foi confirmado. Segundo revela a Figura 17,

entretanto, identifica-se também a queda da vogal pós-tônica não-final. Dessa forma, a ilustração indica que o processo de apócope da sílaba final ocorreu concomitante ao processo de síncope da vogal pós-tônica medial.

Por fim, a Figura 18 refere-se à produção da sequência *ai oito quilômetros pra vim* na qual a palavra *quilômetro* foi identificada perceptualmente como *quilôme*.

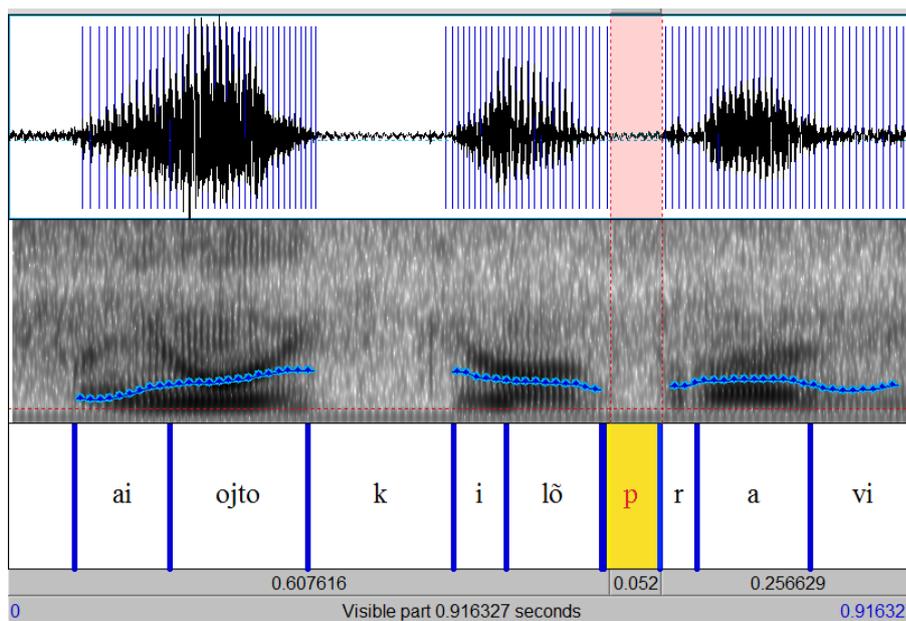


Figura 18 – Inspeção acústica da produção da sequência *ai oito quilômetros pra vi[m]*

Conforme as informações expressas pela Figura 18, os processos de apócope da sílaba final e síncope da vogal pós-tônica não-final foram observados. O trecho destacado na ilustração indica que a apócope realmente ocorreu.

Apesar do pequeno número de dados submetidos à inspeção acústica não ter permitido a elaboração de resultados conclusivos, é possível afirmar que o processo de apócope silábica manifesta-se nos esdrúxulos no português moderno. Entretanto, é possível que alguns casos identificados a partir da análise de oitiva como queda da sílaba, na verdade, representem apenas processos de desonorização. Em outras palavras, o apagamento observado pode significar um processo de desvozeamento das vogais e consoantes, visto que as sílabas pós-tônicas finais de esdrúxulos são apontadas como fracas e, portanto, suscetíveis à incidência de uma larga gama de processos (cf. Capítulo 1, seção 1.1).

5.2.2.2.3 Tipo de Acento

O terceiro grupo de fatores identificado como relevante à aplicação do processo de apócope foi o *Tipo de Acento*. Vale destacar que o fator *incidência de acento frasal e enfático* (cf. Capítulo 4, seção 4.5.2.1.7) foi apontado como *knockout* na análise anterior e, portanto, excluído. Como mostra a Tabela 9, o fator *incidência do acento frasal* foi apontado como colaborador do processo de apócope, apresentando peso relativo de 0,604. Por outro lado, o fator *sem incidência de acento frasal ou enfático* não desempenhou papel significativo na manifestação da apócope, com peso relativo correspondente a 0,496. O fator *incidência de acento enfático* mostrou-se como não-favorecedor do processo, com peso relativo correspondente a 0,174.

Os resultados relativos ao comportamento de cada um dos fatores dessa variável encontram-se expressos na Tabela 9.

Tabela 9 – *Tipo de Acento* e apócope em proparoxítonos

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
incidência de acento frasal	31/403	7,7	0,604
sem incidência de acento frasal ou enfático	84/1696	5,0	0,496
incidência de acento enfático	1/93	1,1	0,174
TOTAL	116/2192	5,3	

Input: 0,044

Significance: 0,016

Os exemplos referentes à aplicação do fenômeno de apócope nos três fatores referidos encontram-se a seguir:

Incidência de acento frasal

Tinha o seu ‘méto[do].

(Informante 16, Porto Alegre)

Sem incidência de acento frasal ou enfático

Dá um estímulo[lo] tão grande pra criança ‘né?

(Informante 16, Porto Alegre)

Incidência de acento enfático

Fui operado do <apêndice> aqui <pausa>

(Informante 19, Pato Branco)

Acreditava-se, no princípio do trabalho, que as palavras sobre as quais os acentos enfáticos ou frasais não recaíam seriam aquelas que apresentariam maior taxa de aplicação dos processos de apagamento. Entretanto, os resultados expostos na Tabela 9 vão de encontro à hipótese preliminar, pois apontam que as palavras sobre as quais o acento frasal recai são aquelas que demonstraram ser mais propícias ao apagamento de segmentos terminais.

Dessa forma, é possível identificar que quando os proparoxítonos encontram-se no final da frase, o acento frasal, que no português equivale ao acento da palavra que se encontra mais à direita do enunciado, corresponde ao da sílaba tônica dos esdrúxulos. Os elementos pós-tônicos finais, caracterizados como fracos, ficam ainda mais suscetíveis ao apagamento, como demonstram os resultados exibidos.

5.2.2.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas, delimitadas como possíveis influenciadoras do processo de apócope, não foram selecionadas como significativas à manifestação do processo de queda da vogal/sílaba pós-tônica final. Desse modo, as variáveis sociais *Faixa Etária*, *Sexo* e *Região*, foram cruzadas entre si, com a finalidade de observar se realmente nenhum fator de

ordem social contribuiu para a atuação do processo. Entretanto, nenhum dos cruzamentos foi selecionado. Isso indica que os fatores externos ao sistema linguístico não desempenharam papel na aplicação do fenômeno de apócope nos dados examinados.

Assim como na primeira análise relativa à síncope, a variação individual foi observada.

O Quadro 23 e o Gráfico 14, a seguir, indicam a porcentagem de aplicação de apócope de cada um dos informantes.

Infor.	Total de Proparoxítonas	Aplicação de síncope	Aplic./ Total	Infor.	Total de Proparoxítonas	Aplicação de síncope	Aplic./ Total
1	35	2	5,7%	27	92	5	5,4%
2	12	1	8,3%	28	44	4	9,1%
3	32	3	9,4%	29	76	1	1,3%
4	29	1	3,4%	30	46	1	2,2%
5	41	4	9,8%	31	33	1	3,0%
6	48	4	8,3%	32	48	2	4,2%
7	20	1	5,0%	33	20	1	5,0%
8	37	2	5,4%	34	31	2	6,5%
9	39	1	2,6%	35	59	3	5,1%
10	87	5	5,7%	36	45	1	2,2%
11	43	7	16,3%	37	77	2	2,6%
12	11	1	9,1%	38	25	2	8,0%
13	31	1	3,2%	39	62	4	6,5%
14	58	4	6,9%	40	23	3	13,0%
15	34	2	5,9%	41	42	3	7,1%
16	40	1	2,5%	42	52	1	1,9%
17	55	2	3,6%	43	37	4	10,8%
18	83	1	1,2%	44	19	1	5,3%
19	64	1	1,6%	45	60	1	1,7%
20	41	2	4,9%	46	52	1	1,9%
21	36	1	2,8%	47	38	5	13,2%
22	27	3	11,1%	48	30	1	3,3%
23	26	2	7,7%	49	56	1	1,8%
24	14	1	7,1%	50	19	4	21,1%
25	56	1	1,8%	51	89	7	7,9%
26	50	1	2,0%				

Quadro 23 – Taxa de aplicação de apócope por indivíduo

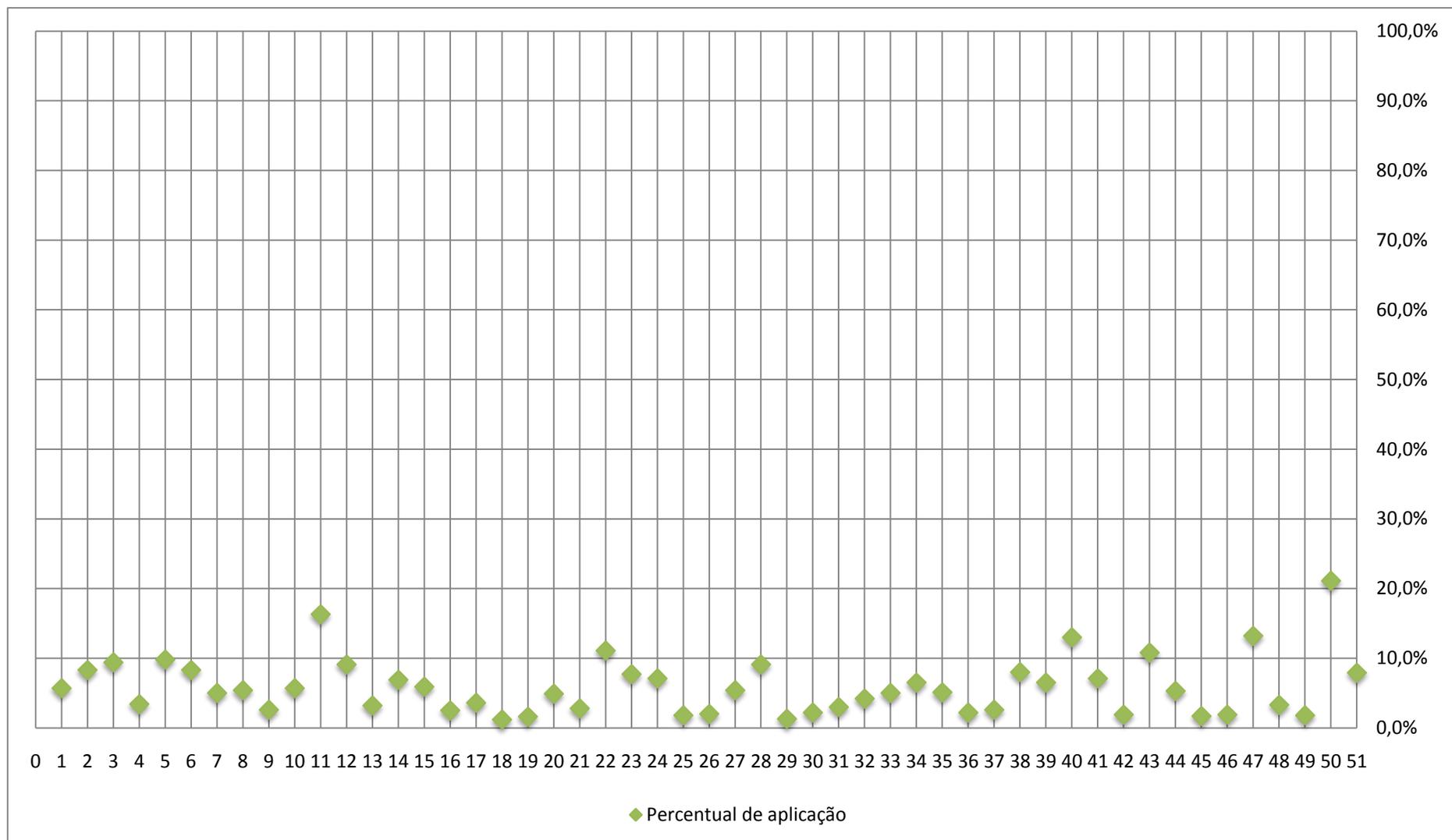


Gráfico 14 – Taxa de aplicação de apócope por indivíduo

Com base nas informações expressas pelo Quadro 23 e ilustradas pelo Gráfico 14, percebe-se que as taxas de aplicação não excedem 21, 2%: o informante de número 50 é aquele que apresenta maior taxa de aplicação, equivalente a 21,1%, seguido pelo informante de número 11, com taxa de aplicação correspondente a 16,3%. A taxa de aplicação mais baixa é a do informante 18, de 1,2 %. Os demais informantes, por sua vez, apresentam baixa taxa de aplicação, todas inferiores a 15%.

5.3 SÍNCOPE E APÓCOPE EM PROPAROXÍTONOS

Os processos de síncope e a apócope, conforme revelou a análise estatística apresentada, foram identificados pela presente pesquisa como responsáveis pela redução de vocábulos esdrúxulos portugueses em paroxítonos no português moderno. Em vista disso, buscou-se identificar as semelhanças e diferenças entre os dois processos de apagamento.

A análise estatística revelou baixas taxas de aplicação para ambos os fenômenos. O índice percentual de incidência de síncope correspondeu a 8% e o de apócope, a 5% dos dados em exame. Com base nas percentagens de aplicação é possível verificar que, apesar de a língua portuguesa ser caracterizada como uma língua de ritmo paroxítono, os processos que incidem nos proparoxítonos, reduzindo-os em paroxítonos, apresentaram manifestação irrisória, na amostra considerada, se comparada ao índice de proparoxítonos conservados.

Dentre os processos de síncope, a queda da vogal pós-tônica não-final (*xícara – xícra, fósforo – fósfro*) foi observada com maior frequência do que os demais processos. Além disso, a elisão da vogal pós-tônica medial, assim como nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), ocorreu em um número limitado de contextos. De forma mais específica, a síncope foi observada exclusivamente em ambientes nos quais a nova sílaba, incitada pelo processo de supressão, obedeceu tanto aos princípios universais quanto às condições específicas do português.

No que diz respeito ao processo de síncope, as variáveis selecionadas como relevantes à aplicação do fenômeno foram: *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*, *Extensão da Palavra*, *Classe Gramatical* e *Traço de Articulação da Vogal*. A variável *Traço de Articulação da Vogal* foi a variável eleita como mais relevante à aplicação do processo, sendo as líquidas (lateral e vibrante) caracterizadas como aquelas que mais colaboram à manifestação do processo. A variável *Contexto*

Fonológico Precedente à Vogal foi a segunda variável apontada como significativa à atuação do processo de síncope e os fatores velar e labial foram destacados como os fatores mais relevantes. A variável *Extensão da Palavra* foi designada como favorecedora e os proparoxítonos com mais de três sílabas foram aqueles sobre os quais a síncope incidiu de forma mais expressiva. A variável *Classe Gramatical*, quarta variável identificada como estimuladora da atuação do processo de redução, apontou os substantivos como aqueles que mais sofrem ação da síncope. Por fim, a variável *Traço de Articulação da Vogal* foi a última selecionada: a vogal dorsal e as vogais labiais foram referidas como condicionadoras da queda de segmentos pós-tônicos medias.

As variáveis sociais não mostraram participação significativa na aplicação do fenômeno. Desse modo, após a realização de cruzamentos entre todas as variáveis sociais delimitadas, a iteração entre *Faixa Etária e Sexo* foi destacada como significativa. O cruzamento, indicativo de uma mudança em andamento, no entanto, foi desmitificado. Verificou-se que os resultados gerados eram afetados pelo índice de aplicação individual e não refletiam, portanto, o comportamento do grupo.

Em relação aos processos de apócope, diferentemente do que foi observado na análise referente à síncope, a sílaba (*sábado – sába, médico – medi*) manifestou mais queda do que a vogal final (*véspera, véper, chácara – chácara*). Mesmo assim, o índice de aplicação foi baixo, correspondente a 5%. Os cinco dados em que a apócope da vogal terminal manifestou-se pela análise de oitiva indicam que o processo, na amostra considerada, só incidiu quando a consoante que a acompanhava pôde assumir a posição de coda da sílaba anterior. No entanto, a inspeção acústica, de dois dos cinco casos, indicou queda das duas sílabas pós-tônicas em apenas um deles.

A variável *Traço de Articulação da Vogal*, variável indicada como mais significativa, apontou as vogais labiais (*apóstolo – apósto*) e coronais (*árvore - árvo*) como aquelas com maior propensão à queda. A variável *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*, segunda variável selecionada, revelou as consoantes alveolares como propícias ao apagamento. No que diz respeito à variável *Tipo de Acento*, observou-se que os proparoxítonos sobre os quais o acento frasal recaiu foram aqueles nos quais o processo de apócope incidiu de forma mais significativa.

As variáveis extralinguísticas, por sua vez, não desempenharam papel no condicionamento do processo. A variação individual confirma esse resultado, pois as taxas de aplicação individual são próximas e muito baixas.

A partir das constatações feitas, é possível afirmar que os processos de apagamento – síncope e apócope – na análise realizada, indicam serem regulados pela sílaba. Nenhum dos processos violou os princípios universais e condições específicas da língua nos casos de aplicação analisados: a síncope foi observada quando a reorganização da sílaba afetada pelo apagamento da vogal pós-tônica não-final havia sido autorizada pelo sistema; a apócope, por sua vez, foi verificada majoritariamente em relação à sílaba pós-tônica final, sem afetar, assim, a estrutura silábica do vocábulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, apoiado nos pressupostos teórico-metodológicos variacionistas, comprometeu-se com a descrição e análise da atuação dos processos de síncope (*xícara – xícra*) e apócope (*sábado – sába*), apontados pela literatura como responsáveis pela redução de proparoxítonos no português moderno. Dessa forma, os processos de supressão foram investigados na fala vernacular de informantes com baixo grau de instrução oriundos dos três estados sulinos do Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina).

Com a finalidade de alcançar o objetivo principal delimitado, quatro objetivos específicos foram estipulados: identificação da natureza dos fenômenos em análise, isto é, se ambos se tratam de processos variáveis; identificação de indícios que apontem que os fenômenos investigados seriam processos em variação estável ou de mudança em andamento; delimitação dos fatores linguísticos e sociais que atuam como favorecedores à manifestação dos processos de supressão segmental em posição pós-tônica.

A síncope em proparoxítonos, sem dúvidas, trata-se de uma regra variável, fato comprovado pelos estudos de cunho variacionista de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009). No entanto, apesar de as variáveis sociais não terem desempenhado papel relevante no presente trabalho, é possível presumir que tal fato ocorreu em virtude de a variável *Escolaridade*, variável social apontada como a mais influente à aplicação de síncope, não ter sido considerada como uma dimensão de análise, já que os informantes selecionados para a composição da amostra possuem de zero a quatro anos de estudo.

As variáveis indicadas como relevantes à atuação do processo de síncope foram: *Contexto Fonológico Seguinte à Vogal*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal*, *Extensão da Palavra*, *Classe Gramatical* e *Traço de Articulação da Vogal*. Conforme a análise e discussão apresentadas, verificou-se que o processo de queda da vogal pós-tônica não-final manifestou-se, essencialmente, quando os elementos vizinhos (elementos precedentes e subsequentes à vogal pós-tônica não-final) possibilitaram a criação de uma nova sílaba que estivesse de acordo com o sistema fonológico do português.

A apócope em esdrúxulos, por sua vez, não mostrou ser um fenômeno socialmente condicionado nos dados da amostra examinada. No entanto, não é possível afirmar categoricamente que o processo não apresente natureza variável, visto que a escolaridade dos informantes não foi considerada como uma dimensão de análise na presente pesquisa. Desse modo, pode-se afirmar que o processo de apócope, nesta análise, apresentou-se como um fenômeno linguisticamente condicionado.

As variáveis apontadas pela análise estatística como relevantes à manifestação do processo de apócope foram: *Traço de Articulação da Vogal*, *Contexto Fonológico Precedente à Vogal* e *Tipo de Acento*. Assim como a síncope, a manifestação do processo de apagamento de segmentos terminais preservou a estrutura da sílaba, fato observado nos casos de apócope da vogal final, nos quais o elemento vocálico foi suprimido apenas quando a consoante que o precedia pôde ocupar a posição de coda da sílaba antecedente, e nos casos de apócope silábica, os quais não incitaram nenhum processo de ressilabificação.

Diferentemente da síncope em proparoxítonos, processo que tem sido tema de diversas pesquisas sobre o português brasileiro, a apócope em esdrúxulos, como relatado durante o desenvolvimento do corrente texto, trata-se de um fenômeno carente de sistematização. Desse modo, julgou-se necessário expor pontos relevantes que não foram investigados profundamente neste trabalho, com a finalidade de auxiliar pesquisas futuras relativas ao tema.

O primeiro ponto que merece ser destacado envolve a discussão referente à efetivação ou não do processo de apócope em esdrúxulos. A presente pesquisa identificou perceptualmente o apagamento terminal, entretanto, as pesquisas de Lemle (1971) e Fernandes (2007) sugerem outras interpretações para o fenômeno. Com base nas informações apresentadas pelas pesquisadoras, é possível presumir que as quedas apontadas pela análise de oitava possam representar, na verdade, processos de dessonorização.

Outro ponto relevante à investigação é a relação entre o processo de apócope e os aspectos prosódicos da língua portuguesa. A seleção da variável *Tipo de Acento* revelou que o apagamento de segmentos terminais em esdrúxulos foi observado quando esses encontravam-se no final das sentenças.

Na tentativa de comparar o comportamento dos processos examinados no português brasileiro e no português europeu, é possível verificar, a partir dos resultados divulgados por Fernandes (2007) e dos apresentados por este estudo, que existem diferenças significativas na aplicação dos fenômenos de síncope e apócope nas duas modalidades da língua. Entretanto, apenas um estudo comparativo poderia confirmar essa premissa.

Em síntese, a presente pesquisa pretendeu contribuir com a descrição dos processos de síncope e apócope sobre vocábulos proparoxítonos na fala de informantes com baixo grau de instrução oriundos da região Sul do País. Os resultados atingidos e as discussões levantadas sugerem que ambos os processos - síncope e apócope – tratam-se, portanto, de fenômenos que atuam como redutores de esdrúxulos no português moderno.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Hucitec/INL, 1955.

AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 1999.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio; OLIVEIRA, Leonardo Couto de; VIARO, Mário Eduardo. *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português*. Cadernos de Estudos Linguísticos, v, 50, n. 1, p. 69-90, 2008.

ARAÚJO, Ruy Magalhães de. *Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico*. In: II Congresso de Letras da UERJ, São Gonçalo, 2005.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. *O sistema vocálico do português*. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 159-194.

BISOL, Leda. *O acento e o pé binário*. Letras de Hoje. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 29, n. 98, p. 25-36, dez. 1994.

_____. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, Maria Helena Moura (org.). *Gramática do português Falado*. Campinas: Editora Humanista/FFLCH/USP, 1999.

_____. (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____; MENON, Odete & TASCIA, Maria. *VARISUL, Um banco de dados*. In: Antony Julios Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BUENO, Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S*. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. 1ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-75.

CAIXETA, Valmir. *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1989.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yone. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. *A redução de proparoxítonas no português popular do Brasil: estudo com base em dados do Atlas linguístico do Paraná (ALPR)*, Estudos Linguísticos, São Paulo, 2008.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory. Linguistic Variation and Its Social Significance (Language in Society)*. Londres, Blackwell Publishing, 2009.

CLEMENTS, George N.; KEYSER, Samuel J. *CV phonology, a generative theory of the syllable*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1983.

CLEMENTS, George. N. *The role of the sonority incore syllabification*. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M.E (eds.). *Papers in laboratory phonology I*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

COLLISCHON, Gisela . *A sílaba em português*. IN: Bisol, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 101 -133.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1970.

_____. *Pontos de gramática histórica: linguística e filologia*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2007.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1955

FERNANDES, Ana Catarina Garcia. *Apagamento de Vogais Átonas em Trissílabos Proparoxítonos: um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Porto, Universidade do Porto, 2007.

GUY, Gregory. R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística Quantitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory. R. *Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion*. In: LABOV, W. *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, 1980.

HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

ITÔ, Junko. *Syllable theory in prosodic phonology*. Tese de doutorado. University of Massachussets, 1986.

KAHN, Daniel. *Syllable-based generalizations in English phonology*. Tese de Doutorado, MIT. 1976.

LABOV, William. *Contraction, Deletion, and Inherent Variability of the English Copula*. In: *Language*, 1969, p. 715 – 762.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 2008.

_____. *Principles of Linguistic change. Volume II: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LEMLE, Miriam. *Phonemic System of the Portuguese of Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Pensilvânia, Universidade da Pensilvânia, 1971.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry, n. 8, p. 249 – 336, 1977.

LIMA, Giselly de Oliveira. *O efeito da síncope de proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste Goiano*. Dissertação de Mestrado, Uberlândia, UFU, 2008.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo. *Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo – ndo na fala de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, João Pessoa: UFPB, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico – um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. Tese de Doutorado, Campinas, UNICAMP, 2005.

MAGALHÃES, José Sueli de. *O Acento dos Não Verbos No Português Brasileiro no Plano Multidimensional*. São Paulo: Alfa (ILCSE/UNESP), 2008.

MENON, Odete Pereira da Silva; FAGUNDES, Edson Domingos; LORENGIAN-PENKAL, Loremi. *The VARSUL Database*. In: Linguistic online, 2009.

MEIRELES, Alexsandro Rodrigues. *Reestruturações rítmicas da fala no português brasileiro*. Tese de doutorado, Campinas, UNICAMP, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luíza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2003.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht, Holanda: Forris, 1986.

NUNES, José J. *Compêndido de Gramática Histórica Portuguesa – fonética e morfologia*. 7ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. *Apagamento e Apagamento do (r) Final de Vocábulo na Fala de Itaituba*. Dissertação de Mestrado, Belém, UFPA, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição. *Transcrições de dados linguísticos*. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed, São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 101-116.

PAUSTON, Christina & TUCKER, Richard. *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Malden: Blackwell, 2003.

PRINCE, Alan. S. *Relating to the grid*. *Linguistic Inquiry*, 1983.

QUEDNAU, Laura. *O acento do latim ao português arcaico*. Tese de Doutorado, Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. *A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico*. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. 1ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79-97.

_____. *O Acento na evolução do latim clássico para o latim vulgar*. *Signum* (São Paulo), Londrina, v. 17, n. 1, p. 123- 147, 2004.

RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrições das vogais postônicas na variedade do noroeste paulista*. Dissertação de Mestrado, São José do Rio Preto, UNESP, 2009.

ROMAINE, Suzzane. *What is a speech community?* In: *Sociolinguistic Variation in Speech communities*. London: Edward Arnold, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SELKIRK, Elisabeth. *The Syllable*. In: HULST, Harry; SMITH, VanDer. *The structure of phonological representations*. Foris, Dordrecht, 1982.

SHUY, Roger W. A Brief History of American Sociolinguistics: 1949-1989. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard. *Sciolinguistics: the essential readings*. Blackwell Publishing, 2006.

SILVA, André Pedro da. *Supressão da vogal postônica não-final: Uma tendência das Proparoxítonas na Língua Portuguesa com Evidências na Falar Sapeense*. Dissertação de Mestrado, João Pessoa, UFP, 2006.

SILVA NETO, Serafim. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.

TRUBETZKOY, N. *Grundzüge der Phonologie*. Göttingen: Vandenhoeck: Ruprecht, 1939.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TENANI, Luciani. *Domínios Prosódicos do Português*. Tese de doutorado, Campinas, UNESP, 2002.

VASCONCELOS, Carolina. *Lições de filologia portuguesa: segundo as prelações feitas ao curso de 1911/1912*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

WEINREINCH, Uriel.; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

XIMENES, Luiza de Fátima Cabral. *Estudo linguístico-histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais*. Dissertação de Mestrado, Góias, UFG, 2005.

CONSULTA NA INTERNET

ARAGÃO, Maria do Socorro. *Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza*, Florianópolis, 1999. Disponível em <<http://www.profala.ufc.br/trabalho5.pdf>>.

ANEXO A – Proparoxítonos que sofreram síncope e apócope

Síncope da vogal pós-tônica não-final

abóbora (10)
agrícola (1)
árvore (7)
cálculo (1)
chácara (31)
círculo (3)
escândalo (1)
espetáculo (2)
espírito (2)
estábulo (1)
estômago (1)
Florianópolis (34)
fósforo (13)
Higianópolis (2)
máscara (1)
módulo (1)
óculos (1)
pétala (1)
Petrópolis (2)
quilômetro (3)
Rondonópolis (1)
Ridículo (2)
século (1)
Teresópolis (4)
título (2)
Veranópolis (3)
Véspera (2)
xícara (3)

Síncope da vogal pós-tônica não-final e consoante em posição de ataque

apóstolo (1)
árvore (7)
chácara (5)
círculo (1)
espetáculo (1)
estômago (1)
estímulo (1)
filósofo (1)
Florianópolis (17)
fósforo (9)
gráfica (1)
historiógrafa (1)
lâmpada (2)
método (1)
mínimo (1)
Petrópolis (1)
quilômetro (1)
sábado (1)
técnico (1)
úlceras (1)

Síncope da sílaba pós-tônica medial

bêbado (1)
Paralelepípedo (3)
sábado (1)

Apócope da sílaba final

Santo Ângelo (3)

árvore (3)

apóstolo (1)

automática (1)

bêbado (1)

bíblico (1)

característico (1)

católica (3)

católico (2)

chácara (5)

científico (1)

círculo (1)

crédito (1)

crônica (1)

dádiva (1)

décimo (1)

dúvida (1)

elétrica (1)

elétrico (1)

eletrônica (1)

eletrônico (1)

época (8)

escândalo (2)

espetáculo (1)

estímulo (1)

estômago (2)

evangélico (1)

exército (2)

fábrica (2)

fanático (1)

filósofo (1)

folclórico (3)
fósforo (9)
historiógrafa (1)
lógico (2)
matemática (3)
mecânico (1)
médico (4)
método (1)
mínimo (1)
número (1)
ônibus (4)
ótimo (1)
política (4)
político (1)
público (1)
quilômetro (3)
rápido (1)
república (3)
sábado (10)
técnica (1)
turístico (2)
zoológico (1)

Apócope da vogal final

apêndice (1)
chácara (1)
cúmplice (1)
número (1)
véspera (1)

ANEXO B – Adjetivos esdrúxulos com vogal coronal /i/ em posição pós-tônica medial

acústica	ecológico	ideológica	puríssimo
adiantadíssima	econômico	inedito	quilométrica
alcóolica	elétrica	íntimo	químico
alegórico	eletrônica	importantíssimo	rápido
aidética	energico	legítimo	reumática
aquático	epilético	líquido	rígida
arábicos	evangélico	lógico	riquíssimo
assustadíssimo	esclarecidíssima	mágica	romântico
atômica	espírita	máximo	santíssima
autêntico	estratégico	mecânica	simbólico
automático	estúpida	metálico	santíssimo
Automobilística	fanático	mínimo	seríssima
básica	fantástico	náutico	sintética
bélico	finíssima	ortopédicas	sólida
bíblico	física	ótimo	tácito
biológico	folclórico	pálido	técnico
burocrático	fortíssima	parabólica	telefônica
católico	fraquíssima	paralítica	teórico
característicos	geométrico	penúltimo	térmica
carismático	ginecológico	péssimo (a)	tímida
caríssimo	grandiosíssimo	pouquíssimo	típico
ciático	grávida	prática	tóxico
científico	gravíssimo	procuradíssima	transgênico
clássico	higiênico	pródigo	turístico
democrática	hípico	próximo	última
diabólica	histórico	psicotécnico	úmido
dinâmico	homeopático	psiquiátrico	único
doméstica	idêntica	pública	válido (a)
drástica			